GERARDO MELLO MOURÃO

CONTOS

PIERO DELLA FRANCESCA

OU

AS VIZINHAS CHILENAS

PIERO DELLA FRANCESCA ou AS VIZINHAS CHILENAS

Como tudo que tem saído de sua imaginação, de sua memória e de sua linguagem, estas páginas de ficção de Gerardo Mello Mourão estão certamente destinadas a ocupar um lugar privilegiado nas letras deste país. O autor nos deixa aqui, às vezes, diante da parábola pura, diante do conto, a história inventada e contada, em que as coisas, as pessoas e os lugares saltam vivos da inventada fantasia. Nesses contos, de resto, escritos quase todos em dias de exílio ou de peregrinação por outros países da América, há muitos nomes de pessoas reais. Talvez os fatos em que elas se envolvem nem sempre sejam mera coincidência. O próprio autor, porém, faz questão de deixar claro que ele mesmo não sabe se Abigaíl Gonçalves se suicidou ou se Miguel Eyquem continua a carregar Helena Vial na garupa de sua motocicleta.

Mas tanto no relato épico do Coronel paraguaio, como na aventura lawrenciana de Rosa Maria Bandera, é difícil distinguir entre a fantasia e a realidade, até porque a fantasia e a realidade são uma única e mesma coisa. Por outro lado, o autor não gostaria de ser identificado com as idéias de "O Herege" nem com as do dramático padre de "O Ópio do Povo". Está solidário com os dois e em discrepância com ambos. São estas as observações que ele nos pede sejam colocadas no pórtico deste livro, do qual cada página poderá permanecer inesquecível no espírito de quantos o leiam.

Uma edição GRD

PIERO DELLA FRANCESCA
ou
AS VIZINHAS CHILENAS

EDIÇÕES

OBRAS DO AUTOR:

— POESIA DO HOMEM, ed. Ariel, Rio de Janeiro, 1938

— DO DESTINO DO ESPÍRITO, Pongetti, Rio de Janeiro, 1941

— CABO DAS TORMENTAS, edição de 107 exemplares, ABRIL, Rio de Janeiro, 1950

— O VALETE DE ESPADAS, Rio de Janeiro, 1.ª e 2.ª edições, GRD, 1960 e 1965, 3.ª ed, Ed. Brasília, 1977, Rio de Janeiro,

1. ed. alemã, PIKBUBE, ed. Rowohlt, Hamburgo, 1963

1.ª ed. francesa, LE VALET DE PIQUE, Gallimard, Paris, 1966

1.ª ed. iugoslava, PIK-PUB, ed. Zora, Zagreb, 1969

1.ª ed. argentina, LA SOTA DE ESPADAS, ed. Sudamericana, Bs. Aires, 1975

1.ª ed. portuguesa, Liv. Bertrand, Lisboa, 1977

— TRÊS PAVANAS, GRD, Rio de Janeiro, 1961

— DOSSIÊ DA DESTRUIÇÃO, GRD, Rio de Janeiro, 1966

— O PAÍS DOS MOURÕES, GRD, (1.ª ed.), Rio de Janeiro, 1963, Paz e Terra (2.ª ed.), Rio de Janeiro, 1972

— PERIPÉCIA DE GERARDO, Paz e Terra, Rio de Janeiro, 1972

— RASTRO DE APOLO, GRD, S. Paulo, 1977

GERARDO MELLO MOURÃO

PIERO DELLA FRANCESCA

ou

AS VIZINHAS CHILENAS

contos

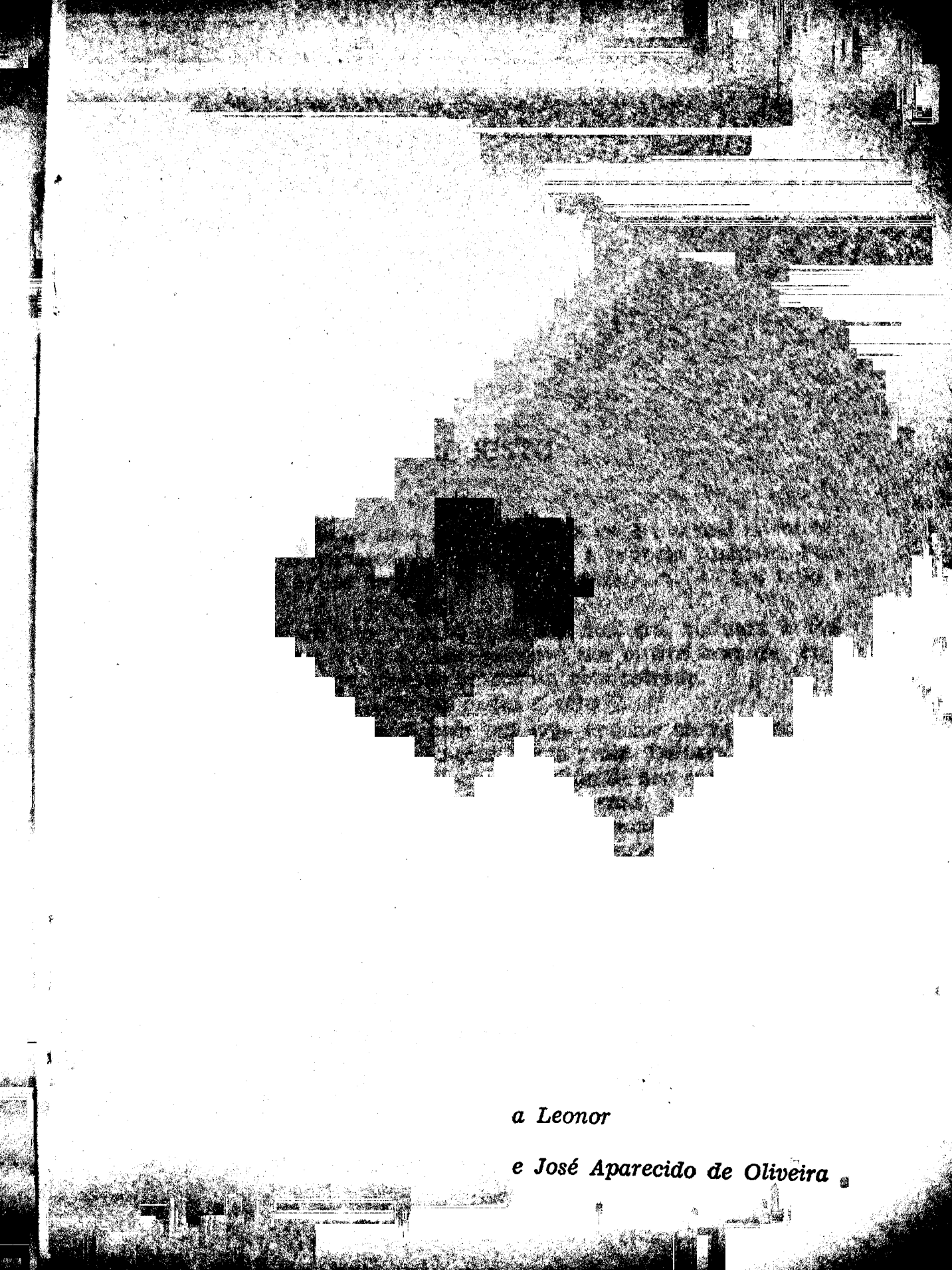
Edições GRD
São Paulo
1979

CAPA: TUNGA

© GERARDO MELLO MOURÃO. Direitos desta edição reservados por G. R. DOREA, Alameda Eduardo Prado, 705, CEP 01213, São Paulo — S.P.

ÍNDICE

— DEDICATÓRIA 9
— PROCUSTO 11
— A PONTE 13
— A REGRA DO JOGO 17
— A CAMINHO DE SUSANA 19
— O TÉDIO CELESTIAL 23
— O PLANO QÜINQÜENAL 27
— O FALANSTÉRIO 33
— A EMPRESA 39
— COM UMA CARTA NA MÃO 43
— O ÓDIO DO POVO 47
— O HEREGE 55
— ENGLISH REQUIEM 73
— REQUIEM POR UM TESTA DE FERRO 83
— A MORTE DO PREFEITO BOLIVIANO 89
— BODAS DE EYQUEM 99
— AS QUATRO OU CINCO MORTES DE D. NICANOR 109
— NÃO HÁ DEUS 119
— O CORONEL PARAGUAIO 137
— PIERO DELLA FRANCESCA
ou AS VIZINHAS CHILENAS 161



a Leonor

e José Aparecido de Oliveira

PROCUSTO

Vivia no fundo de uma grota, comia a caça e o mel silvestre. E pastoreava os pássaros e as ovelhas. E a própria imagem. Pois se mirava nas águas do regato e elas respondiam: — era belo e forte e bom.

Deitava-se em sua robusta cama de madeira, talhada à medida de seu corpo. Vivia só. Mas pensava nos outros homens, cujo tropel ouvia ao longe, quando passavam pela estrada.

Seriam como ele — belos, fortes e bons?

Passou a tocaiá-los. E com um laço enorme os aprisionava. Levava-os, sem maiores explicações, à sua grota. Deitava-os em sua robusta cama de madeira, talhada à medida de seu corpo. Se eram menores, garroteava-lhes o pescoço e as pernas, para que esticassem. Se eram maiores, amputava-os, ao tornozelo, à pantorrilha, onde conviesse, para que lograssem suas próprias dimensões. Pois queria fazê-los todos à sua imagem e semelhança: fortes e belos e bons.

Não acreditaram que fosse um deus. Caçaram-no, prenderam-no e mataram-no como ladrão.

Viña del Mar, Chile, 1965

a Edison Simons

A PONTE

Naquele tempo, começaram a construir a ponte. No princípio, houve um grande entusiasmo, pois a ponte vinha sendo, há muitos anos, reclamada por diversos setores da opinião pública. Haviam mobilizado vastos recursos para sua promoção e constituíra-se uma Associação Nacional de Partidários da Ponte, composta por grande número de mulheres, que desfilavam pelas ruas da cidade, exibindo cartazes e cantando hinos. O sentimento da ponte dominou de tal forma a vida do país, que os partidos políticos começaram a ter suas fileiras desfalcadas pelo poderoso aliciamento de uma nova agremiação que se fundara: o PP ou o Partido da Ponte. Organizou-se um Instituto de Estudos da Ponte, e foram criadas diversas doutrinas filosóficas, estéticas e logísticas em torno da matéria.

Um dia, a idéia tornou-se vitoriosa, e foi quando começaram a construir materialmente a ponte. O acontecimento alcançou aspectos de pompa histórica. Houve discursos, ordens-do-dia, banda de música, pedra fundamental e uivos de vitória e tripúdio contra as águas, sobre as quais a vontade de um povo faria passar a ponte triunfante. Iniciada a obra, verificou-se a necessidade de mais dinheiro e mais operários. Como o Congresso teria que levar alguns dias para aprovar as novas verbas reclamadas, resolveram dissolvê-lo sumariamente como uma instituição obsoleta e lerda, e possivelmente sediciosa. Pois ninguém tinha dúvida de que era uma sedição deter a marcha da ponte. Aumentou-se, assim, por decreto,

o número de capatazes e engenheiros. Custasse o que custasse, cada dia se fincavam novas estacas no fundo das águas, sobre cuja superfície avançavam, diariamente, alguns metros da ponte. Depois de longo tempo de trabalho, os engenheiros verificaram que a ponte já avançara tanto, que não viam mais a margem de onde haviam partido, perdida no horizonte. Mas, apesar disso, ainda não podiam ver também a margem para onde se destinavam. Com o correr dos meses e dos anos, a frente de trabalho se tornou tão remota da terra firme, que os operários eram levados à vanguarda da ponte em pequenas embarcações a vapor. Depois, construiu-se uma estrada-de-ferro ao longo da ponte. Com o crescimento da distância, o governo começou a instalar cidades-dormitórios sob as arcadas da ponte, onde passaram a residir os trabalhadores. Morar em baixo da ponte era, assim, uma honra e um serviço à pátria.

Aos poucos, à medida em que aumentava a necessidade da mão-de-obra, a população ia sendo transferida para os núcleos residenciais da ponte, transformada ao mesmo tempo numa cidade e numa batalha, cujos comandantes receberam das autoridades o título de "Pontífices". Talvez por essa designação, a ponte, que fora a princípio uma idéia política, transformou-se também numa religião. Nas escolas e nas igrejas, o povo era implacavelmente mobilizado para dar à ponte o seu esforço exclusivo. Alguns cidadãos objetaram um dia que era preciso reduzir o número de trabalhadores da ponte, para garantir a continuidade das colheitas e, pois, a subsistência do próprio pessoal da empresa sagrada. Foram queimados vivos, como perjuros e infiéis, em piras exemplares acesas no meio da ponte. E a construção continuou. Os viajantes que chegam à cidade não conseguem informações sobre o progresso da obra, porque não há ninguém que as forneça: a população inteira está trabalhando no *front*. Alguns correspondentes estrangeiros que conseguiram chegar até lá, não foram melhor sucedidos: os "Pontífices" proibiram aos trabalhadores de darem qualquer esclarecimento sobre a obra, pois seria um sacrilégio roubar ao trabalho, para gastar com palavras que nada constroem, um minuto de tempo. Além disso, aguardavam-se as previsões da inauguração, para anunciá-la como um impacto, na cidade e no mundo, dentro das modernas técnicas de comunicação, estudiosamente elaboradas pela Assessoria de Relações Públicas da Ponte.

Por tudo isso, na verdade, não se sabe muita coisa sobre a ponte. O que se sabe é que o último habitante a restar na cidade fora o encarregado de um posto de observação, instalado numa torre no alto da montanha. Com poderosos telescópios e outros

instrumentos, estava incumbido de fixar distâncias e paralaxes no horizonte, para localizar, na outra margem, a segunda cabeceira da ponte.

Depois de observações e cálculos científicos, chegara a uma conclusão, logo transmitida ao Governo, que contrariava as teses e hipóteses do Instituto de Estudos da Ponte e de outras entidades. Os "Pontífices" enfurecidos o enforcaram no meio da ponte. Sua comunicação informava que a ponte estava condenada a ter um lado só. Não havia margem do outro lado. Não havia outro lado. Mas os "Pontífices" continuavam a construir a ponte sobre as águas infinitas.

Rio, 1969

a Olguita e Alberto

A REGRA DO JOGO

De repente sorriu: era invencível. Tinha na mão a Dama de Copas. Pegava a carta como quem pega um pulso. Sentiu, entre o polegar e o indicador, latejar o sangue da Dama de Copas sob a cútis clara da cartolina envernizada. Nenhuma carta lhe resistiria. Nenhuma era mais forte, mais poderosa do que ela, que arrastaria, de um golpe, todas as vasas sobre a mesa, inclusive as vasas por haver e as vasas já corridas. Porque era mais vigorosa do que o próprio tempo e podia fulminar todas as outras cartas, tanto por efeito futuro como por efeito retroativo.

Lançou-se sobre a mesa na última parada e estendeu a mão triunfante para recolher o botim de todos os *games*.

Detiveram-lhe a mão. Não entendiam sua estranha explicação. E tanto ele como os outros diziam, cada qual no seu tom:

— "Mas é a Dama de Copas!"

Discutiram um pouco, cavalheirescamente, é certo, como convém ao Club de Bridge de Copacabana. Afinal, retirou-se, digno e estupefato: jogavam há tantos anos, e não conheciam a Dama de Copas.

Nunca mais voltou ao Club de Bridge e apaixonou-se pelo xadrez, que chegou a jogar com refinado esmero e brilho incontestável.

Tinha suas teorias: não lhe parecia bem, por exemplo, ao decoro e à majestade das rainhas fazê-las cruzarem o tabuleiro em tanta distância e tanta direção. Os peões, ao contrário, não deviam ficar marcando passo. Pois caminhar a pé é tarefa para peões, não para rainhas. Ele, pelo menos, não expunha a sua a esse vexame e preferia vê-la morta a tê-la desrespeitada e fatigada por excursões que não lhe convinham à dignidade.

Às vezes perdia partidas por isso.

Àquela noite disputava o campeonato nacional. Acuara o rei branco com seus dois cavalos negros. O adversário, precavendo-se à iminência do xeque, se esquivara com um roque.

Sorriu: ao olhar um de seus cavalos negros, o cavalo da rainha, percebeu que, partido a galope curto, poderia empinar-se diante da torre, transpô-la e atingir mortalmente o rei.

Executou a jogada, diante do olhar atônito do adversário e dos espectadores.

Primeiro, pensaram num engano, depois, numa brutalidade. A discussão, um pouco mais violenta que no Club de Bridge, parecia não ter sentido: não conheciam a agilidade do cavalo da rainha.

Retirou-se com um gesto de altivez e de desprezo, quando se deu conta de que não jogavam o jogo. Apenas cumpriam as regras do jogo.

Atualmente, freqüenta comigo um professor italiano de espada, florete e sabre. É um prazer o encontro com ele, e toda tarde nos batemos cavalheirescamente no pátio. Até o dia em que um de nós dois se esqueça das regras e, num momento de puro jogo, caia sobre o cimento com um fio de sangue na boca, o coração varado, à sevilhana, por espada, florete ou sabre.

Viña del Mar, Chile, 1965

a Octavio de Faria

e José Francisco Coelho

A CAMINHO DE SUSANA

Eu me rio muito dos que pensam que nunca cheguei. Nem sempre me rio, porém: pois às vezes entendo que devo chorar. E então choro. De qualquer forma, recolho-me, envergonhado, sempre que me surpreendo em qualquer dessas duas posturas. Pois na verdade constituem uma impiedade e uma traição. Rir das pessoas é uma coisa ímpia. E chorar sobre os outros é uma traição e uma hipocrisia: pois nenhum de nós chegou, verdadeiramente, a esgotar as lágrimas destinadas à própria miséria. E o que é mais: estando, como estou, ocupado e preocupado com os cuidados de viagem tão importante, será uma fraude e um roubo desperdiçar tempo em qualquer outra coisa que não seja o caminho de Susana. Pois a única coisa que de mim mesmo posso saber é que estou a caminho de Susana. E nada mais sou senão um homem a caminho de Susana.

Também não sei muita coisa acerca de Susana. Sei, porém, que é a mais bela das mulheres. E, conforme a hora em que for encontrada, a mais casta e a mais puta das fêmeas — de qualquer forma a mais deliciosa de quantas já se esfregaram num macho e rolaram na cama a bunda nua.

Mais do que isto não sei sobre ela. Mas é o bastante para me sustentar numa longa jornada e estimular-me e enrijecer-me os músculos. Pois não se pense que é um itinerário simbólico. É uma viagem mesmo — a própria viagem — a que empreendo a caminho de Susana. E preciso muito dos músculos estimulados

e enrijecidos, pois em geral viajo a pé, sendo pouco acessíveis a cavalos, trens, navios, automóveis e aviões os caminhos que levam a Susana.

Uma vez, cansado de andar, montei um cavalo, galopei toda a madrugada e cheguei antes de nascer o dia. À luz da manhã, veio a decepção à medida do castigo por haver capitulado à fadiga: em vez de Susana, chegara Sandra de Abreu — o que pode ser muito agradável para qualquer homem, mesmo o mais exigente, mas não para quem já dormiu uma noite com Susana.

Outra vez, ao fim de uma viagem de trem, desfez-se, de madrugada, a ilusão do hotel de Amsterdão, quando se ergueu, da cheirosa moleza dos travesseiros, em vez do rosto de Susana, o de Carmen Weidlich — ou de outra Carmen — não me lembro bem. Pois até onde me pode alcançar a lembrança, minha memória só funciona eficazmente em relação a Susana.

Nem podia ser de outra forma, pois, sendo mulher, Susana tem um corpo, e um corpo, como aprendemos na escola, é aquilo que ocupa um lugar no espaço. E o lugar do espaço de minha memória está definitivamente ocupado por Susana, não havendo, assim, vaga para qualquer outra coisa ou pessoa.

Muitos dirão que isto não é tão rigorosamente exato, que sou escritor, que meus poemas e meus romances, saídos muitas vezes da pura memória ou da imaginação, que é filha dela, estão ocupados por várias outras coisas, inclusive mulheres, que nada têm a ver com Susana. Trata-se de uma idéia falsa, de observadores grosseiros, pois todas aquelas coisas e mulheres são o elenco das circunstâncias passadas e inventadas nessa longa viagem a caminho de Susana. É o caso, já referido, de Sandra, de Carmen, de Lore Lautz a bordo do Provence, do avião de Copenhagen, dos automóveis de Ira, de May, de Ângela, além de tanta Sônia e tanta Marivalda.

Parece que sempre que cedia ao cansaço e à tentação de um veículo, era castigado como Jacó, a quem Labão, em vez de Raquel lhe dera Lia. Assim, ao fim dos embarques marítimos ou aéreos, em vez de Susana, tropeçava com Lillian ou Mercedes.

Mas não tenho tempo para explicações e o que importa é continuar a viagem a Susana.

Alguns dizem que Susana é muito longe e que nunca chegarei a ela. Que, se não morrer de exaustão ou de enfarte, morrerei de velhice antes de lançar âncora na angra de algas de seu ventre.

Outros, pelo contrário, acreditam que tenho Susana ao alcance da mão e que a desfruto dia e noite, quando bem entendo.

Quanto a mim, prefiro não dizer nada e seguir minha viagem a caminho de Susana. Esta viagem que, depois dos percalços aludidos, aprendi finalmente: tem de ser feita a pé. Pois indo de

trem ou de automóvel, corro o risco de passar por ela e não a ver. A experiência me ensinou que é preciso esquadrinhar cada recanto, pois, se é certo que todos os caminhos levam a Susana, ela é, ao mesmo tempo, inexplicável e surpreendente, e às vezes supera a realidade dos caminhos, e embora embutida e enrustida no meio deles, por nenhum deles é atingida.

Custei um pouco, mas acabei aprendendo que para chegar a ela a linha curva é mais curta do que a reta, como na lição de Machiavel ou de meu amigo Pajarito, el Limeño: é com ferro torcido que se fazem os gradis mais linheiros. E a Susana, como às mulheres em geral, mais depressa se chega pelo rodeio que pelo atalho.

Sou, assim, obrigado aos mais estranhos roteiros e ao mais esdrúxulo dos comportamentos — o que me tem ocasionado várias complicações na vida social. Pois entro e saio com a maior semcerimônia por onde quer que me pareça ser o caminho de Susana.

Interrompo funerais, atravesso impertérrito fileiras de soldados em plena parada militar do Dia da Pátria, embarafusto por casas alheias. Outro dia, cruzei, impassível, o salão de um templo onde os mórmons cantavam os hinos de sua seita, entrei no banheiro de Marisa que se banhava, atropelei operações cirúrgicas, e o Senhor Bispo engasgou-se com o cantochão do Prefácio quando me viu deslisar-me ao longo do altar-mór da catedral em minha obstinada viagem a caminho de Susana.

Mas quem quiser que se espante. Eu não me espanto mais. Não tenho mais de quê, desde o dia em que a encontrei pela primeira vez. Pois Susana não me saiu mais do desejo e da esperança.

Não me mostrem nada, não me falem nada, que não vejo nem escuto. Estou ocupado em percorrer o caminho a Susana, e não me posso empalhar e distrair com nada e com ninguém.

Só uma coisa às vezes me distrai e me atemoriza. Não é nada do que se possa imaginar, nem mesmo a advertência desse vago professor, segundo a qual já me desencontrei várias vezes de Susana.

Segundo ele, estou tão ocupado e preocupado com a viagem a caminho de Susana, que, concentradas todas as minhas atenções na viagem, não consigo aposentar o pensamento noutra coisa, nem mesmo em Susana. Assim é que já teria cruzado com ela várias vezes, sem me deter, para não me distrair dos puros trâmites da viagem e do caminho.

Isto, porém, é um velho conto, e meus temores são outros.

Na verdade, sei que Susana está também viajando a caminho de mim. Poderia, pois, receiar várias coisas. Por exemplo: que ela me achasse, antes que a lograsse encontrar. Ou então que, ao nos

encontrarmos, não pudéssemos chegar um ao outro. Pois, corpos que somos, não conseguirá ela situar-se no lugar em que me situo, e vice-versa. De modo que apenas nos abordaríamos.

Mas não é nada disso que me atormenta. É outra coisa: é a certeza de que assim como eu estou a caminho de Susana, Susana está a caminho de mim. Que, assim como estou atrás dela, ela está atrás de mim. De modo que nunca nos encontraremos, pois nenhum de nós se voltará para trás um minuto sequer, no deleite cruel desta viagem. Salvo se um dos dois desistir da obstinação dessa caçada de amor.

Não desisto eu, com receio de que, interpretando mal minha decisão, ela também desista. E aí mesmo é que não nos encontraríamos nunca mais — conforme lhe dizia eu ontem à noite, ao beijar-lhe a fugitiva orelha e a tonsurada nuca. Ou não seria ela?

Valparaíso, Chile, 1965

a Antônio Gallotti

O TÉDIO CELESTIAL

"Os astronautas conversaram com suas esposas e depois não tiveram mais nada para tirá-los do tédio celestial."

(De um telegrama da UPI, datado de Houston, Texas, em 4-6-65)

Primeiro, não havia tédio. Porque os aparelhos apenas permitiam que o astronauta subisse e baixasse com a velocidade do foguete. De modo que passava apenas alguns minutos além das nuvens, o suficiente para verificar, como Iuri Gagarin, que a terra é azul, ou como Titov, que não se encontra Deus por ali. Mas sempre insuficiente para dar-se conta daquele silêncio aterrador dos espaços infinitos que o indivíduo Brás Pascal já conseguira enxergar sem subir tão alto, com os pés plantados em seu bom e sólido chão de França. Talvez exatamente atrás daquele silêncio aterrador dos espaços infinitos, vestíbulo de sua presença, é que esteja o Deus que nem Titov nem os rapazes do Pentágono conseguiram ver. E tenho para mim que, mais curioso, Titov ainda o vai acabar vendo primeiro que os outros. Nunca se sabe.

O que se sabe — ou pelo menos se suspeita — é que um pouco antes da região pascaliana em que se funda o famoso silêncio aterrador dos espaços infinitos, há uma densa e depravada zona de tédio celestial.

Pois desde que passaram a demorar-se mais tempo em suas viagens, começaram os astronautas a queixar-se do tédio celestial.

O tédio celestial é mais grave que o simples tédio terráqueo. As coisas da terra estão todas mais ou menos aderidas ao efêmero e vêm envoltas no desgosto ou na esperança da breve duração. O tédio celestial, porém, situado no limite do país dos espaços infinitos, parece que abisma o astronauta numa horrível sensação de enjôo da eternidade.

Os centros de controle do Pentágono, que lhe vigiam de longe o pestanejar das pálpebras, a pressão sanguínea, as batidas do pulso e do coração, não permitem ao astronauta qualquer expediente para escapar ao tédio. Não pode ater-se nem se entreter com outra coisa, senão com a tolerância da viagem através da infinita paisagem do tédio celestial.

O regulamento dos astronautas proíbe que levem qualquer objeto de distração.

— "Tudo o que se pode fazer — como dizia Mac Divitt à sua mulher — é olhar através da janela de vidro."

Exatamente — segundo a observação de Alberto Cruz — como os velhos entediados que se postam à janela da casa observando a rua. Com a diferença de que a rua, oferecendo o efêmero, fornece ao tédio os elementos de seu próprio perecimento, enquanto a janela do astronauta não lhe oferece senão o silêncio aterrador dos espaços infinitos e o infinito lhe infecciona o tédio.

Na viagem seguinte pediu que lhe dessem qualquer coisa que o defendesse contra o tédio celestial: — um preventivo, um paliativo, um *puzzle,* um quebra-cabeças, um quadro de palavras cruzadas, um baralho de paciência, ao menos um iôiô. Recusaram. Precisavam controlar suas reações cosmopáticas livres de qualquer agente terapêutico.

Sabia que não aguentaria mais o peso do tédio celestial. Recorreu a um expediente. A cápsula em que o enfiavam para a viagem, dispunha de uma pequena bolsa opaca, de plástico marron, na altura da articulação do joelho. Comprou um pequeno livro e o escondeu ali. Embarcou, ou antes, embarcaram-no. Porque o astronauta é sempre o complemento, nunca o sujeito dos verbos que se conjugam em sua viagem. Sua, não, porque o astronauta não é dono dela, não lhe possui o roteiro nem o sentido, e em toda esta história não faz mais do que ser colhido pelas lentes dos fotógrafos e pelo tédio celestial.

O certo é que, já no final do primeiro dia de viagem, quando passava ao lado da Cassiopéia ou da Cabeleira de Berenice, ao baixar-lhe o peso do tédio celestial, sorriu levemente, levou a mão à bolsa plástica e tirou o livro. Começou a ler.

De repente, toda a aparelhagem de comunicação sacudiu a cápsula com um alarme. Os implacáveis eletrógrafos do Pentágono marcavam o sismo anormal dos cardiogramas, dos fluxogramas, dos cefalogramas, dos neurogramas, dos pneumogramas, de tudo que vivia e se movia em seu corpo, e até do arrepio dos cabelos na pele, acusado e descrito nos dermogramas minuciosos.

Perguntaram, impiedosamente, que estava fazendo, em que se distraíra de sua passiva missão. Nem respondia.

Os sábios confabularam. Chegaram à conclusão de que era tão profunda a distração do astronauta, que só uma coisa a podia haver provocado: a leitura.

Como era possível que tivesse levado um livro? Ao terror desta suposição, providenciou-se a ordem decisiva: — descer incontinenti.

Desceu. Ao contrário das vezes anteriores, em que o esperavam jornalistas e fotógrafos, o cinema e a televisão, desta vez não o aguardavam, além dos sábios, mais que a turma de policiais do Corpo de pára-quedistas.

O rude treinamento imposto aos oficiais desse tipo de serviço militar reduz, como se sabe, seus índices de sensibilidade humana, o que levou o Exército francês a sérias apreensões sobre o déficit verificado no quociente intelectual — o QI — de seus rapazes. É o duro tributo que pagam pelo padrão sobre-humano das afoitezas a que se destinam.

Os oficiais pára-quedistas recolheram o astronauta, o puseram nu e o revistaram. Esvaziaram a cápsula, e um coronel eficiente descobriu, com um sorriso de triunfo, cheio de desprezo e repugnância, o livro contrabandeado. Parece que se tratava de um pequeno volume dos *Sonnets from the portuguese*, de Elizabeth Barrett-Browning, quem sabe se das próprias cartas de amor de Soror Mariana Alcoforado. Não se pôde ver com certeza, porque o Coronel queimou imediatamente a perigosa coisa, e o astronauta, recolhido e incomunicável, dizem uns que à ilha de Alcatrás, outros que à cela de aço do Pentágono, nunca mais pôde falar com ninguém.

Reuniram-se, então, os sábios. Havia que prevenir futuros perigos. Depois de muitas discussões, foi proposto e afinal aprovado que, daí por diante, somente os analfabetos poderiam ser astronautas.

Assim se fez e a navegação sideral passou a correr com tanta segurança, tanto êxito e tanto brilho, que, em pouco tempo os astronautas eram os verdadeiros ídolos do povo. Tão grande era o prestígio que os cercava, que acabaram dominando o Pentágono, expulsando os sábios e assumindo o controle de todas as operações.

Aí surgiu um pequeno impasse: pois, como todos os analfabetos se haviam tornado astronautas e todos os astronautas estavam ocupados na gerência do Pentágono, não havia mais quem embarcasse nas cápsulas espaciais, a cuja boca as sábias aranhas começaram a tecer a eterna novidade das teias antiqüíssimas.

Como nenhum homem livre se dispuzesse a enfrentar a tortura do tédio celestial, ocorreu uma nova idéia: oferecer uma chance aos sentenciados à morte da Penitenciária de Saint Quentin, responsáveis por crimes tão abomináveis que não lhes acudisse a esperança de uma comutação de pena.

É verdade que depois da primeira experiência, entre o tédio celestial e a morte, alguns preferiram a morte. Sempre aparece, porém, um novo delinqüente que, não acreditando muito no que lhe contam os outros e não tendo a escala do tédio celestial, aceita qualquer saída para escapar de vez à cadeira elétrica ou ao menos postergar a morte.

De vez em quando um desses monstros sobe ao espaço.

Miguel Eyquem, habitualmente distraído a bordo de seu pequeno e anacrônico avião, que dizem haver pertencido a Jean Mermoz ou a Antoine de Saint-Exupery, e que talvez seja a propria *"Libellule"* de Santos Dumont, recondicionada numa garagem de Rodelillos, anda um tanto apreensivo. Encontrou-se outro dia com um desses astronautas, a longa distância, é verdade, pois o navegante da cápsula andava já para as bandas do Boldrié de Orion. De qualquer forma, porém, em cima de nossas cabeças. Comprovou Miguel Eyquem que todos os aparelhos de comunicação do Pentágono o chamavam de volta, desesperadamente, mas o astronauta insiste em não obedecer e tem na mão ou na bolsa de plástico marron um objeto com que se defende do tédio celestial. E que não é um livro, pois todos os criminosos escolhidos devem ser também analfabetos.

Viña del Mar, 1965

a Suanê e Nelson Nóbrega

O PLANO QÜINQÜENAL

O professor Takeo Nishiyama conseguiu, em seu laboratório da Universidade de Tóquio, isolar uma enzima que constitui o núcleo da vida humana. Meses depois, na Universidade de Munich, o professor Hans Muth, com sua equipe, espantou o mundo científico ao realizar com êxito o transplante dessa enzima, através de procedimentos eletrotérmicos, de um indivíduo para outro.

Albieri e Winterstein comprovaram, pouco tempo depois, que a enzima nuclear encerrava os índices e componentes de duração da vida humana, e deram-lhe, por essa razão, o nome de biocronos. Trabalhos posteriores, de Petrov e Garafulic, possibilitaram a medida do biocronos. De modo que, por meio de um simples biocronograma, se tornou fácil estabelecer a duração da existência humana. Fácil e corriqueiro, pois as companhias de seguros passaram a prestar esse serviço gratuitamente em todas as cidades.

David & Benson, banqueiros de Nova Iorque, tiveram, então, uma idéia. Da idéia surgiu, no quadragésimo andar de um edifício de Wall Street, a firma que tomou o nome de Lifeinvest. Era um banco de investimento de títulos existenciais.

Considerando que a vida é um patrimônio real, o banco realizava operações de crédito com pessoas necessitadas que emitiam promissórias cuja garantia era o tempo de vida do emitente. David & Benson começaram operando como os bancos comerciais em geral, descontando letras a 60, 90 e 120 dias, dentro da tabela de juros da praça. Vencido o prazo, se o devedor não pagava, o Banco tomava-lhe alguns anos de vida, conforme o montante da dívida.

Esses anos eram então vendidos pela Lifeinvest a clientes ricos, nos quais se fazia, pelo método do professor Hans Muth, o transplante da enzima dos devedores inadimplentes.

Ao empenhar a vida, ficava o mutuário também com a liberdade empenhada. Não podia empreender viagens, nem mesmo sair à rua, pelo receio de que algum desastre o vitimasse, fraudando-se, assim, o comprador. A perda da liberdade, porém, não era tão grave, até porque a liberdade é um valor relativo na sociedade de consumo. Ninguém tem liberdade para ir a Paris, ou mesmo ao Piauí, se não dispõe de dinheiro para a passagem.

Mas isto é outra história. Tratava-se apenas do começo, o modesto começo do negócio. Pois, dentro de pouco tempo, organizaram-se companhias com o capital formado pelos anos de vida de seus sócios, cujas ações passaram a ser negociadas na Bolsa.

O "morte morieris" — o terror e a perspectiva da morte foram sempre o barro sujo que tolda as límpidas águas do lago azul em que flutua, neste planeta, desde a maldição do Eden, a vida das pessoas ricas. A descoberta do biocronos e a facilidade de seu enxerto e de sua compra constituíram-se, assim, no maior acontecimento da história para as classes conservadoras, abençoadas, afinal, com o coroamento de seus desejos — a conservação de tudo, inclusive da própria vida. Pois, até então, por bem ou por mal, conseguiam conservar tudo, menos a própria vida. Agora, também a vida estava com a conservação assegurada. Uma agência mundial passou a especular nas Bolsas os títulos da Lifeinvest. Corretores foram despachados para as praças do Oriente e do Ocidente, as empresas de publicidade, os grandes jornais, o rádio e a televisão desencadearam sugestiva e permanente campanha, no sentido de convencer homens, mulheres e crianças a venderem alguns anos de vida, em troca de sua integração na sociedade de consumo. Foram cunhados "slogans" persuasivos, fascinantes e heróicos, embora nem sempre originais, pois as classes conservadoras têm fundadas reservas e suspeitas contra a originalidade. Assim é que um desses "slogans" era uma paráfrase à invectiva famosa de Mussolini aos seus soldados, segundo a qual seria melhor viver um dia como leão, que mil anos como carneiro. Nunca entendi bem por que esse desprezo contra a doce raça dos ovinos, à qual quis pertencer o próprio Jesus Cristo, que se chamava a si mesmo o Cordeiro de Deus. Mas o fato é que a invectiva do Duce fez fortuna, e a Lifeinvest não hesitou em adaptá-la aos seus negócios. Letreiros luminosos anunciavam, em todas as línguas e em todas as esquinas do mundo, que é melhor viver um dia como Rockefeller, do que mil anos com salário-mínimo. Nos pára-brisas dos automóveis se colocavam faixas plásticas e fosforescentes, com uma frase que também fez fortuna, apesar de seu hiato de mau gosto:

Com toda essa motivação publicitária, e mais com mensagens subliminares transmitidas pelo cinema, pela televisão e pelas entrelinhas dos jornais, a grande multidão do gênero humano, que não tem condições de gozar a vida, passou a admitir com facilidade a chance de reduzi-la, em troca de alguns dias de tripa forra.

No princípio, o biocronos de um vigoroso rapaz, com uma previsão de 70 ou 80 anos de vida, não era barato. O capitalista tinha que investir alguns milhões para comprar-lhe três ou quatro decênios de vida saudável. Mas o capitalismo é sábio. Acredita na lei da oferta e da procura. Sábio e conservador.

Rendeu graças a Deus por ter sabido conservar durante séculos populações miseráveis em todos os países, capazes de uma oferta inesgotável de indigência e de anos de vida. O excesso de oferta começou a baixar os preços da vida. E os compradores, quanto mais a compravam, tanto mais acionavam seu implacável mecanismo econômico-financeiro, para baixar os preços e negociar na bacia das almas. Além de sábio e conservador, o capitalismo é também insaciável.

Seus agentes quanto mais compravam, mais queriam comprar. Havia banqueiros nas Bahamas e reis do petróleo no Texas, que tinham contratado uma equipe de auditores e contadores para a fabulosa escrita dos anos de vida que iam comprando diariamente a pessoas famintas e desesperadas, através de uma rede de corretores de câmbio espalhados nos continentes. Alguns deles, com milhões de anos capitalizados nas veias e no fígado, podiam rir da mesquinha adolescência bíblica de Matusalém, com seus 999 anos. Pouco a pouco, porém, dentro da mesma implacável lei da oferta e da procura, começou a escassear o mercado. As pessoas que haviam vendido a vida, iam morrendo. Como essas pessoas medravam justamente nas regiões da chamada explosão demográfica, esta explosão deixou de explodir. O doutor Herman Kahn, do Hudson Institute, mais o doutor Mc Namara, e outros menos votados como o dr. Kissinger, foram contratados para uma campanha em que desdiriam tudo o que haviam dito — o que, aliás, é mais ou menos irrelevante. Incumbiram-se, mediante vultoso contrato, pago em letras existenciais, de difundir entre os povos subdesenvolvidos as excelências da explosão demográfica. Mas era tarde. Os povos subdesenvolvidos já estavam todos mortos. Isto, de resto, não lhes fazia grande diferença, a não ser no tipo da operação. E, feitas as contas, a venda do biocronos até que era um bom negócio para esses povos. Pois o capitalismo, que antes lhes confiscava a vida grátis, pela fome e o subemprego, com a compra do biocronos dava-lhes ao menos uma indenização.

Os trabalhos do Dr. Mc Namara e seus auxiliares caíram, assim, no vazio. Já quase não havia vidas a vender, e a população do mundo se reduzira a um pequeno e conspícuo círculo de milionários. Tentaram negociar entre si, mas o sentimento de propriedade e o instinto de conservação, que informam a essência do capital, condenaram a idéia. A transação entre membros da mesma classe era uma impiedade.

O pequeno grupo que detinha o truste mundial de vida, viu, assim, estreitar-se a faixa operacional do mercado. Para não paralisar os negócios, os big-shots da Lifeinvest começaram a comprar os biocronos de seus auxiliares mais próximos. Os auditores, os contadores, os corretores e os publicitários, infeccionados pelo desejo de uma semana de glória e dinheiro, e com os salários cientificamente reduzidos pelos patrões, venderam-lhes seus próprios anos. Foi assim que morreram o Dr. Kahn e o Dr. Kissinger. Os Rockefellers estavam mortos há mais tempo.

Depois, começaram a escassear as amantes. As belas mulheres, cobiçosas de luxo, vendiam por brilhantes e esmeraldas um pedaço de vida aos concorrentes dos companheiros que as mantinham. Crianças, não nasciam mais. As da classe pobre, que, via de regra, têm vida curta, dizimadas pela mortalidade infantil, já haviam sido todas vendidas no ventre das mães, o que, de resto, não chegou a fazer grande diferença. E assim, começaram a esvaziar-se do bicho humano os espaços da terra. A espécie estava reduzida a uma pequena ilha de privilegiados, que se banqueteavam na orgia de sua longevidade. Estavam no limiar da imortalidade matemática. Mas queriam mais.

Foi quando o último cientista sobrevivente, o professor Li-Shin-fu, que vivia sozinho, em seu laboratório da antiga Universidade de Pequin, descobriu que o biocronos dos porcos também podia ser enxertado nos homens. A notícia ressuscitou o esplendor do mercado dos primeiros dias, e a raça porcina desapareceu da face da terra, para alargar a faixa de sobrevivência dos trustmen da Lifeinvest, fruto e flor da cultura capitalista e último resíduo da humanidade no planeta.

Dizem que Li-Shin-fu, vestido de mandarim, soltando papagaios de papel de seda amarelo e vermelho nas margens do Rio Azul e nas Colinas da Infinita Sabedoria, aguarda a comprovação de sua mais recente descoberta. Segundo ela, o enxerto da enzima dos porcos carrega uns íons e uns elétrons tão poderosos da espécie suína, que absorvem, ao cabo de cinco anos, o genes humano dos

indivíduos que os recebem. De forma que, dentro de cinco anos, estarão todos transformados em porcos, o que de resto, não faz grande diferença. Pois terão vida longa e farta. A essa espera, Li-Shin-fu denominou de "Plano Qüinqüenal".

Rio, 1969

a Hélio Pellegrino

O FALANSTÉRIO

(suite de "O Plano Qüinqüenal")

— Ora, havia no tempo da descoberta do biocronos um grupo de pessoas que tomara a liberdade de banir-se a si mesmo das seduções da sociedade de consumo. Era o Falanstério. Não são muito claras as origens do Falanstério.

Alguns cronistas eruditos pretendem remontá-lo a certas seitas órficas, fundadas pelo próprio Orfeu, e instaladas por esse duvidoso filho de Calíope, em épocas ainda mais duvidosas, nas montanhas da Grécia. Outros, documentados em passagens mais ou menos bifrontes de Santo Agostinho, que também andou metido nos ritos e mistérios do orfismo, colocam no Monte Carmelo, numa escola de profecias ali mantida pelo profeta Elias e outros santos varões, o berço e a raiz do Falanstério.

Essas, porém, são especulações que me parecem pedantes e livrescas. Prefiro, por isso mesmo, a modesta versão que me foi dada por um repórter da "Gazeta de Notícias", que se limita à verificação objetiva do fato naquele tempo. Sem ir à Grécia nem à Palestina, o que aquele repórter apurou é que a idéia do Falanstério começou num arrabalde de Buenos Aires, pelas bandas de Caballito, em torno da mesa de um bar, com três poetas que decidiram, ao contrário dos cristãos e dos judeus em geral, acreditar nas Sagradas Escrituras, segundo cujo texto expresso o trabalho é uma coisa maldita por Deus. O homem abençoado pelo Senhor,

não trabalhava. E o trabalho é, conforme o Livro do Gênesis, capítulo III, versículo 17, a condição do indivíduo amaldiçoado.

Fiéis ao Gênesis e àquela lição de Léon Bloy, segundo a qual o trabalho é a oração do homem escravo, e a oração é o trabalho do homem livre, os rapazes de Buenos Aires fizeram um pacto: substituir a abastança de bens materiais, que provoca nos homens o apetite de trabalhar mais para ganhar mais e comprar mais, pela refinada delícia dos luxos elementares e a volutuosa fruição das coisas essenciais.

A sociedade ocidental e capitalista, que cultiva fervorosamente a religião do trabalho, da produção e do consumo — três coisas distintas numa só verdadeira — não os entendeu. Eles também passaram a ignorá-la, certos de que ignorar uma coisa é a maneira mais eficaz de destruí-la.

Banidos, assim, voluntariamente, da vida da sociedade de consumo, atravessaram a fronteira da República Argentina, passaram o Uruguai, embarcaram na terceira classe de um navio japonês, o Arabia Maru, e chegaram ao Rio de Janeiro com a comprovação de acerto de suas idéias. Pois nem o mar nem o tempo se encurtaram para os conspícuos passageiros da primeira classe, e chegaram todos ao destino pelo mesmo caminho e à mesma hora.

Do Rio acabaram seguindo para o Nordeste do Brasil. Durante a viagem, várias pessoas se converteram à sua seita elementar, de modo que ao chegarem à praia que haviam escolhido para residência, eram já uma pequena falange de profissionais da arte de ser e existir. Estava fundado o Falanstério.

Instalados à beira-mar, não tinham, é certo, automóveis nem geladeiras, nem restaurantes nem relógios, mas eram donos da brisa marinha, da lagosta moira e da lagosta ruiva, das frutas frescas e das mulheres douradas pelo sol e lavadas pela água verde do Atlântico. As mulheres não tinham vestidos de Courrèges nem sapatos de Dior, o que, de resto, era até uma comodidade para a prática do amor, que dispensa o embaraço das roupas e só se dá bem com a plenitude da nudez. De forma que a sugestão do amor resultava mais apetitosa e mais convidativa na praia do Falanstério, do que na própria ilha de Aristóteles Onassis ou na vila do Aga Khan. A sociedade de consumo tomou conhecimento do Falanstério, pela primeira vez, quando os corretores da Lifeinvest investiram sobre ele com deslumbrantes ofertas de dinheiro para comprar o biocronos de seus membros.

Foram feitas propostas a grosso e a retalho, que o Falanstério repeliu como uma insolência e um despropósito. Mesmo porque o dinheiro não é um valor objetivo, mas apenas uma relação de troca, que serve para quem quer comprar e vender. O Falanstério não

queria comprar nada e, pois, o dinheiro ali não valia realmente nada.

Os corretores e os milionários, que já haviam acaparado todo o estoque de biocronos do resto da humanidade, não podiam compreender que alguém não se interessasse por dinheiro e desconfiaram que o Falanstério fosse um agrupamento de frustrados e semiloucos. Despacharam, então, para lá, uma equipe de psicólogos, técnicos de comunicação e economistas, precedida por uma equipe apostolar dos engalanados mancebos da Tradição, Família e Propriedade, e liderados pelo Ministro do Planejamento e o Ministro da Fazenda, para convencerem os poetas e artistas, dopados por um monasticismo dionisíaco, das excelências do capital e da reserva monetária.

Para melhor eficiência da propaganda, os *contact-men* da equipe levaram *posters* de *play-boys* que, amarrados ao rabo curvo de lanchas voadoras, deslizavam triunfantes nas águas das Bahamas, no rumo de iates fabulosos onde os aguardavam estupendas mulheres seminuas. Trouxeram também uma frota de carros-fortes da Brink's, carregados de dinheiro vivo, em moeda forte e em barras de ouro.

O Falanstério não se impressionou. Não precisava de iates e achou, com razão, que era muito mais cômodo e volutuoso comer as mulheres ali mesmo na praia, sob os coqueiros, do que ter de fazer acrobacias sobre as ondas para alcançá-las.

Como os corretores e os economistas continuassem insistindo, acabaram sendo todos corridos a pau, inclusive os rapazes da TFP, que já estão acostumados a isso, mais os dois Ministros, e os carros da Brink's, que não estão. Destes últimos, aliás, deixaram cair, na fuga precipitada, montes de dólares e de barras de ouro. Um pintor aproveitou algumas notas para a colagem de uns quadros bizarros, tirando um bom efeito da efígie de George Washington e dos zeros das cédulas de mil. Um músico conseguiu fundir uma barra de ouro para fazer uma flauta, enquanto os meninos e os escultores se serviram das outras para a montagem de esculturas na areia ou de mobiles calderianos, pendurados com arame na fronde dos coqueiros.

Mas o capitalismo é tenaz. Como já não dispusessem de agentes e corretores que, convencidos por sua própria propaganda, haviam vendido seus biocronos e estavam mortos, resolveram os milionários ir em pessoa ao Falanstério, com suas mulheres e filhas. Levaram presentes e lisonjas, e recomendaram às mulheres que fossem amáveis com o Falanstério, pois haviam aperfeiçoado, na experiência milenar da classe, a tática de Alcibíades: — não há fortaleza inexpugnável quando se consegue introduzir uma fêmea em suas alcovas.

O certo é que, depois de algum tempo, os poetas e os pintores haviam comido todas as mulheres e todas as filhas dos milionários que, apesar disso, ou por isso mesmo, se faziam cada dia mais mansos e mais blandiciosos. Passadas algumas semanas, porém, desconfiaram haver caído num logro, pois as mulheres, a pretexto de ocupar-se o dia inteiro com a atenção aos homens do Falanstério, haviam já, na verdade, abandonado os maridos e as famílias. Estavam integradas no Falanstério.

Mas os milionários são astutos. Ofereceram-se para substituir as mulheres nos serviços a que elas se prestavam. Foram recusados, e o Falanstério repeliu a proposta com repugnância.

Depois de algum tempo, começaram a escassear e, finalmente, terminaram as reservas de mantimentos dos milionários. Propuseram uma compra ao Falanstério, esquecidos da lei econômica de que quem não compra não vende, e obstinadamente viciados na fé e no dogma de que o dinheiro compra tudo. Não compra, pelos menos no Falanstério, até porque o Falanstério não produz nada para vender.

Jejunos de mulher e de comida, mergulharam rapidamente no desespero e na abjeção. Por um pedaço de pão tornaram-se capazes de todas as vilezas e degradações. Um dia, tentaram matar uma criança para roubar um prato de comida. O roubo, porém, era um ramo de negócio do qual só tinham *know how* por atacado, ignorando o virtuosismo do varejo, e deram-se mal. Foram exemplarmente punidos pelo Falanstério.

Começaram, então a pedir a morte. Tentaram o suicídio de diversas maneiras, mesmo as mais cruéis. As tentativas, porém, se frustraram, porque o vigor dos biocronos maciçamente acumulados nas veias e nos músculos, lhes devolvia, prontamente, a saúde e a vida. E o estômago, quando não tinha mais o que digerir, se digeria si próprio, com dores lancinantes, voltando a reconstituir-se, por uma espécie de ruminação metabólica das fezes e dos vômitos devorados. Propuseram-se ao Falanstério para trabalhar como escravos, em troca de alimentação. Mas o Falanstério, primeiro, não tinha trabalho a oferecer e, depois, cultivava um profundo amor à liberdade.

Foi então, que alguns, mais desesperados e mais roídos pela fome, começaram a comer pedaços do próprio corpo. Mas isto não lhes trouxe a solução, pois, quando comiam os próprios dedos, a força da enzima vital dos biocronos devolvia imediatamente ao local mutilado o órgão engolido. Passaram a trocar entre si pedaços de membros que devoravam sangrentamente. Mas também aí as peças iguais se recompunham em poucos minutos, deixando novamente vazio o estômago. Experimentaram trocar órgãos diferentes, e o resultado foi mais funesto ainda, passando a

aparecer entre eles indivíduos com quatro orelhas, e outros com nenhuma, trazendo, em compensação, pendurado no nariz o pênis do vizinho. Outros tinham dois braços direitos, enquanto o parceiro exibia duas mãos esquerdas pendentes na mesma extremidade.

Mas não morriam. Com milhões de anos que haviam armazenado em biocronos de toda a humanidade, estavam condenados a uma fome de milhares de séculos, num suplício implacável. Haviam descido todas as escalas da degradação humana — sucubos, famélicos, teratológicos, cornos, antropófagos e coprófagos.

O Falanstério que, desde o início se condoera da situação, não imaginara que ela viesse a chegar a esses extremos. Lamentava a desgraça, mas não tinha como socorrê-la, pois não produzia nada além do essencial para sua própria manutenção.

Mas o capitalismo é engenhoso e capaz de vender sua própria bancarrota. Assim é que, encurralados em sua insolvência, os milionários reuniram-se um dia em assembléia geral e tomaram uma decisão: se não era possível comprar a vida, o negócio era comprar a morte. Foram ao Falanstério, expuseram toda a sua lancinante miséria, a perspectiva de uma tortura de milhões de anos, e suplicaram a piedade de comprar-lhes os biocronos pela metade da comida de que dispunham. Queriam voltar à condição de mortais a curto prazo. Queriam abreviar a vida. Os poetas e os artistas são criaturas doces e misericordiosas. Concordaram. Ofereceram até mais do que podiam. E foi assim que o Falanstério deu morte ao capitalismo, e os milionários, por sua vez, deram vida para sempre aos poetas. Deram, não, porque os milionários não dão nada. Venderam.

Rio, 1969

a Osvaldo Peralva

A EMPRESA

Azócar, como Forlivesi, herdara o negócio de seu pai. Herdaram também, cada um de seu lado, uma velha rivalidade na disputa da clientela. Graças a essa emulação, as duas empresas sangravam na veia de saúde, com espantosa prosperidade. Mesmo porque, segundo a sólida e inabalável doutrina dos homens de negócios, a livre competição é a mola da livre iniciativa, sobre a qual se funda o desenvolvimento econômico. No que diz respeito às duas firmas, a doutrina do empresariado parecia incontestável, e os observadores do mercado viam, com entusiasmo, cada vez que se abria num bairro uma nova loja de "Azócar Funerales", inaugurar-se, dias depois, na mesma rua, a filial de "Forlivesi Pompas Fúnebres".

As duas empresas disputavam, com extrema vivacidade, o mercado da morte. E diga-se, a bem da verdade, que o faziam com exemplar dignidade, tanto no que diz respeito ao conforto estudiosamente dispensado aos senhores defuntos e às senhoras defuntas, como à atenção aos parentes enlutados e à eficiência geral no comércio de cadáveres e sepulturas.

Partindo da conclusão fácil e óbvia de que morrem pessoas em todos os bairros, Azócar inaugurou em cada um deles uma de suas lojas. Forlivesi, em resposta, contratou um grupo de engenheiros, urbanistas e estatísticos, especializados em demografia, que dividiram a cidade em quarteirões iguais, segundo a incidência e a probabilidade das mortes, e em cada um desses quarteirões instalou uma sucursal de suas pompas fúnebres, com féretros, coroas, carros e toda a parafernália dos enterros.

A exatidão dos cálculos estatísticos de Forlivesi foi contestada por Azócar, que iniciou, sobre a matéria, uma polêmica pelos jornais. Mas foram vãos os esforços no sentido de obter-se o laudo de um perito que invalidasse os demogramas e os topogramas exibidos: todos os engenheiros, urbanistas e estatísticos estavam contratados, com exclusividade, para o serviço de Forlivesi.

Os de Azócar pensavam em trazer peritos do exterior, mas os de Forlivesi, que pareciam prever tudo, já haviam obtido, do Ministério da Segurança Nacional, um decreto proibindo a entrada de profissionais estrangeiros no país.

Os de Azócar levaram o caso aos jornais, aos comícios e à tribuna da Câmara, com uma denúncia de que o adversário depravara as leis da competição e corrompera, com o dinheiro dos mortos, os vivos do Ministério Nacional. A reputação do Ministério não era boa, e grande parte da população saiu às ruas e pichou os muros com palavras de protesto:

"Queremos Azócar!" —
"Morte a Forlivesi."

A parte contrária respondia com "jingles" no rádio, com posters de defuntos felizes e com programas de televisão em que se sorteavam caixões no auditório ululante. Ter um caixão em casa passou a ser sinal de previdência e bom gosto e o nível social e cultural das pessoas passou a ser medido pelo tipo e marca do caixão escolhido. Assim como as pessoas abastadas costumavam possuir três ou quatro automóveis, os ricos passaram a ter vários caixões, um para cada membro da família.

Nababos e nouveaux-riches chegavam a ter quatro caixões, um para cada estação do ano. Pois era inconcebível enterrar-se num caixão de primavera uma pessoa morta no verão. As Marcondes Ferreira, que mudavam de caixão de acordo com os últimos sapatos de Jourdain, exibiam seus sofisticados exemplares nos chás-de-panela e nos *parties* de fim-de-semana, que eram finalmente comentados no dia seguinte, na coluna do Zózimo. O governo passou a construir a solidez de sua política fiscal com a campanha expressa por um "slogan":

— "Seus talões valem caixões."

Foi talvez por esse caminho que a corrupção tomou conta da cidade. Pois, tanto Azócar como Forlivesi entregaram-se furiosamente à tarefa de subornar funcionários e autoridades para vender esquifes dentro do programa — "Seus talões valem caixões". A moda, por sua vez, constituía um dos mais eficientes estímulos à promoção de vendas. Azócar Funerales contratou, assim, com

exclusividade, todos os desenhistas da praça, para assegurar a superioridade da elegância de linhas e da funcionalidade de seus caixões.

"Forlivesi Pompas Fúnebres", depois de invocar sem êxito as leis anti-trust, verificou que elas eram impotentes contra o monopólio de cérebros, para não colidir com a liberdade de trabalho estabelecida nos adiantados códigos do mundo ocidental e cristão. Teve, então, uma resposta esmagadora às astúcias mercantis de Azócar: contratou os serviços de todos os grandes costureiros em voga, para o desenho e confecção das mortalhas de seus clientes. Lançaram-se modelos admiráveis, editaram-se figurinos de modas fúnebres e organizaram-se desfiles de moda mortuária, com manequins especializados na nova profissão. Em alguns desses desfiles aconteceram vedetes internacionais, e era de ver o chic lancinante, a elegância hierática e sepulcral com que Veruschka e Ira de Fuerstenberg se levantaram, amortalhadas por Pucci e Chanel, como visões celestiais erguidas sobre caixões de prata na passarela do Copacabana Palace. O próprio Hélio Pellegrino convenceu Tanit Galdeano a desfilar de morta numa festa de beneficência para o caixão dos pobres, vestida com uma roxa mortalha de Denner, ao lado de Teresa Souza Campos e Lourdes Catão.

Azócar financiou uma boutique de sudários prêt-à-porter, apresentados com muito êxito por Edna Savaget.

Os modelos masculinos também estavam em grande voga, e o Ibrahim incluiu o Catão e o Didu entre os dez mais defuntos de de sua lista de fim-de-ano, depois de invectivar a clamorosa incompetência do Carlinhos Oliveira como manequim da morte.

De forma que a disputa de Azócar e Forlivesi tomou conta do café-society. Daí para o mundo das finanças foi um passo. Um banqueiro paulista abriu logo em seu Banco a Carteira Funerária, para financiar enterros e sepulturas pela Tabela Price, a juros de 24 por cento ao ano, com correção monetária, naturalmente. O mercado de capitais foi inundado por letras mortuárias, e o Doutor Gudin, com a autoridade de quem está morto há muitos anos, escreveu diversos artigos sobre as vantagens deste papel, que distribuirá altos dividendos e bonificações.

Como o dinheiro forte expulsa do mercado o dinheiro fraco, segundo as boas leis do capitalismo e do Roberto Campos, dentro de pouco tempo as letras mortuárias baniram da Bolsa e da praça as letras imobiliárias, os "underwritings", os "warrants" e todas as outras letras.

Era tão rendoso o investimento no negócio da morte, que os capitalistas começaram a evadir-se de todos os outros ramos da indústria e do comércio, para aplicação nas empresas de Azócar e Forliversi.

As fábricas de tecidos tornaram-se subsidiárias do imenso "holding" da morte, fabricando apenas galões dourados e panos de mortalhas. Os proprietários rurais vendiam suas fazendas para investir o apurado em letras mortuárias do formidável bipólio.

É verdade que a produção de gêneros caiu verticalmente e o povo começou a ter falta de roupas e alimentos. Todas as outras indústrias entraram em miserável decadência, mas o Ministro da Fazenda insistia — e com razão — que a vida empresarial se desenvolvia florescente e próspera. O que, de resto, era verdade, diante do estupendo crescimento das empresas — símbolo e documento das excelências da livre-iniciativa e da livre-competição, alicerces da grandeza econômica do mundo capitalista.

Tendo dominado o café-society e o mundo financeiro, era natural e inevitável que o binômio Azócar-Forlivesi acabasse dominando também o mundo político. Foi o que aconteceu, quando um golpe militar extinguiu na cidade todos os partidos antigos, e estabeleceu a reformulação da democracia, com o reconhecimento de dois únicos partidos: o Partido de Azócar e o Partido de Forlivesi.

Em função dessas duas agremiações, passou a movimentar-se toda a vida da cidade, toda a vida ou, antes, toda a morte, pois não se trabalhava senão para incrementar a qualidade e a quantidade da morte. Qualquer pessoa suspeita de pretender prolongar ou melhorar a vida de quem quer que fosse, era acusada de conspiração e arrastada ao cárcere. Porque constituía uma impiedade impedir o desenvolvimento de Azócar e Forlivesi, únicas metas escatológicas da história, pois, afinal, a morte é a única certeza que se reserva neste mundo ao bicho humano. E a sabedoria da consciência empresarial, chegada à sua quintessência, concentrara sobre a morte, que é a maior produção e o maior consumo dos homens, todos os seus recursos de capital e mão-de-obra.

Quanto a mim, receio apenas que tudo não passe de uma farsa e uma burla às leis da competição. Pois, no fundo, é bem possível que Azócar e Forlivesi, em vez de competidores, sejam sócios de um negócio comum — a imagem bifronte de um conglomerado. Não quero, porém, que se saiba dessa minha suspeita, pois ela parece ser extremamente perigosa.

Foi, pelo menos o que me disse um jornalista baiano, vindo de Uauá ou de Saúde, que apodrece há seis anos no cárcere mamertino de um Regimento de Cavalaria, por haver posto em dúvida a honestidade de Azócar e Forlivesi, sobre cuja reputação deve repousar a própria segurança da cidade.

Rio, 1969

a *Elisa* e *Abdias do Nascimento.*

COM UMA CARTA NA MÃO

Maio de 1935

— "Menina, sai da janela!"

É a mesma cantiga o dia inteiro. E eu não saio. De manhã e de tarde estou ali, com a veneziana meio aberta, os cabelos soltos, caídos nos olhos, e o coração na mão. Só saio para tomar notas neste diário. Meu desejo era escrever para outras pessoas. Mas como não conheço ninguém, o remédio é escrever para mim mesma.

Junho

"Esta menina ainda vai arruinar a vida de alguém". Tia Lola mudou de estribilho. Eu é que não mudei de vida. Continuo plantada na janela o dia inteiro. Mas não penso em arruinar a vida de ninguém. Nem penso em grandes aventuras. Meu desejo é apenas receber um dia uma carta. Um namorado que me escrevesse. Vejo todos os dias a chegada do carteiro. Mas nunca para mim.

Dezembro

Começam a me achar esquisita em casa. Dei para ler romances. Dizem que estou ficando calada e triste. Não me importa. Depois que passa o carteiro, saio da janela, vou para o espelho. Até gosto que me achem triste. Descobri que certo ar vagamente melancólico me fica muito bem. Até os cabelos parece que ficam

mais bonitos. E os olhos e a boca, numa beleza silenciosa e morena. — —"Os livros estão estragando esta menina". Tia Lola mudou novamente de estribilho.

Março de 1945

Há dez anos que não via este diário. Se é que posso chamar diário a umas notas tão espaçadas e tão vagas. Nem me lembrava mais. E ontem à tarde, mexendo num gavetão de vestidos velhos, encontrei no fundo o caderno amarelo. Abri sem nem saber o que era. Tive de repente a impressão de que vinha de suas folhas desbotadas o perfume dos jasmineiros da rua. Esse perfume que há dez anos aspiro, todos os dias, na janela. Porque ainda não perdi o hábito. Nem a esperança.

Hoje à noite, eu estava lá, por detrás das cortinas. Parece que nem tia Lola reparou que até de noite dei para ficar na janela. Pensam que é só de dia, e que só espero o carteiro. Deviam pelo menos suspeitar. Não me viram e pude ouvir a conversa. Estão conspirando contra mim. Tia Lola foi quem deu a idéia, imediatamente acolhida por papai. —— "É preciso arranjar um emprego para esta menina". Que com o emprego eu ia deixar de ler romances, de ficar na janela, de esperar absurdamente o carteiro.

Abril

Nem um namorado. Já não digo noivo. Mas um simples namorado. Não agüento mais. Trinta e dois anos, e nunca. E afinal, não sou feia. Minhas irmãs até dizem sempre que sou bem feita de corpo. Em casa, todos falam de certo encanto de meus olhos e do negro abundante de meus cabelos. — "É ver a pele da Conceição quando tinha vinte anos". Conheço os antigos retratos de mamãe e sei que sua pele foi famosa. Mas o fato é este: — Trinta e dois anos — que ninguém me dá — e nunca tive um namorado. Não falo de sair de braço pelo jardim. Nem de ir ao cinema ou ao teatro. Mas uma carta ao menos! Nunca recebi uma carta de amor. Para ser franca, nunca recebi carta de espécie alguma. E é até bobagem esperar. Pois, quem me haveria de escrever, se não conheço ninguém fora das pessoas de casa, que nem sequer viajam, todas solidamente ancoradas, há mais de trinta anos, neste velho casarão amarelo.

Junho

Para cúmulo de meus suplícios, arranjaram o emprego, e justamente nos Correios e Telégrafos. Milhares de cartas passam por minhas mãos. Abro, diariamente, dezenas de malas postais e sele-

ciono por bairro a correspondência. Impossível esquecer a batida comparação do suplício de Tântalo. Nenhuma daquelas cartas é para mim. Às vezes não me contenho. Agarro os envelopes com verdadeira volúpia. Amarroto. Acaricio. Sei perfeitamente que é tolice. Mas é mais forte do que eu. E perco um tempo enorme no serviço. Porque não posso deixar de ler o nome do destinatário em cada envelope, na esperança de que um dia, entre milhares de sobrescritos, apareça afinal... Mas nunca.

Dezembro

Já é uma espécie de loucura. Talvez devesse procurar um médico. Não me entenderia. Não podendo receber, dei para escrever cartas. Quase não pego mais neste diário. Fico acordada até altas horas da noite e todos em casa estão meio inquietos. Mas não desconfiam de que se trata. Vêem a luz de meu quarto, e pensam que estou lendo. Mal sabem que há muito tempo nem olho para os romances. Escrevo de seis a oito cartas por dia. Não sei para quem mandar nem para onde. Invento nomes fantásticos e despacho para cidades longínquas, nacionais e estrangeiras. Talvez numa dessas cidades exista alguém com o nome e endereço que inventei e que...

Tia Lola não diz sempre que tudo é possível nesta vida?

2 de janeiro — 1947

Afinal, deu-se o que eu tanto temia. Maldito emprego! Deus sabe que eu não agüentava mais. São três horas da madrugada e não consigo dormir. A carta está aqui, em cima de minha mesa, a letra azul toda borrada de lágrimas. Chorei muito. Era um grande envelope de linho esverdeado. Quando o peguei na repartição, antes ainda de ler o endereço, senti que era aquele. Lembro-me de um nome, num talhe firme e masculino: — Abigail Gonçalves. Vi num relance. Não era o meu nome. Nem parecido. Meu nome é Rita. Mas era tarde. Eu já tinha me apoderado da carta. Ela já tinha se apoderado de mim. Escondi-a rapidamente na bolsa, e mal terminou o serviço, saí quase correndo. No bonde mesmo abri e joguei fora o envelope com o nome da destinatária. Aquele nome ridículo, que me fazia mal, como se fosse ela que estivesse roubando a carta que era minha. De alguém que tinha escrito para mim. Um homem. Imaginei-a feiosa, o nariz adunco e as rugas enchendo o rosto grosseiro. Obscura escriturária de alguma repartição pública, vivendo num subúrbio humilde, entre aperturas e misérias. E assim veio meu primeiro sentimento de amor: — ódio, ciúme, desprezo mesquinho. Abri tremendo a carta. Era, antes, um bilhete:

— "Abigail,

Pensei muito e resolvi perdoar. Afinal, somos casados. Por mais que você tenha caído, é sempre a mãe de meus filhos. Perdôo. Além disso, amo-a. Afaste a idéia do suicídio. Você disse que era a última carta que me escrevia. Pois será. Esta também será a minha última. Não precisaremos mais de cartas, porque nunca mais nos separaremos. Espero você na esquina do Municipal amanhã, às 6 horas. Se você vier, iremos juntos para casa. Se não, nunca mais me procure. Não agüento mais. — Emílio."

3 de janeiro (9 horas da manhã)

Passei a noite em claro. "Esta menina ainda vai arruinar a vida de alguém". A horrível praga de Tia Lola. Por minha causa, um homem e uma mulher estão perdidos. Talvez até... Estou disposta a ir correndo, procurar essa pobre Abigail. lançar-me aos seus pés, confessar que sou uma ladra, que cometi uma infâmia, pedir que me perdôe, entregar-lhe a sua carta. A sua vida. Mas impossível. Joguei fora o envelope. Como saber seu endereço? O homem, era certo que iria ao seu encontro. E ela? Havia uma solução. Ir esperá-lo na esquina do Municipal. Talvez por seu semblante doloroso eu o reconhecesse. Sim. Com certeza o reconheceria. Um homem grisalho e amargo. Vou e falo com ele e peço perdão. Ele irá imediatamente à casa de Abigail e chegará a tempo. Ela estará esperando, e não é feia como imaginei antes. Seus grandes olhos de sobrancelhas altas hão de brilhar num rosto de maçãs salientes, iluminadas por um sorriso melancólico e bom. Morena e doce e de cabelos tão pretos como os meus.

Meia-noite

Acabo de voltar para casa. Todos estavam acordados esperando por mim. E me olham assustados e não entendo seus rostos. Passaram milhares de homens em frente ao Municipal. E nenhum deles se deteve e nenhum me olhou e não falei com nenhum. E de cinco e meia até agora, fiquei parada na esquina, olhando para todos, pálida, pálida, com uma carta na mão.

Rio, 1947

a Verinha

O ÓPIO DO POVO

"Spera in Deo, quoniam adhuc confitebor illi."

A última vez que o encontrei foi no hotel dum catalão em Guayquil, por onde vagabundei uns três ou quatro dias, de volta da Nicarágua. Lembro-me da cor de mel de seu poncho de vicunha, a mesma cor de mel de seus olhos inocentes, e do forte tabaco *criollo* de seus cigarros incessantes.

As noites do Equador são profundamente azuis o gastamos todo o azul da noite numa conversa fervorosa sobre os destinos do que chamávamos "a nossa América". Despedimo-nos no aeroporto, e tomei o avião peruano em que me esperava Mariana Valenzuela com seus grandes olhos quitenhos.

Depois, nunca mais soube dele, a não ser pelos jornais e pela carta de um frade capuchinho de Bogotá, escrita a seu pedido, antes de morrer. Dizia o capuchinho que, desde que deixara o velho seminário colombiano para fazer-se frade, não tivera mais notícias de seu colega de turma. Soubera apenas que terminara o curso, se ordenara sacerdote, fizera um doutorado de Teologia na Bélgica ou em Roma, e era vigário de uma paupérrima paróquia pelas bandas de Bucamaranga, na região cafeeira das serras de Santander, entre as quebradas da província de Soto, terra de homens bons no *cuchillo* matador e mulheres boas na cama de capim cheiroso.

— "Nunca leio jornais" — dizia o capuchinho na carta. Seu apostolado não lhe dava tempo para isso. Ficou, por isso mesmo,

atordoado, com a notícia, divulgada com escândalo na reunião das Filhas de Maria, onde correu, de mão em mão, o exemplar do diário em que se divulgava sua prisão. O padre, seu antigo colega de seminário, estava preso por uns coronéis de Bogotá, sob a acusação de ser comunista e cúmplice da subversão com operários e camponeses.

A prisão de um sacerdote, de um ministro religioso, seja qual for sua confissão, parecia-lhe uma impiedade. Ficou, assim, verdadeiramente perplexo diante da silenciosa passividade dos fiéis. Os próprios bispos não disseram uma palavra, parecendo esquecidos daquela severa advertência de Nosso Senhor aos poderosos do mundo, de que não tocassem em seus ungidos: — *"Nolite tangere Christos meos"*.

Não fazia muitos anos, a Santa Sé fulminara com a excomunhão um general argentino porque ousara encarcerar um bispo em Buenos Aires. A mesma pena se abatera sobre a cabeça do ditador do Haiti, porque ameaçara a liberdade do Senhor Bispo de Port-au-Prince. Aos olhos de Deus, dos sagrados cânones e de todas as disposições capitulares da santa Teologia, tão sacerdote, tão ungido é o obscuro pároco de uma freguesia de Bucamaranga, como o titular do mais alto dos sólios episcopais.

Parecia-lhe, assim, incompreensível que enquanto o *"Anathema sit"* da cólera romana se abatesse sobre a testa negra do ditador do Haiti, o Papa Doc de Bogotá continuasse a envolver a figura santarrona na fumaça do incenso e na glória gregoriana dos *Te Deum* pontificiais, entre cônegos, abades, arcebispos e príncipes da Igreja.

Mas não queria julgar ninguém. Muito menos a egrégia hierarquia apostólica, que talvez tivesse razões para repetir o exemplo do Senhor, como fizera Dom Vital no Brasil diante dos juízes imperiais. Pois o jovem e santo Bispo de Olinda e Recife, na branca folha de papel que lhe apresentaram para redigir sua defesa ou seu protesto, escrevera apenas a frase do Evangelho:

— *"Jesus autem tacebat"* — Jesus preferia calar-se.

Talvez agora também a dignidade da Santa Igreja estivesse achando mais sábio e mais eloqüente o silêncio, diante dos furibundos coronéis colombianos que arrastavam sacerdotes ao cárcere.

Mas não. Pois a verdade é que a Igreja não silenciara e — sem falar em prelados como Monsenhor Sigaldez, mais assíduos aos cochichos palacianos que ao ofício do confessionário — o certo é que não faltavam catedrais em que se celebrassem pontificais votivos aos membros do governo que encarcerava sacerdotes.

Não queria dizer que fosse má fé. Talvez apenas falta de inteligência, pois, como na famosa invectiva do velho Padre Atanásio, que tantas vezes ouvira no Seminário, nem sempre a coroa serve

de claraboia ao cérebro. Não. Não queria julgar os ungidos do Senhor. Devia ser apenas burrice, e a burrice, que em alguns casos será pecado, em outros poderá ser virtude, como nos santos Irmãos Leão e Junípero. E o próprio poeta-santo fizera um poema em que pedia a Deus que lhe desse a graça de fazer-se "burríssimo como São Cristóvão".

De forma que aquilo que lhe parecia um pecado de covardia ou de omissão, devia ser antes uma virtude, a graça da burrice de São Cristóvão, derramada como um celeste orvalho, ao canto do *rorate coeli desuper,* sobre as cabeças dos santos de Deus, e pousada à sombra protetora de solidéus roxos e negros.

Não. Não queria julgar os bispos e monsenhores. Nosso Senhor, porém, que não o quisera contemplar naquele momento com a graça da burrice, desejava sem dúvida que falasse e fizesse alguma coisa por seu irmão de sacerdócio e antigo companheiro de Seminário. Ia ver o padre prisioneiro.

O oficial ríspido o recebeu mal. Agradeceu a Deus a oportunidade de sofrer uma humilhação a seu serviço. Perguntaram se também era comunista, ou se era um frade vadio e não tinha mais o que fazer. As visitas eram proibidas. O padre estava rigorosamente incomunicável.

"Incomunicável" — repetiu baixinho, recitando a antífona de *"Communicantes"* da Santa Missa, e sorrindo ligeiramente, com uma superioridade interior que o bronco carcereiro jamais entenderia. Pois os homens de Deus têm pontos de encontro e conhecem caminhos de comunicação contra os quais resulta impotente e ludibriado o próprio poder dos dispositivos militares da Colômbia.

"Incomunicável" — sorriu de novo, alisando a barba capuchinha. Pois sabia que desde o momento em que saíra da sacristia para vê-lo, ao terminar o *Tantum Ergo* da saudação ao Santíssimo — já estava em comunicação com o padre encarcerado.

(Aqui sou obrigado a omitir certos detalhes da carta que me escreveu o frade, pois ele ainda continua vivo, e as coisas na Colômbia continuam como dantes).

O que ficou sabendo do padre encarcerado foi pouco, mais foi tudo.

Em sua miserável freguesia, entregue ao pastoreio das almas que Deus lhe confiara, havia refinado, no exercício da oração e da penitência, aquela piedade, aquela paixão da virtude, que dele fizera no Seminário a admiração e o exemplo dos companheiros.

Asceta e monge nas poucas horas que podia reservar ao recolhimento da casa paroquial, era apóstolo incansável no confessionário, no púlpito, à cabeceira dos doentes e às privações dos po-

bres. Comovido talvez mais por sua ação que por sua palavra simples — era daqueles que pregam em silêncio, como queria Santo Afonso Rodriguez — todo o povo da freguesia, sem uma única exceção, vivia em torno de sua igreja, fiel e devoto, no fervor da fé religiosa.

Um dia, num jipe com alto-falante, parou em frente do cruzeiro da praça um grupo de estudantes e políticos vindos da capital.

— "São comunistas" — sentenciou, oracular, o delegado de polícia.

O resultado foi que o povo abandonou a praça, embora os oradores continuassem a trovejar, pregando a reforma agrária, a extinção do analfabetismo e outras teses igualmente explosivas, muito ao gosto do paladar subversivo de alguns intelectuais de Bogotá.

Quando ia mais alto o calor dos oradores sem ouvintes, naquela espécie de comício chapliniano ao mesmo tempo trágico e grotesco, o padre assomou, talvez por acaso, à porta do Presbitério.

Deteve-se um instante. Colocou o barrete, atravessou a praça e postou-se à frente dos oradores. O rapaz que falava fez lembrar-lhe a história de Santo Antônio, que, não encontrando homens que lhe ouvissem a palavra, resolveu distribuí-la aos peixes.

Depois lembrou-se do Precursor do Evangelho, e na memória que lhe trabalhava a retina e os ouvidos, murmurou a invectiva de São João Batista, que se alimentava de mel silvestre e gafanhotos e pregava nos ermos: — *Vox clamantis in deserto.*

Surpreendeu-se, de súbito, com a idéia de que, se pudera comparar aqueles agitadores com os santos de Deus, como Antônio de Lisboa e João Batista, é porque somos todos filhos do mesmo Pai Celestial, criaturas do mesmo Deus, participantes por igual das mesmas heranças da Criação e da Providência.

Andava por esses pensamentos, quando um jovem estudante exaltado, com todos os sintomas daquilo a que Lenin chamava o *sarampo do comunismo,* apontou para sua pobre batina, remendada, e depois de uma série de indignadas acusações, responsabilizando-o pela insensibilidade e pela ausência do povo, e que o faziam sorrir e perdoar, exclamou: — "A religião é o ópio do povo".

O Padre se pôs sério. Até ali ouvira tudo com benevolência e acatamento. Mais do que isto: pois entendia que a palavra é o dom mais sagrado que Deus confiou ao homem. Pusera-se a ouvir os oradores, porque lhe parecia um pecado contra a grandeza desse dom não lhe dispensar o respeito merecido. Não há impiedade maior que a que se comete contra a palavra humana, sufocando-a na garganta dos que a oferecem. Ou no ouvido dos destinatá-

rios dela. É um sacrilégio privar alguém de falar. E é igualmente um sacrilégio privar alguém de ouvir e ser ouvido. Por isso estava ali, ouvindo.

Mas, diante daquela acusação frontal à sua fé, à santa fé de Nosso Senhor Jesus Cristo e de seus sagrados evangelhos, não se conteve. Subiu ao improvisado palanque, arrebatou o microfone ao orador, e pediu ao povo recolhido nas casas que o viesse ouvir.

A multidão assustada encheu a praça. E ele permaneceu ali, firme, ao lado dos agitadores, a mão escondida no bolso da batina, desfiando o terço.

Poderia ter incitado a multidão, puxando o terço com ela e, por fim, escorraçado do palanque, da praça e da freguesia, a chicotadas de rosário, os intrusos perturbadores. Lembrou-se daquele padre que tomara o crucifixo e com ele golpeara os infiéis, castigando-os a *cristazos*, segundo a versão de D. Miguel. E lembrava-se da explicação de D. Miguel, de que aquele padre fora para o inferno, pois, ao apresentar-se diante do Senhor, Este lhe disse:

— "Foi o meu sangue que correu, foi a mim que golpeaste no lombo de meus filhos. Pois toda vez que se tortura um ser humano, é a mim que se tortura."

Não. Não transformaria em chicote o sagrado rosário da Santíssima Virgem Maria.

O orador terminou pedindo o fechamento das igrejas e a cabeça dos vigários. O padre fechou os olhos e disse baixinho a fórmula sagrada do perdão:

— *"misereatur tui omnipotens Deus et dimissis peccatis tuis perducat te ad vitam aeternam."*

Pensou no poder de Deus, que uma vez fizera baixar um só de Seus anjos, com a espada de fogo, e destruíra os vinte e cinco mil soldados do exército de Senaquerib. Se Ele poupava agora aquele jovem estudante exaltado, é porque queria que ele falasse. Falasse e fosse ouvido. Não seria ele quem iria impedir aquilo que a infinita sabedoria se comprazia em permitr.

Já agora era outro que discursava. Pois, depois do jovem exaltado, falaram largamente um escritor mais ou menos conhecido em Bogotá e um operário de Bucamaranga. Conclamavam o povo a despertar, para dar terra aos que não a têm, para matar a fome dos famintos, vestir os nus, levar remédio aos enfermos e instrução aos ignorantes.

Despertar o povo — pensou. Lembrou-se da palavra do Evangelho — *vigilate* — estai despertos.

Não. A religião não é o ópio do povo — e ele havia de mostrá-lo de agora em diante, não apenas em sua humilde paróquia, mas em todos os recantos da Colômbia.

Aqui devo, novamente, omitir alguns detalhes da carta do capuchinho. Mas posso lembrar algumas referências que me foram feitas pelo deputado Nuñez Campero, que o encontrou fomentando uma greve e escorraçando policiais e delatores à porta de uma fábrica em Cali ou Medellin.

Nuñez Campero, aliás, estava com ele, num palanque cheio de comunistas, no comício de Primeiro de Maio em Cali. Era um dos mais ardentes oradores. Foi quando um provocador policial, ou talvez mesmo uma pessoa ingênua que estranhasse a presença daquela batina em semelhante circunstância e companhia, o interpelou, para saber se era realmente sacerdote.

— "Sacerdote segundo a ordem de Melquisedec e segundo o coração do Cristo" — foi a resposta do Padre.

— "Que dirá, então, o reverendo — perguntou o sujeito — quando comparecer ao julgamento de Deus e lhe for perguntado onde estava no dia 1º de maio de 1963?"

— "Já pensei nisso, meu filho" — respondeu o padre serenamente. — "Pois, humilde e tranqüilo, prostrado aos pés do Senhor meu Deus, eu lhe direi: Pai, no dia 1º de maio, teu servo e teu sacerdote estava num palanque cheio de trabalhadores. Estava ali com eles, Pai, ao lado deles, pedindo para que os poderosos não continuassem a matar de fome e de miséria os operários meus irmãos, que são teus filhos prediletos, entre os quais nasceu o Senhor Jesus, no lar do carpinteiro, para fundar Sua Igreja com pescadores e prostitutas — a ralé dos arrabaldes. Estava, Pai, ao lado dos que reclamavam justiça, oferecendo meu pequeno esforço humano em favor daqueles por quem o Senhor Jesus ofereceu a própria vida."

Segundo a carta do frade, os bispos nunca o suspenderam de ordens, por mais incompreensíveis que parecessem a algumas senhoras bem pensantes as prédicas e as companhias do Padre revolucionário.

O capuchinho não é muito claro ou preferiu ser discreto comigo a respeito dos problemas de consciência que com ele haja debatido o sacerdote.

Termina abruptamente a carta, edificado com o fervor do companheiro que, segundo ele, passou os dias no cárcere confessando o Senhor, e esperando nEle. E dali saiu para as montanhas, de onde nunca mais voltaria.

O que parece fora de dúvida é que, além dos aspectos diretos do amor cristão e da pura justiça, duas idéias fundamentais o inspiraram, ao acompanhar os rebeldes. A primeira delas foi a necessidade de testemunhar a liberdade da palavra humana, pois

não se deve impedir aquilo que Deus permite. A outra, a decisão de mostrar que a religião dos filhos de Deus é o mais vivo e vigoroso dos nutrimentos — e não o ópio do povo. Queria desmentir Lênin, mas entre as muitas coisas que existem entre o céu e a terra, e sobre as quais os coronéis colombianos são de fulgurante ignorância, a teologia é uma delas. Por isso, meteram na cadeia e depois fusilaram nas selvas da Colômbia o padre de poncho cor de mel, com quem vivi a noite azul de Guayaquil. Era o Padre Camilo Torres.

La Serena, Chile, 1965

a D. Hélder Câmara

O HEREJE

"Meditabor in mandatis tuis
quae dilexi valde et
levabo manus meas
ad mandata tua, quae dilexi."
(Ps. 118 — 47 e 48)

Na varanda dos fundos, debruçada sobre o pomar de mangueiras do velho e amorável sobrado colonial onde se dava palácio à Mitra Diocesana, o Senhor Bispo fazia sua sesta nordestina. Acabara de ler a Noa, começara piedosamente as Vésperas e se detivera no versículo do saltério em que o rei David cantara as abundâncias da misericórdia do Senhor, tão generosas e tão carregadas de frutos, que sob eles verga, sem os poder sustentar, a debilidade de nossa miséria. Repetiu com unção:

— *"Misericordias Dimini quis sustinebit?"*

Divagou o pensamento, agradecido a Deus, pelo rebanho de seu pastoreio, onde o clero devoto e exemplar fazia crescer a virtude no coração dos fiéis, florescente e pingue como a herva boa nos montes em redor.

— *"Sicut pinguedo montium"* — murmurou o Senhor Bispo, lentamente rendendo as pálpebras ao *"diabolus meridianus"* de um irresistível cochilo.

Não saberia dizer com precisão quanto tempo madornou naquela suave modorra, doce exigência das tardes do trópico e jocundo privilégio de um almoço bem digerido.

Voltou, suavemente, do cochilo involuntário e teve um leve remorso. Estaria diminuindo os fervores de seus primeiros anos de sacerdócio? Como pudera dormir à palavra do Senhor?

— *"Nec dormiant aures tuae verbis meis"* — murmurou, lembrando-se de que não se deve dormir enquanto fala o Senhor, especialmente nas horas do Santo Breviário que suas mãos, ao adormecer, tinham deixado cair, como se já não o pudessem sustentar, quando a única coisa para a qual, realmente, não lhe deviam faltar as forças de suster, era a misericórdia ilimitada de Deus, que salvou Moisés do Egito e Daniel da cova dos leões. E que livrara sua virtuosa Diocese da praga das heresias, das superstições do espiritismo e de outros males mais modernos, como a paganização dos costumes e a praga das imoralidades. E sobretudo preservara o seu clero das quedas da luxúria e dos perigos do orgulho, que gera a desobediência e é sempre o caminho mais curto para as maldições da apostasia.

Pois todos os vigários de seu sólio eram sacerdotes zelosos e sem mácula e sua fama de santidade e seu espírito apostólico eram objeto de comentários e de santa inveja até na Diocese de Dom Apolônio e de outros bispos, que sempre lhe pediam padres para os retiros do clero ou para levarem o bom exemplo e o bom conselho a algum cônego vacilante na fé, transtornado pelo orgulho ou claudicante no decoro.

O velho Padre Vicente, da freguesia de Nossa Senhora do Ó, que, por sua humildade e fervor, vivia, mesmo, em merecido cheiro de santidade, era sempre chamado como exemplo.

O Senhor Bispo lembrou-se do santo Padre Vicente e agradeceu a Deus, mais uma vez, a bênção de ter na Diocese tão puro sacerdote.

— *"Justus ut palma florebit"* — disse consigo mesmo, pensando não seria talvez a presença daquele justo a causa do carinho com que o Senhor fazia florescer o pasto de seu rebanho.

Começou a levantar-se da rede para atender aos graves e urgentes cuidados do Bispado. Sentiu o corpo pesado e difícil e novo remorso o assaltou: não estaria engordando demais, por ceder aos prazeres da mesa e ao pecado da gula? Mas não: até que era frugal no repasto e pródigo no jejum. Não jejuava, é verdade, como o Padre Vicente que, segundo se dizia, vivia praticamente a pão e água e que, quando era obrigado a comer à casa de algum paroquiano, juntava sempre à comida um pó esverdeado que trazia, embrulhado num papel, no bolso da batina remendada. Alegava

que era um remédio para o fígado, mas depois se ficou sabendo tratar-se de uma herva carqueja, destinada apenas a tornar a comida insuportavelmente amarga.

De qualquer forma, achou-se gordo o Senhor Bispo. O próprio anel pastoral já lhe estava ficando apertado no dedo anular. Olhou, disfarçadamente, para a barriga, que já estufava um pouco os debruns de roxo da batina, e ficou meio confuso: — *"sicut pinguedo montium"* — pensou de novo, desta vez sobre a fartura do próprio corpo, naquele sagrado costume de buscar às Escrituras uma palavra para cada coisa da vida.

Levantou-se, afinal, traçou o sinal da cruz sobre o hálito de um bocejo involuntário e sobre a inconveniência de usar o texto sagrado para comentar o desgoverno das glândulas.

E invocou compungido:

— *"Pone, Domine, custodiam ori meo et ostium circumstantiae labiis meis"* — põe, Senhor, guarda à minha boca e tranca de vigilância em torno de meus lábios.

Com firme decisão de aumentar mais um dia em seus jejuns semanais, diminuir o açúcar no café e suprimir aquelas voluptuosas sobremesas de papo-de-anjo que lhe mandavam as irmãsinhas do Rosário do Carmo, ia entrando para o escritório, quando um cavalo lhe riscou à varanda.

Reconheceu-o ao saltar. Era o portador do Padre Vicente, que vinha trazer todos os meses o óbulo da Mitra, recolhido à fábrica da Igreja e à caridade dos fiéis. E à caridade, em suma, do próprio Vigário, que se despojava até do indispensável à própria subsistência.

Ainda não era o fim do mês, o Senhor Bispo verificara, com certa apreensão, que os cofres da Mitra estavam raspados, já pela santa imprudência de suas caridades, já pelas despesas extraordinárias da viagem que, como Padre Conciliar, acabara de fazer a Roma, onde se prostrara, comovido, diante do túmulo de São Pedro. E onde, ao beijar a veneranda fivela do sapato de Paulo VI, suplicara a bênção especial que trouxe à Diocese, carregada de indulgências plenárias e votos pela proveitosa aplicação das inovações litúrgicas e canônicas decretadas pela sabedoria do Concílio à Sagrada Congregação dos Ritos, aos bispos, aos párocos e aos fiéis em geral.

Pensou na misericordiosa caridade do Paráclito, que descera sobre a cabeça dos bispos mais humildes, mesmo a sua, mesmo a daquele pequeno Prelado de Uganda que, no mais puro latim, melhor que o de Santo Tomás — nunca perdoara ao Doutor Angélico seu baixo e péssimo latim — defendeu as vantagens e excelências da Santa Missa dita na língua bantu e no dialeto dos cafres e da Hotentócia.

Era tão límpido o latim do bispo africano, com uma elegância que lembrava Cícero e uma concisão que cheirava a Tácito, e ao mesmo tempo com a beleza néoclássica, quase barroca, de Santo Agostinho, que, por um momento, chagaram a por-se de acordo com o irredutível leão dos conservadores, o velho Cardeal Ottaviani e o arrojado tigre das reformas, o Cardeal de Silva, do sólio pontifício de Santiago do Chile.

E um ao outro cochichavam amáveis, como se trocassem o *"osculum pacis"*:

— *"Bona usus latinitate Reverendus Niger."*

É verdade que, logo em seguida, para decepção e horror de Ottaviani, como se se recompusesse com suas teses avançadas e reformistas, o de Santiago, vendo o africano acertar o relógio de bolso enquanto falava, exclamou em bom chileno:

— *"Tan bién se mueve el Negrito con la cuestión de su relojito, como con su latin!"*

Evocando o inesquecível espetáculo, em que a Basílica de São Pedro, como uma casa paterna, acolhia filhos de todas as raças, pensou o Senhor Bispo no versículo 24 do Segundo Livro do Profeta Baruch:

— "Ó Israel, quão grande é a casa de Deus e quão vasto seu domínio!"

Pensava nisto e nos cofres raspados da Mitra, para os quais tinha sempre um consolo: — *"Deus providebit"*. E ali estava Deus providenciando, como sempre, através da delicada solicitude do Santo Padre Vicente, cuja caridade tinha finuras, delicadezas e premonições, que só inspiradas pelo Espírito Santo. Pois ainda estava longe o fim do mês e já ele se adiantava em seu óbulo, pensando, talvez, nas aperturas do Senhor Bispo, cuja pobreza evangélica tão bem conhecia e que deveria estar em dificuldades, por essa dispendiosa viagem a Roma.

O portador ajoelhou-se para beijar o sagrado anel e entregou-lhe a carta.

Começou a ler.

"Nossa Senhora do Ó, 17 de outubro de 1964.
Excelentíssimo e Reverendíssimo Senhor Bispo, Pax Xti!

Beijo, respeitosamente, o sagrado anel de Vossa Excelência Reverendíssima, peço-lhe a bênção pastoral, desejando-lhe a paz de Cristo. E o faço, Excelência, sem saber se me assiste ainda o direito de beijar esse sagrado anel, implorar essa bênção e desejar essa paz, que do fundo de minha miséria, talvez seja eu o primeiro a vir quebrar no sereno espírito de Vossa Excelência Reverendíssima. Pois, há treze dias, recebi, do Senhor Bispo, e há treze dias

venho sobre eles meditando, os Rescritos da Cúria Metropolitana, firmados pelo Muito Reverendo Senhor Vigário-geral, abonados com o selo e cruz de Vossa Excelência Reverendíssima e que me foram entregues pelo Muito Reverendo Monsenhor Arcipreste dos Curatos setentrionais desta Província Eclesiástica. Houve-os o virtuoso Monsenhor Arcipreste, segundo me disse, das mãos do Reverendo Preboste da Sé ou de um Cônego do Cabido Metropolitano, ou ainda, do Reverendo Padre Reitor do Seminário, que acaba de ser erguido, conforme soube, à dignidade de Prelado Doméstico de Sua Santidade. De Prelado Doméstico ou de Protonotário Apostólico, não sei bem, com direito a pontificar a Santa Missa e a portar mitra e cruz pastoral. Creio que não, porém, o báculo, nem mesmo com o castão *"ad intra conversus"*, pois este me parece ser signo e privilégio do pastoreio efetivo. Entendem, mesmo, alguns doutores que nem os bispos titulares de sólio simbólico o deviam usar, como, de resto, procedia Vossa Excelência, com tocante humildade, ao tempo em que, como Bispo Titular de Cesaréia, coadjuvava nosso zeloso e finado Dom Caetano.

Mas veja Vossa Excelência Reverendíssima, que já me vou tornando prolixo e esquecido. De qualquer forma, o que peço licença a Vossa Excelência Reverendíssima para dizer, sem me arvorar em juiz dos atos da Santa Sé, é que muito acertada andou a Sagrada Congregação ao conferir tão altas distinções à ciência, à virtude, aos méritos, enfim, do Reverendo Padre Reitor. Pois quase me estou atrevendo a dizer que aquele admirável sacerdote — sacerdote segundo o coração do Cristo — desmentiu a prudente advertência de São Paulo, segundo a qual *"scientia inflat"*. No bom Padre Reitor, a quem Vossa Excelência Reverendíssima, sob o influxo do Espírito Santo, confiou a formação de nossos levitas, a ciência, a sabedoria, parece que só fizeram aumentar a humildade e o temor de Deus. Bem acertada, pois, andou, neste passo, a Sagrada Congregação, que, às vezes, se engana nesses passos, como quando quis conferir-me, a mim, velho, imprestável e defeituoso cura de aldeia, as meias roxas de Monsenhor que a Santa Mãe de Deus me ajudou a evitar viessem a calçar meus pés de pecador.

Aliás, ainda hoje desconfio não estivesse por trás dessa penosa história a pia e indulgente manobra dos carinhos paternais de Vossa Excelência Reverendíssima que, como todo bom pai, tem, às vezes, fraquezas e benevolências excessivas com seus filhos.

Mas, como ia dizendo, Senhor Bispo, recebi os Rescritos da Cúria Diocesana. Se me custava a identificar no conteúdo deles a sabedoria apostólica de Vossa Excelência Reverendíssima, lá estavam, para legitimá-los e autenticá-los, o brazão de armas do Senhor Bispo, com a inscrição do Apóstodo: — *"Lex non mea, sed*

Domini", — a lei é do Senhor, não minha. E mais, como disse, a assinatura do Senhor Vigário-geral, que a idade e a gota vão tornando trêmula, e — com selo e cruz de seu sólio — a clara firma de Vossa Excelência, que ainda guarda, inalterável, aquele belo talhe de caligrafia, tão admirado por todos, em nossos tempos de Seminário Menor. E não fossem essas garantias de autenticidade, bastavam as de portador tão conspícuo, como o muito Reverendo Monsenhor Arcipreste.

Nesses Rescritos, transmite a veneranda Cúria Diocesana — vale dizer, Vossa Excelência Reverendíssima — bulas e decretos supremos de Roma, oriundos das decisões do recente Concílio Ecumênico a que Vossa Excelência compareceu com suas luzes e sua piedade e — assim ousaria eu desejar — com sua ardorosa e intransigente energia na defesa da fé intangível, e da lei que dela decorre, porque é a lei do Senhor — *"lex Domini"* — como está em seu escudo d'armas. Não das leis que regem os costumes, que essas podem mudar como estes, mas da lei imanente à fé e às coisas da fé, na qual não se toca sem se tocar na própria fé — como ensina São Paulo.

Bem sabe Vossa Excelência Reverendíssima que sou um pobre cura ignorante e nunca me distingui pelo saber. São tantas e tais as deficiências da inteligência com que me dotaram a misericórdia e a providência de Deus, que foi com imensa dificuldade e esforço que consegui completar o curso do Seminário. Tal e qual aqueles santos varões que foram o Venerável Padre Pedro Donders, da Congregação dos Redentoristas e o santo Cura d'Ars. Não posso, de resto, — ai de mim! — comparar-me àqueles beatos padres senão nesse terreno de pobreza intelectual — e, ainda assim, estou certo de que eram muito mais inteligentes do que eu. Era com eles que me apegava em minhas orações, quando vacilava na dúvida sobre minha vocação, contra a qual, como no caso daqueles santos sacerdotes, parecia erguer-se a barreira do bronco entendimento.

Há de lembrar-se Vossa Excelência Reverendíssima da dificuldade com que eu conseguia enfrentar os exames. Muita vez passei de ano apenas graças a esforços quase sobre-humanos ou aos benevolentes caprichos da Providência, como naquele exame de História, em que me caiu o único ponto que lograra aprender: as guerras púnicas. E ainda hoje guardo uma grata simpatia por Hamilcar Barca e pelo bravo capitão que foi seu filho, Haníbal. E não se há de ter esquecido Vossa Excelência Reverendíssima daquele exame de latim, no quinto ano, em que a única coisa que eu sabia era o Canto II da *Eneida*, e quando retirei a mão da rifa dos pontos, lá me veio o sobredito que recitei, com a tradução decorada, depois de declamar os dáctilos sonoros, escandindo o metro virgiliano: — *"Infandum jubes, regina, renovare dolorem"*.

E que me diz daquela famosa prova de sagrada Teologia, quando o erudito Padre Gaspar nos esmagou a classe com todas as teses da Doxologia e os problemas da graça *"ex opere operato"* e *"ex opere operantis"*? Eram as únicas que me haviam entrado no torpe entendimento e na dura memória, e eu pude, com o desembaraço de um doutor da Gregoriana, transferir da ponta da língua para a ponta da pena, a mais das lições da Summa, com as claras sustentações do Divo Aquinatense, as preclaras oposições de Suarez, floreadas, ainda, com egrégias citações de Scotus Erigenus, do irrefragável Alexandre de Halles e até com algumas raras filigranas de Abelardo, do Pseudo-Aeropagita e da própria Patrística grega.

Estudante penoso, abaixo do medíocre, consegui, assim mesmo, com a graça de Deus, preparar-me razoavelmente em duas disciplinas que concentraram todos os meus esforços, porque eu as entendia vinculadas aos ofícios de minha santa vocação: o latim e a Sagrada Teologia. Dessas duas matérias, consegui aprender alguma coisa, talvez por força daquele conselho de Santo Anselmo de Canterbury: — *"neque enim quaero intelligere ut credam, sed credo ut intelligam"*. — Não procurava entender para crer, mas crer para entender.

Como prova de minha fraqueza de inteligência, está o fato de não haver logrado aprender nem uma das outras ciências que nos ensinaram e que não tinham raízes no chão da fé.

As matemáticas, por exemplo. Pois ainda hoje, quando se trata de uma simples conta de somar que inclua frações ordinárias, tenho que pedir a ajuda do meu velho sacristão ou de alguma zeladora do Apostolado da Oração. Felizmente, a Paróquia não tem dinheiro nem escrita e, mesmo assim, não fossem as luzes do diligente Tesoureiro da Conferência de São Vicente de Paulo, eu acabaria comprando velas com o dinheiro das esmolas, dando esmolas com o dinheiro das velas e pagando o salário do sacristão, piedoso Terceiro de São Francisco, que, muitas vezes, o deixa de receber, com o óbulo devido à Mitra de Vossa Excelência Reverendíssima. Vai a tal ponto minha ignorância matemática que, da Geometria euclideana, tão competentemente ministrada nas aulas do saudoso Padre Gregório — que Deus o tenha no reino dos céus — não aprendi mais do que aquela frase que, Vossa Excelência Reverendíssima se há de recordar, estava escrita na capa do compêndio: —

— "entre espíritos iguais e postos nas mesmas circunstâncias, aquele que conhece a Geometria é superior a todos os outros e possui um vigor especial."

Guardei a frase por ser um testemunho de minha inferioridade e por ser de um certo Pascal, que escreveu uns pensamentos

muito proveitosos e uma piedosa oração sobre as enfermidades do corpo, embora eu tenha minhas reservas contra as cartas em que atingiu os virtuosos padres de Santo Inácio e contra aquele pouco generoso cálculo de probabilidades sobre a salvação da alma.

Mas, como já disse a Vossa Excelência Reverendíssima, a velhice me está fazendo prolixo e esquecido, e esta não é a hora para maçá-lo com reminiscências de Seminário.

Perdoe, porém, a paternal bondade de Vossa Excelência Reverendíssima a essas caturrices de um velho cura sertanejo que, depois de mais de quarenta anos de ministério, ainda se sente o mesmo frágil e ardente seminarista daqueles tempos.

Como o sacristão me interrompeu para marcar um batizado, lembrei-me de sua qualidade acima referida de Terceiro franciscano, e com isto, do glorioso pai São Francisco, no dia de cuja festa me chegaram às mãos os respeitáveis Rescritos da Cúria Diocesana, vale dizer, de Vossa Excelência Reverendíssima.

No dia de São Francisco!

A primeira lembrança que me acudiu, depois da leitura daqueles papéis, foi também a primeira dúvida, nestes quarenta e tantos anos, sobre a legitimidade de minha vocação sacerdotal.

Não teria eu feito melhor, se, como São Francisco de Assis, tivesse reconhecido, de início, minha indignidade para a investidura no sacramento da Ordem e houvesse professado como simples irmão leigo, entre os padres de Santo Afonso ou entre os frades menores? Mas, com a ajuda de Deus e de minha santa Mãe, Maria Santíssima, repeli esse pensamento como uma tentação contra a esperança, engendrada pelo espírito das trevas.

E hoje, dia de Santa Margarida Maria Alacoque, em quem as virtudes teologais da fé, da esperança e do amor, dominaram todas as forças da vida, como o sangue nas veias, o sangue jorrado do Coração de Jesus — neste dia da apaixonada Santa de Paray-le-Monial, depois de haver celebrado o casamento de um casal de jovens, que parecia embriagado pelo mais puro e santo amor, também eu me senti tocado pela plenitude de meu sacerdócio. Como se de meu próprio plexo solar me borbulhasse um sangue sacerdotal, caloroso e vivo no fervor das artérias. *"Sacerdos in aeternum." "Sacerdos alter Christus."*

É nesta qualidade e neste estado que escrevo a Vossa Excelência Reverendíssima, sabe Deus que sem orgulho e sem soberba, e até com toda a humildade. Mas com aquela humildade que, de acordo com o padre São Bernardo, se confunde com a verdade: — *"Humilitas veritas, veritas humilitas".*

Sob a jurisdição de Vossa Excelência Reverendíssima, Vigário da Paróquia, apesar de Vigário colado, devo-lhe, como Ordinário

da Diocese, disciplina e obediência. Nem me demitirei destes deveres.

Sacerdote, porém, antes de ser Vigário — *alter Christus* — participo diretamente dos trabalhos da Redenção e dos poderes negados até aos anjos e aos arcanjos, os poderes do Filho de Deus. Dele, Sacerdote Supremo, tenho, indigno como sou, o meu ofício e o meu caráter. Em nome deste ofício e deste caráter, peço, humildemente, a Vossa Excelência Reverendíssima, receba de volta e os devolva a Roma e a todos os venerandos Padres Conciliares, inclusive o Santo Padre, os lamentáveis Rescritos inovadores que me trouxe o virtuoso Monsenhor Arcipreste. Ele mesmo, de resto, em seu grave silêncio, me pareceu confundido e perplexo com o inesperado documento.

Aliás, não tão inesperado. Pois, do fundo de minha ignorância e de minha pobre freguezia, vinha eu, há tempos, entregando a Deus, em minhas orações, certos rumos que alguns senhores bispos começavam a atribuir à missão do clero, e, pois, da Santa Igreja.

Na verdade, Senhor Bispo, há de convir Vossa Excelência Reverendíssima, os erros modernos daqueles Rescritos não surgiram de repente. Em minha velha experiência de quarenta e tantos anos de confessionário, aprendi que, em geral, nas consciências bem formadas, o pecado é como a natureza: *"non facit saltum"*. Assim no clero: a coisa vem de longe, preferindo o demônio à técnica do assalto o estratagema da lenta infiltração, sabendo, como o poeta Ovídio que — *"gutta cavat lapidem, non vi sed saepe cadendo"*.

A coisa começou, cá no meu fraco entender, quando os senhores bispos e os senhores párocos, em número cada vez mais alarmante, começaram a freqüentar os gabinetes palacianos, celebrando audiências mais assíduas com Ministros, Deputados e Presidentes, que com o Senhor Jesus. Colhiam subvenções, pescavam verbas e caçavam convênios com nomes pomposos. Não mais a franciscana esmola da caridade ao próximo, implorada e atendida pelo amor de Deus, como, graças a Ele, ainda se faz na feira de minha paróquia, à entrada da igreja e à porta das famílias cristãs, nos dias de sexta-feira. Não há mais esmolas. Há a contribuição do Estado para as obras sociais da Igreja, que substituíram a santa caridade. Os fiéis, em algumas dioceses, chegam a orgulhar-se, porque o virtuoso prelado que as dirige conferencia com governadores e parlamentares, que lhe dão títulos pomposos, jamais ostentados no *Flos Sanctorum*, no Martirológio e na história dos confessores da fé. Até nosso piedoso semanário católico, "O Mensageiro da Cruz", outro dia, se referia a um desses virtuosos prelados, como "O Bispo da Ação Social." Por outro lado,

bispos e curas, esquecidos da beleza das ordens caminhantes, já não cavalgam o corcel de São Francisco e dos Apóstolos, em suas dioceses e paróquias, acreditando que só de automóvel se pode fazer o apostolado. Parece que os ministros de Deus, daquele Deus que esmolou até o estábulo em que nasceu como homem, e que não tinha de seu uma pedra onde reclinar a cabeça — parece que os ministros de Deus — contaminados com a soberba do século, passaram a ter vergonha da pobreza e da prática da esmola. Não há mais caridade. Há assistência social ou justiça social.

E aos sacerdotes, parece modelo, melhor que a humilde Virgem Maria, a eficiente esposa daquele Ditador argentino — Deus se apiede de sua alma — a cujos trabalhos sociais se deve a construção de casas populares, hospitais, escolas e coisas parecidas. Pois os senhores bispos e a imprensa católica nos convocam, diariamente, para obras sociais, cruzadas de construção de casas, de alfabetização de adultos e de reforma agrária.

Com todas essas ocupações temporais, escasseia aos sacerdotes o tempo de rezar e meditar. Não são mais sacerdotes, ocupados com o *"opus Dei"*. Ocupam-se da obra dos governantes e são assistentes sociais — uma espécie de profissão nova, repugnante e blasfema, um desses pestilentos erros modernos, para os quais estamos a precisar não de reformas pedantes, mas de um novo Syllabus, a inspirada palavra de Pio X ou Leão XIII, cuja sábia Encíclica sobre as coisas novas tem servido de pretexto a muitos desses mal-entendidos. Talvez até melhor lhe fora à santa Igreja não houvesse o Santo Padre editado tal Encíclica, tanto a têm torcido e distorcido os filhos do século. O mesmo, e com mais fortes razões, se poderá dizer da Carta em que a santa ingenuidade de João XXIII ofereceu à interpretação desonesta dos aventureiros sem escrúpulos o magistério da Santa Igreja, numa Encíclica escrita, aliás, pela primeira vez na história da Igreja, em um lastimável latim, eivado de termos impróprios e claudicante sintaxe, que deixa muito mal a Arcádia Romana e os amanuenses de Sua Santidade.

Nem se excuse esse escândalo, com dizer que claudicante é também a sintaxe de São Jerônimo, como a de Santo Tomás. É claro que nenhum dos dois escrevia com a limpeza sintática de Santo Agostinho, mas é fora de contestação que sempre tiveram casta a palavra e adequado o termo para o que diziam. O que não ocorre, infelizmente, na citada Encíclica, onde substantivos espúrios depravam o verbo e corrompem a expressão da verdade. E a verdade, como a mulher de César e como o sacerdote, não deve apenas ser, mas também parecer perfeita e decorosa. Já viu Vossa Excelência Reverendíssima, como é irrepreensível a redação do Código de Direito Canônico e voluptuosamente deliciosa a lingua-

gem de São Boaventura? Parece-me um mau indício para a coisa dita e para quem a diz, quando a expressão resulta inadequada e torpe. Já observou Vossa Excelência como, via de regra, escrevem mal os herejes? (Neste passo, estou a ver o malicioso sorriso de Vossa Excelência Reverendíssima diante das indigências de meu fatigado estilo. Mas — perdoe Vossa Excelência Reverendíssima, que a relação entre o bem escrever e o produzir da verdade, ou seja, aquilo a que chamam os mestres o "discreto discorrer", há de ser válida para os escritores de profissão, não para mim, ignorante cura sertanejo, que não estou aqui para redigir letras, mas para praticar com a paternal sabedoria de meu Bispo).

O caso, Senhor Bispo, é que a matéria desses Rescritos bem que se podia esperar, numa situação em que os sacerdotes se transformaram em assistentes sociais e os senhores bispos, arcebispos e cardeais em pedagogos, economistas e sociólogos. Já não discreteiam no púlpito as homílias de Santo Hilário, de São João Crisóstomo, mas as técnicas da educação, a distribuição da riqueza terrena, de que não deviam entender, e as teses da sociologia e da reforma agrária que absolutamente não entendem. Nem este é seu ministério e ofício, nem para tanto se prepararam no Seminário Menor ou no Seminário Maior.

Começaram por institucionalizar e racionalizar a ação apostólica, que não se pode fazer com a razão, mas com a loucura, a infantilidade, a estultícia. A estultícia de Frei Juníparo, a infantilidade do Irmão Leão, e a loucura mesmo, segundo São Paulo, que se fez doido por causa de Cristo e, exatamente por isto, logrou exercer o mais fecundo apostolado de que se tem memória na história da cristandade. E nunca firmou convênios para fundar universidades com o dinheiro da Aliança para o Progresso, nem para financiar casas populares com os cobres do erário público. Pois nenhuma outra ciência queria aprender ou ensinar, senão o Cristo Jesus. E Este, crucificado — *et hunc crucifixum* — isto é, sem outra morada que os braços de sua cruz. *"Doceo Christum Jesum"* — aprendera o Cristo Jesus e ensinava o Cristo Jesus, não os relatórios da ONU ou da FAO sobre a fome no mundo — fome que há de ser mais de verdade que de pão. Pois de pão não devemos entender e distribuir senão aquele *"Panis Vitae"*, que é o Senhor Jesus.

Assim é, Senhor Bispo, que tinha de acontecer o inevitável: depois de racionalizarem a ação apostólica, acabariam racionalizando o resto, inclusive os sacramentos e o santo sacrifício da Missa. Como sabe Vossa Excelência Reverendíssima, não costumo receber jornais. Nem me sobra pecúnia com que os compre, nem tempo com que os leia. Mas o Doutor Promotor, que os recebe regularmente pelo Correio e às vezes os comenta no salão da Congregação Mariana, já me havia advertido de que um duvidoso so-

pro de modernismo se estava insinuando no Capítulo dos reverendos Padres Conciliares.

Não costumo dar fé a notícias de jornal. Mas agora, diante dos Rescritos que me remeteu a veneranda Cúria Diocesana — vale dizer, Vossa Excelência Reverendíssima — verifico que não era um sopro que se insinuava, Senhor Bispo, mas um tufão desencadeado no Consistório de São Pedro, varrendo as tradições veneráveis e arrancando as raízes das árvores da fé.

Onde andará o espírito do Cardeal Cajetano, para esmagar, com suas duzentas e tantas proposições as noventa e oito que vejo de novo o heresiarca Lutero pregar, não mais à porta de uma catedral alemã, mas à própria porta de São Pedro, talhada ao cinzel de Bernini e santificada por gerações de pontífices?

Pois aqui estão, Senhor Bispo — aí estão, que a Vossa Excelência Reverendíssima, com humildade e com sagrada ira os devolvo, os Rescritos da Cúria.

Neles me ordenam cavilosas cautelas sobre o culto dos santos e da Virgem Maria que, parece, deve ser reduzido para agradar aos protestantes. Por aqui passou, mesmo, um jovem sacerdote, que me disse ser um padre moderno, e que me pretendia ensinar que o culto dos santos e da Virgem Mãe de Deus e Mãe nossa deve ser resumido à imitação de suas virtudes.

Não sou sacerdote para agradar aos protestantes, Senhor Bispo, nem mesmo a Vossa Excelência Reverendíssima, com todo o respeito que lhe devo, mas para agradar ao Senhor meu Deus. E é com agradar a tão alto Senhor, que podemos ser úteis a quem quer que seja, inclusive aos protestantes.

Nem posso conceber, Senhor Bispo, a existência de padres modernos. Pois somos todos nós, sacerdotes, contemporâneos de Aarão e de Melquisedech, segundo cuja ordem fomos ungidos "in aeternum". À teoria dos padres modernos sobre a Mãe de Deus, prefiro a daqueles padres antigos, que se chamaram Bernardo de Claraval ou Afonso Maria de Liguori. Para eles, como para a melhor tradição doxológica da Santa Igreja, de seus beatos, de seus doutores e de seus fiéis, a Virgem Santíssima, Regina Angelorum, Regina Martyrum, Regina Patriarcharum, Regina Confessorum, Vas Electionis, é a medianeira universal de todas as graças. Melhor andara o Concílio se houvesse tratado desse dogma, reunido em Consistório sob a presidência dessa Rainha e Doutora, como os apóstolos no Cenáculo, quando lhes desceu a língua de fogo em Pentecostes. Pois aquele, que foi o primeiro Concílio, devera ser exemplo e espelho de todos os outros. Ali, presentes como Padres Conciliares, nada menos que os Apóstolos e Evangelistas, quem o presidiu foi Ela, suprema Doutora da fé e Sedes Sapientiae, conforme a invocação da litania. À sua assistência, preferiram agora

a dos repórteres do rádio e da televisão, e o resultado é que, ao invés do dogma e da piedade, vamos tratar da reforma agrária e da justiça social. Vamos não, Excelência Reverendíssima, pois eu não vou. E não vou, porque não entendo disso, não o estudei no Seminário, não cursei as escolas de Economia e não sei se é melhor para o homem comprar ou alugar uma casa, partir ou repartir um trato de terra, dividir ou não a fazenda de gado do Coronel Gumercindo, ou o engenho de cana do Coronel Alexandre — lembra-se? — aquele que mandou, pela Páscoa, uma botija de mel a Vossa Excelência Reverendíssima.

Depois — *"quid hoc ad aeternitatem?"*

Não, Senhor Bispo, não tratarei desses assuntos em minha paróquia. Somos incompetentes para isso, padres, bispos, cardeais e doutores da Sé Apostólica. Não é nosso munus e ofício e para nós, bastam, a cada filho de Deus, em matéria de terra, os sete palmos de chão em que se aguarde a ressurreição da carne.

Quando o Senhor nos chamou — *"pauci electi"* — foi para que deixássemos ao mundo, como o moço do Evangelho, a tarefa de vender seus bois e cuidar de suas chácaras.

Não tratarei disso. Também não mitigarei as devoções dos fiéis aos seus santos. Aprendi no Seminário, com nosso venerando Mestre de Teologia Agiológica — o santo Padre Xavier — que Deus o tenha em sua glória — que o culto dos santos se chama *dulia* e que eles devem ser invocados como intermediários. Eu mesmo posso dizer, que seria de mim, em tantas horas difíceis, sem o patrocínio do glorioso Patriarca São José, pai putativo do Senhor Jesus e cooperador direto da obra da redenção?

Quanto à Virgem Maria, estou, mesmo, tratando de dar especial relevo, até como ato de desagravo, às festividades deste mês de seu santíssimo Rosário. Faço levar, diariamente, em procissão, encabeçada pela Pia União das Filhas de Maria e pelos homens da Congregação Mariana, ao lar das famílias católicas, a imagem de Nossa Senhora de Lourdes e de Nossa Senhora de Fátima. Ali pernoitam, abençoando o lar, as sagradas imagens da Virgem Puríssima, sobre a qual sabiam muito mais os pequenos pastores portugueses que todos esses ilustrados doutores de seita nova. Pois sabiam, como aprendemos na mariologia cristã, que seu culto se chama *hiperdulia,* inferior apenas à *latria* que devemos à Trindade Santíssima e a cada uma das Suas Três Pessoas. Essa *hiperdulia,* segundo alguns mariólogos, mais dignos de respeito que os tais padres modernos, pode mesmo ser considerada uma espécie de *paralatria,* tratando-se, como se trata, daquela a quem a sagrada liturgia chama de *"Janua Caeli"*. A porta por onde se pode entrar no céu.

E embora não se haja definido o dogma — o da Imaculada Conceição, contra as reservas de Santo Tomás e o da Assunção

também custaram muito mais do que o devido — continuarei sustentando a categoria de Medianeira de todas as graças da Santa Mãe de Deus. Não são os Padres Conciliares. É o Arcanjo que o ensina, na saudação angélica: — *"Ave Maria, gratia plena"*.

Cheia de graça — quer dizer que toda graça estava nela e, pois, só por ela nos pode chegar.

Mas Vossa Excelência Reverendíssima, que tão arrebatado sermão nos pregou sobre Maria em sua última visita pastoral, desenvolvendo o tema *"Per Mariam ad Jesum"* — Vossa Excelência Reverendíssima sabe disso tão bem quanto eu.

O que não sabe, é o que, afinal, lhe vou dizer: não administrarei os sacramentos de que sou Ministro, e muito menos celebrarei a Santa Missa em língua vernácula. Apenas quanto ao matrimônio, no qual os próprios nubentes são ministros, poderia transigir, reservando-me porém, de qualquer forma, o direito de usar somente a língua sagrada para as fórmulas veneráveis do Ritual Romano no *"conjugo vos"* e na bênção sacerdotal.

Muito menos a Santa Missa, que é toda ela um mistério sacrossanto. Quem meteu na cabeça do Santo Padre essa história de que o povo deve compreender a Missa? Desde quando se pretende levar os fiéis a compreender o mistério e, pois, a destruir o mistério?

Vossa Excelência Reverendíssima, que tanto gosta de anedotas piedosas, há de lembrar-se daquela de Santo Agostinho, com a criança, à beira-mar, quando tentava, insensatamente, penetrar os arcanos da Trindade insondável.

O povo não tem que compreender a Missa, que nem nós podemos compreender. Nem os doutores de Roma, nem o Santo Padre, porque ela é o mistério da Transubstanciação e da Imolação. O povo não tem que compreender a Missa. Tem que prostrar-se, esmagado pela grandeza e pela misericórdia de Deus. O povo não tem que celebrar a Missa. Quem a celebra sou eu, sacerdote para isso ordenado e ungido, segundo a ordem de Melquisedech. O povo não tem, sequer, que ajudar a Missa. Este é o ofício do Acólito, quando não do Diácono e do Subdiácono, nos pontificais de Vossa Excelência Reverendíssima. Pois sabe Vossa Excelência Reverendíssima tão bem quanto eu, que o serviço do culto dispõe de quatro ordens menores e de três ordens maiores: estas são as Ordens do Presbítero, do Diácono e do Subdiácono; aquelas, as do Hostiário, do Leitor, do Exorcista e do Acólito. E apenas a dificuldade em ter sempre à mão um Acólito ordenado, levou a Sagrada Congregação dos Ritos a permitir sua suplência pelos meninos do Coro — os coroinhas — a quem ensinamos, cuidadosamente, as rubricas litúrgicas e as fórmulas latinas. Pois tam-

bém com os coroinhas pretendem acabar, dando acesso ao altar a toda a comunidade dos fiéis.

Não, Senhor Bispo, no altar de minha Igreja, subo eu, que sou sacerdote, tendo aos degraus apenas o coroinha.

Já atentou Vossa Excelência Reverendíssima, tão zeloso da obra das vocações sacerdotais, para as funestas conseqüências adjetivas da extinção dos coroinhas? Pois são eles, pela assiduidade e gosto que põem nas coisas do altar, a mais fecunda sementeira de vocações para nossos Seminários.

Vossa Excelência Reverendíssima e eu mesmo, começamos por aí. Com a familiaridade das coisas sagradas e o latim decorado, sem compreensão, mas com unção, do *"ad Deum qui laetificat juventutem meam"*.

Não, Senhor Bispo. Não permitirei que a rotina desgaste na boca dos fiéis as palavras sagradas e as transforme, de instrumentos do mistério, em todas as religiões e em todos os tempos, em frases vazias e inconseqüentes. Este é um privilégio da ordem sacerdotal, de não permitir que a palavra se entorpeça na frase.

Além disso, Senhor Bispo, Vossa Excelência Reverendíssima, que foi proficiente professor de língua pátria no Seminário Menor, que é um purista da língua, versado nos clássicos, e escreve o idioma de hoje com a castidade e elegância dos quinhentistas e seiscentistas, há de convir comigo. Aqui tenho, com a generosa dedicatória de Vossa Excelência Reverendíssima, o volume de suas *Homilias e Sermões*, editado pela Livraria da Boa Imprensa. Às vezes, até — e deste pecado me tenho acusado em muita confissão — às vezes, até, em sua leitura, me cede, ao gozo do estilo deleitoso, o proveito ascético que em suas páginas devera colher. Vossa Excelência Reverendíssima há de convir comigo: os textos da tradução que a Cúria Diocesana — vale dizer, Vossa Excelência Reverendíssima — me enviou, com os renegados Rescritos, são simplesmente lamentáveis. Lastimáveis, Senhor Bispo, lastimáveis. Devolvo, sem reler. Pois não releio essas torpes traduções, Senhor Bispo, que não lhes aponte e catalogue, em que pese à minha ignorância, as impropriedades de linguagem, a dureza de estilo, as cacofonias, os barbarismos impudentes, e quero crer que até solecismos de fazerem corar um frade de pedra.

Não me venha Vossa Excelência Reverendíssima argüir que o latim dos textos sagrados também não é dos melhores e sempre nos vêm tentações de corrigir, por exemplo, o optativo negativo final do *Pater Noster*. De qualquer forma, é latim, o bom Deus o entende e São Jerônimo, depois da surra que lhe aplicaram os anjos, bem sabe porque o escreveu.

Não, Senhor Bispo, não dialogarei na Santa Missa com o povo, muito menos em língua pátria.

Também não celebrarei o Santo Ofício voltado para a assistência, mas voltado apenas para a imagem crucificada do Senhor Jesus. É a Deus, não ao povo, que oferecemos o sacrifício supremo, em nome dos fiéis, a cuja frente nos colocamos, isto é, com os fiéis atrás de nós. Os próprios ritos intocáveis da cerimônia estabelecem que a entrada ao altar seja uma entrada processional, andando os oficiantes à frente dos fiéis, que se detêm na grade eucarística da capela-mor.

Ora, Senhor Bispo, eu marcho à frente de uma procissão, mas não marcho de costas. Ofereço o sacrifício pelos fiéis, mas não aos fiéis, e sim a Deus Nosso Senhor, voltados todos para a imagem do Crucificado. Se eu me colocar de frente para a assistência, ou ela ou eu teremos de dar as costas ao Cristo Crucificado sobre o altar.

No rito bizantino, como sabe Vossa Excelência Reverendíssima, cerra-se, mesmo, a cortina entre o altar e os fiéis, para que estes nem sequer vejam o sacerdote no momento supremo do sacrifício. Para que ele fique a sós com seu Deus e nada perturbe, nem mesmo os olhos silenciosos dos homens, a grandeza desse encontro e desse mistério.

Não, Senhor Bispo. Não celebrarei voltado para a assistência. Não sou pastor protestante nem artista de teatro. Sou sacerdote segundo a ordem de Melchisedech. E desde os tempos da instituição da ordem, desde o primeiro de todos, que foi Aarão, segundo está no Levítico, somente o sacerdote podia entrar no Santo dos Santos e só ele podia fitar o tabernáculo sagrado.

Não, Senhor Bispo. Pode isto ecoar à veneranda Cúria Diocesana como o *"non serviam"* do anjo rebelde; mas eu não cumprirei esses Rescritos, ainda que o *"anathema sit"* dos doutores conciliares e do Santo Sínodo venha a cair sobre minha cabeça de pecador, sim, mas de sacerdote ungido "in aeternum".

E se a força das trevas me despojar de tudo, de minha igreja, de meu rebanho e de meu altar, prostrado num monte de cinzas, como Job, dos trapos que me sobrarem farei os paramentos de meu ofício. E da pedra das estradas a pedra da ara onde continuarei a imolar a vítima divina, no sacrifício da carne e do sangue do Senhor Jesus.

E tenho a humildade de acreditar que não serei o único sacerdote no mundo a guardar a fé e a lei. Pois da miséria do monte de cinzas em que jazer, sei que outros, ungidos como eu — talvez mesmo Vossa Excelência Reverendíssima — ouvirão compungidos, o lamento de Job que repetirei sem cessar:

— *"Miseremini mei, miseremini mei, saltem vos, amici mei, quia manus Domini tetigit me."* — "Tende compaixão de mim,

tende compaixão de mim, ao menos vós, que sois meus amigos, porque a mão do Senhor me tocou."

Esta é, Senhor Bispo, *"in fide sacerdotis"*, a decisão que me inspirou o Sagrado Coração de Jesus, *"fornax ardens charitatis"* — fornalha ardente de amor — segundo as imprecações litúrgicas de Santa Margarida Maria Alacoque. Assim Deus me ajude. E ilumine Vossa Excelência Reverendíssima, a quem pede vênia para beijar-lhe o sagrado anel — quem sabe pela última vez — o menor dos servos,

in ssmis. cordibus Jesus et Mariae,
Padre Vicente Maria de Assis."

Sacerdote e pastor até a medula dos ossos, as mãos do Senhor Bispo tremiam, quando dobrou, silenciosamente, a carta do Vigário da Freguesia de Nossa Senhora do Ó.

Só então deu pelo portador, que continuava de pé, com o chapéu na mão, a perguntar-lhe se devia esperar pela resposta.

Fez o sinal da cruz e invocou o Espírito Santo:

— *"Veni Sancte Spiritus, reple tuorum corda..."*

Segurou a caneta, puxou o papel, no alto da folha seu brazão de armas, com a inscrição latina:

— *"Lex non mea, sed Domini."*

Começou a escrever. Ninguém saberia, nem ele mesmo, se ia comunicar ao Padre Vicente sua suspensão das ordens sacras e o princípio de seu processo de excomunhão, ou se ia dizer-lhe, simplesmente, que estava certo, como sempre, nos caminhos de Deus.

Ninguém saberia, a não ser, talvez, aquelas duas lágrimas que lhe romperam no canto dos olhos e rolaram silenciosamente sobre a face.

Pois o Senhor Bispo, diante do portador atônito, que rodava o chapéu nos dedos, deixou cair a caneta e prostrou-se de joelhos, cobrindo o rosto com as mãos, e soluçando o salmo da penitência e da misericórdia:

— *"Miserere mei, Deus, secundum magnam misericordiam tuam"...*

Viña del Mar, 1965

a D. José Gonçalves, C.S.S.R.,
ao Padre Arimatéia Diniz, in memoriam
V, a D. Odilão Moura.

ENGLISH REQUIEM

Aristóteles Onassis é o nome de um amigo meu. O mundo inteiro o conhece, mas o que ninguém poderá imaginar é a razão pela qual, cercado de tantos outros muito mais importantes durante a vida, me pareça tão presente o nome de Aristóteles Onassis na hora da morte. Pois estou para morrer. Venho agonizando lentamente há vários dias, embora não tanto como acredita a própria Lady Clementine, ou como o dão a entender os boletins de meu velho médico, lidos, traduzidos e repetidos neste momento em todas as línguas e em todos os lares do mundo.

Aristóteles Onassis não é apenas o grego sagaz, com a ambição de Agamemnon, a esperteza de Odisseu e o denodo de Aquiles empenhados na construção de uma fabulosa fortuna. Nem sei se será mais acertado situá-lo entre os Argólidas ou entre os troianos, faiscando-lhe muitas vezes nos olhos lavados pela água jônia e na fulgurante aventura da vida, a clara chama de Apolo, protetor de Ilion. Talvez seja um descendente direto de Hermes, pela fortuna de seus negócios. E se alguma vez os interesses do Olimpo o tivessem levado a ajudar os gregos, a tarefa mais grata ao seu coração seria mesmo aquela de promover o resgate do cadáver do divino Heitor para os funerais memoráveis. Seja como for, o certo é que corre o sangue melodioso de Apolo nas veias desse filho de Hermes.

O próprio rapto da famosa Callas e a paixão voluptuosa sob o céu azul do Mediterrâneo têm o sabor do rapto romântico de Helena e da paixão desenfreada de Paris Alexandre, não faltando ao episó-

dio a dor de um Menelau afrontado e o rugido de uma nova guerra de Troia nas negras naus recurvas da frota petroleira de Niarchos.

Mas não é por nada disso que me lembro de Aristóteles Onassis na hora da morte. Nem mesmo pelo encanto de sua pinacoteca flutuante ou a fumaça aromática dos puros de Havana na chaise-longue do yacht ao sol de Monte-Carlo, à brisa doce de Paros, Samos, Leros ou Chios.

É certo que às portas da morte nos ocorrem, de súbito, entre os graves elementos do encontro de contas, as mais estravagantes e inesperadas lembranças. (Os dentes alvos do pequeno negro que servia o whisky e me engraxava os sapatos na Embaixada de Sua Majestade em Cuba, quando ali servi no princípio do século).

Resta-me assim, de Onassis, a lembrança de seu refinado bom-gosto e do cultivado espírito que me regalava os ócios do yacht luxuoso até com a escolha dos livros de sua biblioteca.

Para ser honesto, não me nasceu agora, na hora da morte, esta lembrança de seu nome. Na verdade, comecei a incorporá-la naquele momento. Não estarei mentindo, porém, ao dizer que se trata de uma lembrança da hora da morte, pois, realmente, comecei a morrer naquele instante, quando acabei de ler as cinco ou seis páginas do livro de contos de um escritor argentino, que ele me aconselhara. Tratava-se de uma pungente fantasia, chamada *"Deutsches Requiem"*, onde, sob uma epígrafe de Job, se refere o testamento da consciência de um Otto Dietrich zur Linde, oficial de Hitler durante a guerra e condenado à morte por torturas cometidas contra judeus num campo de concentração nazista.

Não sei se se trata de uma pura fabulação de Jorge Luís Borges, ou se de fato existiu esse dramático coronel. Se existiu, não sei se terá sido mais fecunda e poderosa perante a história e mais valiosa diante de Deus a vida desse vago Otto Dietrich zur Linde, arrancada ao anonimato e ao olvido por um homem dos arrabaldes de Buenos Aires — ou a minha, sobre a qual se acenderam todas as luzes das nações.

Tenho sido apontado pelos contemporâneos como um símbolo do povo inglês — o que para mim não é tão lisonjeiro quanto se imagina. Pois, segundo uma observação de certo alemão que conheci numa bela casa de Ammersee, na Baviera, depois da guerra, todo o espírito, toda a vida do inglês típico — da burguesia snob ou da nobreza mercantil em que se resume este país — é construir uma existência com todas as aparências da honradez, longa e confortável, da qual se possa escrever uma biografia que termine sempre com estas palavras:

— *"And he died rich and considered"*.

Eu desejei um pouco mais do que isto. Muito mais do que isto.

Pois meu nome é Winston Spencer Churchill. Vivi quase cem anos e me prometi a mim mesmo, como Benito Mussolini, fazer de minha própria vida uma obra de arte.

E agora, depois desse *"Deutsches Requiem"* do coronel Otto Dietrich zur Linde, não sei de coisa mais alta que possa realizar, senão celebrar também eu meu próprio Réquiem — o que, afinal, não deixa de ser melancólico. Pois, bem somado e pesado, não estarei, em última instância, mais do que fazendo uma réplica àquele obscuro oficial do Terceiro Reich. Ou, quem sabe, realizando, em minha obra suprema, a mera repetição da obra que ele cumpriu. Sua paráfrase, talvez.

Quando nasci, cerca de um lustro apenas depois da guerra de 70, parecia chegar ainda a estas ilhas o rumor dos cascos da cavalaria da Prússia, ao trote dos ginetes imperiais nas alamedas de Paris. Cresci como todas as crianças inglesas de minha classe privilegiada, educado nesses aborrecidos colégios da nobreza, onde não fui bom aluno e onde comecei a sentir, como Lord Byron, que a alma dos ingleses tem um hálito *faisandé*, um hálito de podridão. *Their stinking souls.* Byron escolheu fugir. Eu preferi ficar — depois direi por que.

Um de meus antepassados, o primeiro duque de Marlborough, foi a presença mais fascinante de minha infância. *"Marlborough s'en va-t-en guerre"*. Em guerra contra aquele Luís XIV de França, de quem dizia uma suas amantes que *"Sa Majesté puait comme une charogne. — "Et comme les officiers d'Angleterre"*, — diria anos depois nos tempos da rainha Vitória, o refinado Príncipe Alberto que, como todas as princesas inglesas, a rainha tivera o cuidado de importar da Alemanha para a aristocracia de sua alcova.

De forma que nasci nos dias da rainha Vitória. Estou longe, porém, de ser aquilo a que chamam um vitoriano. A tal ponto que um dos poucos julgamentos acertados que alguns panegiristas fazem a meu respeito é o de considerar-me um personagem elizabetano. Não, é claro, da época de Elizabeth II, a graciosa e nobre rainha a quem servi até à morte, além dos outros cinco soberanos a quem servi em vida. Sou um elizabetano dos tempos da primeira Elizabeth, contemporâneo de Sir Walter Raleigh, de Drake e de Shakespeare, daqueles poetas e guerreiros puramente germânicos como eu, vindos da velha Saxônia e ancorados por acaso nesta ilha — porque a Inglaterra é um navio que Deus na Mancha ancorou — segundo o tropo de delicioso mau-gosto de um vago poeta brasileiro. Do tempo em que os homens tinham aqui mais amor aos

perigos do mar que às poltronas do Club, e apreçavam melhor a carga de um galeão flibusteiro aportado a Liverpool com a prata preada ao espanhol peruleiro, que o esterlino dobrado na Bolsa com a esperteza de Rotschild. Sou daquele tempo — tempo da gesta cantada ou navegada e, ao contrário desses lords efeminados que passeiam de chapéu-coco por Picadilly e esperam ludibriar a morte com a penicilina de Sir Alexander ou o soro de Bogomeletz, sempre tive diante dos olhos os rudes heróis da epopéia de Camões,

— *"aqueles que por obras valerosas*
se vão da lei da morte libertando."

Não sou, pois, um vitoriano. Todo o esplendor da época vitoriana me pareceu sempre falso e postiço, inclusive o esplendor político deste império fenício que, depois aprendi na meditação da história, se consolidou à custa do heroísmo alemão e da espada de Bismarck.

Aqui, tenho vontade de sorrir um pouco — e mais uma vez — do escândalo que esta interpretação vai provocar nos formalizados gabinetes do estado-maior do exército. Digo *escândalo* e não *furor*, porque o exército inglês não se enfurece nunca. Escandalisa-se, apenas. Para nos enfurecermos, na Inglaterra, precisamos sair destas ilhas e ganhar o mar. Só no mar — a Marinha de Sua Majestade, esta sim — é capaz do furor germânico, do divino furor germânico de Nelson ou de Shakespeare. E quando fui reprovado em meus primeiros exames para a Escola Militar, foi menos por incompetência de estudante medíocre que por desprezo ao exército inglês, um exército de funcionáiros uniformizados e não de guerreiros.

Pois a mim, Winston Spencer Churchill, não se pode acusar de mediocridade em nada do que pretendi fazer. Quando me dei à pintura, por puro diletantismo, Chirico chegou a dizer que um quadro meu valia mais do que qualquer Cézanne. Um exagero do italiano, não há dúvida — adoro a Itália, de resto — mas que, seja como for, situa, em termos de boa crítica, a categoria de meus pincéis. Quando comecei a escrever livros, que me valeram por duas vezes a exclusão do exército, acabei conquistando o Prêmio Nobel de Literatura.

Contemporâneo de Rainer Maria Rilke, de Ezra Pound e de Martin Heideggger, avalio essa consagração em suas devidas proporções, mas a recebi com puro orgulho e, menos pelo resfriado e a proibição de Lord Nolan, que para dar ao acontecimento um relevo especial, pedi a Lady Clementine que recebesse das mãos de Gustavo V o diploma e o cheque do irônico pacifista Nobel, que enriqueceu vendendo bombas aos belicistas da Europa.

Assim como à penicilina de Sir Alexander preferi sempre as obras valerosas de Camões, entre o exército e a Marinha, escolhi a Marinha.

Quando as tropas de Ludendorff surravam os *tommies* assustados nos campos de França, fizeram-me — eu me fiz — Primeiro Lord do Almirantado, e foram os navios de Sua Majestada que bateram o Kaiser em 19. Como foi Nelson — e não aquele pobre Wellington, cujas dimensões resultam ridículas ao lado do gênio de Napoleão e cujo destino seria a fossa comum em Waterloo, sem os prussianos de Bluechner — como foi Nelson, não Wellington, quem salvou este país de ver-se acorrentado aos rochedos da costa, com o fígado comido pela águia de Bonaparte.

Ainda na última guerra, só tive a plena certeza da vitória no dia em que construí aqueles dois episódios gloriosos e cruéis, que foram a imolação do "Graf Spee" e a imolação do "Bismarck". Saibam os guerreiros desses dois navios, das profundas do Oceano em que se encontram, que eu também agonizei com eles, morri com eles e com eles fui sepultado sob as águas salgadas onde antes haviam humilhado como nunca os pendões de Sua Majestade. Marinheiro do mar inumerável, o fervor de sua bravura e o fervor de minha crueldade, confundi-os para sempre no abismo das ondas e nas tempestades da lembrança.

Por três coisas na vida tive profundo desprezo e por três outras apaixonado amor. Aqueles foram: a nobreza da Inglaterra, a a política da Inglaterra e o exército da Inglaterra. E estas: a Alemanha, a glória guerreira e minha incomparável Clementine.

Resolvi destruir aquelas três primeiras abominações. E destruí.

Mas como o homem mata também, inexoravelmente, tudo aquilo que ama, segundo o poema de Oscar Wilde, tive que destruir igualmente minhas paixões de amor não restando intata nem mesmo Lady Clementine, que sobrevive apenas com a pátina de sua beleza memorável.

Tornei pública minha repugnância pela nobreza, recusando-me a freqüentar a Casa dos Lords e permanecendo como deputado da Câmara dos Comuns, até o fim.

Desmoralizei a tradicional política dual, bilateral e bifronte, de *tories* e de *whigs,* passando, alternadamente, e com maior semcerimônia, de um a outro desses partidos.

E o exército inglês, abandonei-o duas vezes, até chegar, na última guerra, a jogar com ele, a divertir-me com seus generais de opereta — Lord Gort surrado na França e fugindo como uma lebre diante de um cabo alemão, Lord Percival esmagado de terror diante de Yamashita no Hotel Raffles de Singapore, e Rommel brincado com Montgomery como um gato com um rato. E cometi contra o exército a suprema irrisão — talvez imperdoável — de transfor-

mar em símbolo de sua bravura um mentiroso parlapatão impagável como Montgomery que, afinal, me diverte muito com suas fantásticas histórias nos serões de Hyde Park Gate.

Comecei a amar a Alemanha quando me dei conta de que o alemão era o último homem guerreiro do mundo, herdeiro e guardião do heroísmo de todos os homens. O mero herói. Não para ganhar uma guerra ou construir um império, como imaginava Hitler em seu delírio. Mas para construir um homem.

Parece um paradoxo aos incautos, que o têm na conta de homem apenas doce e amável ao convívio das mulheres e das rosas. Mas de quantos têm mamado leite em peito de mulher, nunca um ser humano tocou as mãos com tanta força no rosto do herói como Rainer Maria Rilke, em sua elegia famosa. Na sexta elegia, de fato, ouvi a voz do herói. Depois, foi a lamentação deste outro germânico, chamado Ezra Pound, invocando o herói como nos tempos homéricos:

— *"There come now no Kings, nor Caesars, nor gold giving Lords like those gones"*. E finalmente, Haendel. Nem é por acaso que pedi a Sua Majestade os funerais de guerreiro que se vão realizar em Saint Paul e que, à saída de meu féretro o órgão da Catedral atroasse os ares com a Marcha Fúnebre de Haendel.

Queria que se amortalhasse o meu cadáver com a glória da música da Alemanha. Pois como na bravata daquele marinheiro de Holanda, para o qual o oceano é a única sepultura digna de um general bátavo, a voz gloriosa da Alemanha é a única mortalha digna de um guerreiro.

E foi apenas por puro respeito que não pedi a Heróica de Beethoven: os débeis músicos de Saint Paul não a lograriam interpretar a contento de meus atentos ouvidos de morto.

Lord Byron, quando amaldiçoou esses rochedos e se foi para morrer na Grécia, tinha e não tinha razão ao clamar que a Inglaterra era a única nação suficientemente estúpida para derrotar Napoleão. Tinha e não tinha, porque aquele Napoleão

— *"the arbiter of others' fate"* —

não foi destruído pela Inglaterra. E o ódio de Pitt não vale um grão da poeira de seu túmulo.

Mas eu não sou William Pitt. Sou o neto de Marlborough, Winston Spencer Churchill e aquilo que os mercenários ingleses do exército de Sua Majestade no Transval ou na Índia não me puderam dar, só a vocação heróica da Alemanha, só o furor de Adolf Hitler me podia oferecer: — a glória guerreira do heroismo.

Eu amava a Alemanha, por isso a destruí. Para construir no coração do homem débil e covarde destes tempos de Franklin De-

lano Roosevelt e outros pobres diabos, aquilo que é a razão de ser da vida e da morte do homem alemão: — o heroísmo. O que interessa à alma alemã é a existência do herói. Para isto, o homem alemão está sempre disposto a imolar-se, desde que não desapareça o herói da face da terra, pouco lhe importando que o herói se chame Erwin ou Winston. Para tanto, através da história, a Alemanha sempre se dispôs à hecatombe. A Alemanha não me faltou à vocação. Também eu não lhe podia faltar. Respondi, assim, à sua imolação, com a imolação do Império Britânico.

Pois, na verdade, preparei estudiosamente a guerra. Quando percebi que o rei era germanófilo e se entendia diretamente com governantes alemães, derrubei-o do trono, abalando a velha hipocrisia britânica com o folhetim de Madame Simpson. Sem minha manobra disfarçada e demolidora, Eduardo de Windsor ainda hoje suportaria na cabeça a coroa da Inglaterra, Wally Simpson seria amante, se quisessem, depois princesa ou rainha. Não é por ser, no fundo, um partidário dos Lancaster — mas todos sabem que os príncipes e as princesas de York nunca foram muito escrupulosos em matéria de sangue e de alcova. Sua Majestade mesmo, que é um modelo de virtudes domésticas, já não é uma nobre inglesa puro-sangue, correndo-lhe nas veias, pelo lado materno, um bom oitavo de sangue judeu, aumentado nos filhos pelo soro israelita dos Battenberg, que traduziram para o inglês o apelido mestiçado — Mountbatten.

Por outro lado, sabem Deus e Sua Majestade o que nos custaram as aventuras da menina Margaret com o galante Coronel Townsend e esse estranho casamento com um pequeno fotógrafo coxo, feito Conde às pressas para honra da alcova de sangue real.

Na hora da morte, não cometerei a impiedade de cotejar com a minha a dimensão de outros personagens centrais desse teatro shakespeareano que terminou no "*Götterdämmerung*" de fogo e cinzas da Chancelaria do Terceiro Reich.

Mas seria ingratidão e mesquinhês omitir-lhes os nomes. Pois éramos cinco: Hitler, Mussolini, Stalin, Roosevelt e eu.

Sir Ian Mac-Leod, quando presidente do Partido Conservador me disse, certa vez — espero que o faça, e do fundo da sepultura o cobrarei — que depois de minha morte escreveria sobre mim, contando, como de Cromwell, o bem e o mal. E me transmitiu a opinião de Baldwin e Chamberlain a meu respeito: — ambos me consideravam incômodo, inconveniente, abusado, e até insolente e mal educado. Tinham horror, inclusive, ao péssimo inglês que eu sempre falei, julgando tratar-se de uma diabrura de mau-gosto, tanto mais

imperdoável quando sabiam que escrevo minha língua com um vigor e castidade de que nenhum deles era capaz. Claro que não me podiam compreender. Chamberlain era o inglês típico, eu não. Chamberlain amava o Império. Eu amo o homem inglês. Chamberlain, eu o derrubei, porque ele não queria a guerra. Era da boa escola inglesa, de Disraeli, de Pitt, de Glasdstone, para a qual a Inglaterra não tem amigos nem inimigos: tem interesses. Não tem causa: tem negócios. Com Chamberlain à frente do governo de Sua Majestade, não se teria feito a guerra com a Alemanha. Ter-se-ia feito um negócio — brilhante ou medíocre, mas de qualquer forma um negócio — no qual a Inglaterra teria perdido mais ou menos libras, mas jamais teria liquidado o Império, como eu o liquidei. Pois ele queria salvar o Império. Eu queria salvar a alma e o coração do homem da Inglaterra.

Esta, porém, não é a hora de falar no vitoriano Sir Neville Chamberlain, senão para dar-lhe razão no juízo maldicente que fazia a meu respeito. Pois vou dizer duas palavras sobre meus companheiros — todos mortos antes de mim e que, dentro de alguns dias — ou algumas horas — encontrarei na eternidade.

Éramos cinco. Dos cinco, o que sempre me pareceu mais medíocre, raiando pela faixa da debilidade mental ou da velhacaria suburbana — foi Franklin Roosevelt. Foi, por isto mesmo, o mais logrado de todos. Procurando fazer crer ao mundo que lutava pelos direitos da humanidade, o homem do país que lincha os negros e assalta à mão armada os continentes, às ordens de Wall Street, o que queria era arrebatar-nos o Império. Entreguei-lhe o que queria. Da grandeza imperial resta apenas a lembrança nostálgica da procissão do século em que se cantou o poema de Kipling, a sombra da coroa de York cobrindo os reinos e os domínios, "Lahore and Singapore and other cities ending in ore". Dessa herança salva-se hoje pouco mais que uma rima — segundo acentuou um vago poeta brasileiro.

E se ninguém — a não ser os incautos — imagina hoje que Roosevelt entrou na guerra para defender a humanidade, muito menos se há de crer que construiu um Império à nossa custa.

Pois quem construiu um Império foi Stalin que, este sim, sabia o que queria, movido por sua alma de Czar da Santa Rússa e pela lógica de ferro de uma dialética histórica implacável.

Como também o sabia Benito Mussolini, que entrara na guerra, como em tudo o mais, para fazer da própria vida um *capolavoro*. E conseguiu, tombando no vilipêndio do castigo terrível, como um verdadeiro herói de tragédia grega. Sei o que lhe devo, e fui eu, eu mesmo, depois da guerra, levar uma coroa de rosas à sua memória, no obelisco que se ergue ainda hoje ao seu nome no Forum Latino.

Hitler, enevoado no delírio e na embriaguez de uma patética parafernália de grandeza humana, pouco importa soubesse ou não pessoalmente a que vinha, naquela encruzilhada da história em que nos encontramos. Bastava-lhe com ser o instrumento e o símbolo, a tese e a hipótese, o algoz e a vítima da vocação de holocausto e de heroísmo do povo alemão — vocação pela qual os homens de sua raça se dispuseram a pagar os mais horripilantes tributos, como Otto Dietrich zur Linde, no aviltante massacre de judeus inocentes.

De forma que, como Nação, apenas a Rússia ganhou a guerra. O Império de Sua Majestade a perdeu, mas eu, que não enganei a ninguém, que a todos prometi apenas sangue suor e lágrimas, eu ganhei a glória de restituir o heroísmo ao coração dos homens. Pois não era a vitória que me importava, mas o heroísmo da guerra. Nem me sentei à mesa dos vencedores, onde essa tarefa menor coube a Clement Attlee. Poderia mesmo ter tombado no meio da batalha, como Sansão sob as colunas do templo que derrubara, e que, por isto mesmo, permanece imortal na celebração da Sexta Elegia.

E em que pese ao esmagamento da Itália e da Alemanha, o mesmo se poderá dizer um dia de Hitler e Mussolini, quando a história, inexorável em seus julgamentos, libertar-se do medo e da covardia e puder proclamar, como o poeta Marinetti e como eu agora, às portas da eternidade, que a guerra é a higiene do gênero humano. Graças a essa higiene, a Inglaterra perdeu um Império, mas recuperou o asseio da alma. E não sei de outro país no mundo em que se possa ter tanta limpeza na voz para entoar, com a firmeza com que o faço, as notas deste *"English Requiem"*.

Somente Roosevelt — a mediocridade não tem lugar na história — somente Roosevelt não realizou nada: seus homens continuarão a mascar o chiclet e a alma dos povos irmãos, na Europa, na Ásia, na África e na América Latina, até o dia em que, derrotado pelo heroísmo das próprias vítimas, encontre, no exutório de suas misérias, o purgatório e a expiação que lhe estão reservados.

Bem sei que a opinião do mundo é mais ou menos uniforme a meu respeito. Não escrevo, pois, estas linhas para me explicar, muito menos para me justificar. Escrevo-as para a história. Na convicção de que — como queria Balzac — há duas histórias: uma, oficial e falsa, *ad usum delphini*. Outra, a verdadeira, atrás de cujos bastidores se move a mão invisível e poderosa dos que a constroem. É para esta que escrevo. Certo de que ela — e não a dos compêndios escolares — é que rege, com sua força imponderável e misteriosa, os destinos dos homens. Somos uns poucos os que a escreveram: César, Cervantes, Felipe II, Machiavello, Dante, Rilke, Hoelderlin, Shakespeare, Platão, Aristóteles, Marx, Lênin, Stalin,

Mussolini, Hitler, eu e uns poucos outros. Inclusive o coronel Otto Dietrich zur Linden, que Aristóteles Onassis me fez conhecer através desse escritor de Buenos Aires.

É, pois, a meu bom amigo Onassis que dedico este Réquiem, para agradecer-lhe o deleite dos puros de Havana que me servia e acendia com a própria mão no convés de seu yacht. E para que o mostre a Lady Clementine, a fim de poupar-lhe um ligeiro dissabor ou, pelo menos, um espanto inexplicável, quando compareça também, dentro de algum tempo, diante de Deus. Pois ao procurar no reino dos céus por Winston Spencer Leonard Churchill, Right Honourable K.G.O.M. (Q.E.P.D.), bem pode o Senhor Todo-Poderoso indagar-lhe de quem se trata.

E quando ela responder, com certo orgulho, que foi o herói vencedor da última guerra mundial, o bom Deus, entre perplexo e indiferente, poderá chamar, ao mesmo tempo, para que ela identifique a quem busca, Hitler, Mussolini, Stalin e eu. E o Coronel Otto Dietrich zur Linde.

Pois aos seus olhos infinitamente sábios teremos todos, provavelmente, a mesma estatura e a mesma face.

Valparaiso, Chile, 1965

a Joaquim Ponce Leal e à memória do Almirante Álvaro Rodrigues de Vasconcelos, marinheiros

REQUIEM POR UM TESTA DE FERRO

A 10 de outubro de 1970, o senhor Ledemakers — C.J.P. Ledemakers, Charles Joseph Petronius Ledemakers — *passed away*, segundo noticiou o Wall Street Journal. Morreu na idade de 74 anos, durante as férias com a senhora Ledemakers, na amorável estância espanhola de Benamaldena, onde o conheci, no fim dos anos 60, e bebi, em seu alpendre mourisco, um inesquecível Jerez de la Frontera, com biscoitinhos de Jacob's, importados de Londres. Conforme desejo expresso em testamento, foi discretamente sepultado em sua amada Espanha. *In his beloved Spain* — dizia o Wall Street Journal.

Mr. Ledemakers trabalhava há mais de cinqüenta anos com a Clark Corporation. Nos dez últimos, depois de haver dirigido os negócios da empresa em vários países da América do Sul, era gerente mundial da Divisão de Exploração de Minas, cujos interesses conduziu com êxito considerável. Uma série de condecorações ilustra a importância de suas atividades. Possuía a medalha do Rei Jorge VI, por serviços à causa da liberdade, era Comendador da Estrela de África, conferida pelo Presidente da Libéria, e Oficial da Ordem de Orange-Nassau — condecorações que também ostentavam, no Brasil, os bravos presidentes da Confederação da Indústria e do Comércio. Pelo menos ao que se saiba, porém, nenhum desses cavalheiros tinha outra coisa em comum com o Sr. Ledemakers, além dessas medalhas com passadeira em fita de gorgurão colorido.

Além disso, Mr. Ledemakers era cidadão honorário de várias cidades latino-americanas, entre elas o Rio de Janeiro, onde O GLOBO o elegera "Carioca Benemérito", e onde seu retrato apareceu na coluna social, sorrindo entre panteras louras e morenas, ao lado de outros virtuosos empresários nacionais, como o Presidente da Shell e o Diretor da Anderson Clayton. Mas isto é outra história.

O certo é que, a 10 de maio de 1940, Mr. Ledemakers estava em Bilbao. A Espanha começava a recuperar-se da guerra civil. Mr. Ledemakers era cidadão honorário também da Espanha. Pois, a despeito das simpatias com que Franco acompanhava a política alemã, e da falta de qualquer apoio da Holanda, então ocupada — Ledemakers era holandês, e não americano — conseguiu manter em ritmo crescente o trabalho das minas estrangeiras em território espanhol e — o que é mais — destinar à Inglaterra toda a sua produção. Tornou-se, por isso, um benemérito da causa aliada. Da Suécia à África, da Austrália à França, e dos Estados Unidos à América do Sul, Mr. Ledemakers tornou-se conhecido nos círculos de negócios. A todos esses países levou vitoriosamente a bandeira da Clark Corporation e sua encantadora eficiência mercantil agora docemente sepultada *in his beloved Spain* — como diz o Wall Street Journal. Em sua bem amada Espanha.

O fato é que Mr. Ledemakers amava a Espanha. Quase com o mesmo amor hedonístico com que amava sua coleção de cachimbos de cereja e sua própria conta num banco de Luxemburgo. As minas espanholas, de resto, formavam na mesma constelação risonha em que fulguravam as cifras de sua conta bancária, e em que azulava, pelo teto do living, a doce fumaça de seus suaves tabacos de Capstain no fornilho dos cachimbos de cereja. Era tudo que se sabia sobre Mr. Ledemakers, um milionário, sem dúvida, embora não figurasse naquele Almanaque Gotha dos impérios econômicos, onde reinam os Paul Getty, os Onassis, os Dupont e os Rockefeller. Pois, feitas as contas, embora sempre pomposamente instalado como Presidente ou Diretor de poderosos empreendimentos econômicos, como o Roberto Campos, o Walter Moreira Salles, ou meus amigos Antônio Gallotti e Trajano Pupo, Mr. Ledemakers não era dono de nenhum deles. Era apenas um funcionário de Clark Corporation. Um funcionário bem sucedido, é claro, mas nada mais do que isto. As pessoas grosseiras poderiam chamá-lo de *testa-de-ferro*, mas o qualificativo me parece injusto, pois Ledemakers, como o Walter Moreira Sales e o Roberto Campos, era um benemérito criador de riquezas e um eficiente promotor do desenvolvimento nacional de qualquer dos países em que trabalharam seus talentos empresariais.

Ninguém, aliás, tratava de especular muito sobre um cavalheiro tão amável e tão generoso, cujo corpo, ao descer à sepultu-

ra no chão de sua *beloved Spain*, recebeu, como é de praxe nestes tempos ecumênicos, as bênçãos de um cônego católico, de um pastor protestante e de um rabino judeu. Pois a todas as igrejas Mr. Ledemakers fazia chegar as pesetas de sua bondosa filantropia. Mesmo a milhares de quilômetros de distância, sua memória foi compugidamente celebrada, inclusive no Brasil, onde os Cursilhos e a TFP lhe encomendaram missas fúnebres, cantadas por Dom Sigaud, com o Gustavo Corção lendo a Epístola. O Roberto Campos dedicou-lhe um artigo de oito colunas, com epígrafe em latim, o Ibrahim consignou sua morte na coluna famosa, como uma notícia *too bad*, e até um médium espírita das bandas de Sepetiba psicografou, em sua honra, dois necrológios redigidos e assinados de além-túmulo pelo Otávio Bulhões e o Eugênio Gudin, que o haviam precedido, sem saber, no reino da glória.

Acabava eu de ler todas essas notícias — do Wall Street Journal, que me é sempre emprestado pelo Fernando Gasparian, a O GLOBO, que compro no jornaleiro da esquina, — quando um compadre meu, estivador no trapiche de Maceió, me chamou para ajudá-lo a tirar da cadeia um embarcadiço colombiano preso por briga numa casa de mulheres, nos lados de Jaraguá. Jaraguá é um pitoresco arrabalde de Maceió, onde estão situados os bordéis e o porto. Os primeiros, com maior movimento do que o segundo.

Fui ao xadrez, conversar com o marinheiro, que me ofereceu um cigarro. Tinha nas mãos um objeto hoje caído em desuso, mas que era ainda comum nos 30 e 40: — uma cigarreira de ouro. A mais da curiosidade pela peça, inesperada nas mãos do tripulante de um cargueiro panamenho, pareceu-me surpreendente a inscrição gravada à água-forte na tampa da cigarreira: — *Al Capitan Mariano Figueroa — de su Clotilde.*

A polícia de Alagoas também usa métodos científicos para obter confissões. O delegado, quando cheguei, já as arrancara do colombiano, que era um desses saudáveis mestiços de castelhano e índio, tão comuns nos portos de Buenaventura e Barranquilla, de dentes largos e bem falante. Nascera em Cali, como meu amigo Pepe Menendez.

Passei os olhos no depoimento, onde o implacável policial insistia em lavrar um tento federal, com base na cigarreira de ouro, para descobrir no marinheiro um possível guerrilheiro, enviado pelos partidários de Camilo Torres, para iniciar a subversão das Alagoas num prostíbulo de Jaraguá. Ali, de resto, Doralice Pereira, com quem passara uma parte da noite, já era suspeita de comunista, por ser irmã de um cambiteiro de engenho, metido, em outros tempos, nas Ligas Camponesas de Julião. Mas isto também é outra história.

O que importa é que o marinheiro era, na verdade, o Capitão Mariano Figueroa, do exército colombiano, e que a cigarreira lhe

fora dada por Clotilde de Ledemakers. — *Su Clotilde* — como dizia a inscrição — e que, aliás, não era propriamente sua, mas do Sr. C. J. P. Ledemakers — Charles Joseph Petronius Ledemakers — hoje docemente repousado na terra de sua *beloved* Espanha.

Mariano Figueroa começou a contar.

O exército da Colômbia tem uma das mais brilhantes tradições militares da América Latina. Nem é por acaso que, não tendo contra quem fazer a guerra, costumava fazê-la contra o próprio povo, na violenta campanha entre liberais e conservares, em que se mataram, nos 11 anos e na cordilheira, nada menos de oitocentos mil homens.

Prolixos na guerra, os colombianos também o são em suas narrativas, como meu amigo Gabriel Garcia Marquez e o pessoal de Macondo, em geral. Figueroa não escapava à regra. Tratarei, assim, de reduzir a história mesmo porque não conseguiria reproduzir a caudalosa e deslumbrante torrente poética em que ele a desenrolou, durante horas, no catre do xadrez de Maceió, ao lado do Palácio dos Martírios.

O fato é que, oficial de Estado-Maior ainda muito jovem, o Capitão Mariano Figueroa fora nomeado adido militar da missão colombiana na capital de um país vizinho. Ali, num coquetel na embaixada do Brasil, conheceu um holandês simpático e envolvente, o sr. Ledemakers. Já no dia seguinte jantava com o Sr. Ledemakers, aliás, com o casal Ledemakers. Clotilde retirou-se discretamente, quando passaram ao "living" para o "digestif" e os charutos, e o holandês começou a falar dos negócios mineiros da Clark Corporation. A amizade tornou-se vertiginosamente íntima, e Figueroa chamava Ledemakers afetuosamente de Petronius. Apesar dessa confiante amizade, o holandês percebia, com generosa indulgência, um brilho ardente nos olhos do colombiano, quando se cruzavam com as pupilas cinzentas de Clotilde. Notou, mesmo, como suas narinas se dilatavam ao aroma dos cabelos de Clotilde, docemente inclinada sobre seu ombro, quando dançavam, certa noite, no Club de Los Cocoteros. Mas Mr. Ledemakers era um "gentleman" e os "gentlemen" costumam sentir-se lisonjeados com os "flirts" de suas mulheres. O ciúme é um ressentimento das classes inferiores, e o adultério é apenas uma sábia execração dos códigos para conter os ímpetos da gente baixa. Para a raça dos privilegiados, a que pertencia Mr. Ledemakers, o adultério é apenas um tópico amável da lei da livre competição, em que a propriedade pode ser permanentemente disputada, desde que seja pelos

membros da mesma classe. É claro, assim, que a lei tem seus limites e suas regras. Seria, por exemplo, uma impiedade e uma subversão que o varredor de sua rua lhe disputasse a propriedade de suas minas ou de sua mulher. A livre competição não foi feita para varredores de rua — e as idéias de Mr. Ledemakers eram muito sólidas e claras a este respeito. Mas isto também é outra história.

O certo é que a posição política do país, afetado por idéias nacionalistas, estava criando dificuldades aos negócios da Clark Corporation, no ramo de minérios, cuja gerência era, para Mr. Ledemakers, tão sagradamente sua como a bela Clotilde van der Arend Ledemakers.

Era, assim, urgente mudar a orientação do governo. Como isto parecia impossível, a solução era mudar o próprio governo. O país tinha algumas dificuldades de fronteira com a Colômbia. Surgiram, na área, alguns conflitos e provocações, seguidas de deslocamentos de tropas. Mr. Ledemakers, muito reservadamente, forneceu a seu amigo Figueroa um minucioso relatório sobre os perigos que ameaçavam a Colômbia, e colocou-se à sua disposição para ajudar, com armas e dinheiro, o governo de Bogotá, numa guerra que lhe parecia inevitável e justa.

Os documentos não convenceram o Capitão, e o oferecimento de armas e dinheiro pareceu-lhe, aos brios políticos e militares, uma insolência repugnante. Chegou, mesmo, a tomar a decisão de evitar, daí por diante, a amizade dos Ledemakers, e faltou, acintosamente, a um jantar promovido pelo casal, no dia de seu aniversário.

Na manhã seguinte, acabava de abotoar o dólman e preparava-se para o expediente da Embaixada, quando bateram à sua porta. Era Clotilde Ledemakers.

O perfume que inundou a surpresa matinal do capitão parecia vir das entranhas da mulher, evaporado de suas pupilas cinzentas e lancinantes. Não precisava falar muito. O fulgor de seus olhos, a boca pendida, como se as palavras lhe pesassem sobre o lábio inferior, todo o ar de seu corpo, envolto a um tempo nessa atmosfera contraditória de agressão e rendição dos momentos de volúpia, diziam tudo. Não suportara sua ausência à noite. Não conseguira dormir. Na inquietação da insônia viera-lhe a certeza fulminante daquilo que vinha sendo, há tempos, um doce e vago pressentimento: estava mortalmente apaixonada pelo capitão.

Mariano Figueroa era colombiano. Os colombianos são tão bravos aos desafios do amor como da guerra. E, certo de que, como no verso de Góngora, *a batallas de amor — campos de pluma,* não perdeu muito tempo em carregar para a cama ainda revolta, onde ela rolou, durante horas, o corpo ruivo.

Naquele dia, o capitão não compareceu à Embaixada. Nos dias subseqüentes, os encontros se repetiram. Figueroa estava completamente dominado por uma paixão tumultuosa e indomável, permanentemente atiçada pelas deliciosas e sábias concupiscências de Clotilde e, ao que parece, docemente ignorada por Mr. Ledemakers. Pois, por mais de uma vez, Ledemakers pretextou uma inesperada viagem noturna, deixando-os a sós, em sua própria casa, depois do jantar de que o capitão passara a ser conviva diário.

Também não se falou mais de política. O amor durava um mês, quando um dia Clotilde lhe anunciou uma recepção em casa, a que compareceria o Senhor Presidente da República.

A festa começara brilhante. Os convidados se espalhavam pelos salões, pelas varandas, pelo jardim da bela casa dos Ledemakers. Clotilde entretinha o Senhor Presidente num pequeno grupo, e o capitão Mariano Figueroa conversava, numa roda um pouco afastada, com Mr. Ledemakers.

O Senhor Presidente era um homem galante e amável, na madurez de seus cinqüenta anos.

Mariano não consegue reconstituir com exatidão os momentos que antecederam o terrível episódio. Lembra-se apenas que, de repente, ouviu um grito de Clotilde, que estava sozinha, num recanto do jardim, com o Senhor Presidente. Correu ao seu encontro, com Mr. Ledemakers e vários convidados. Transfiguradamente e bela em sua indignação, a mulher apontou para o Presidente: — Este senhor tentou desrespeitar-me indecorosamente.

Diante do olhar atônito do Presidente, Clotilde encarou, alternadamente, o marido e o amante, como se esperasse um desagravo. Foi quando Mariano Figueroa avançou e estourou uma bofetada no rosto do Presidente. Em rápidos segundos estava cercado pelos guarda-costas presidenciais. Não pode dizer de onde partiu o primeiro disparo. O que sabe é que abriu caminho à bala, que houve muitos tiros — *una fiesta, caballero* — e que saltou o muro do parque com um ferimento sangrando na omoplata.

Dormiu na casa de uma amiga prestativa, não voltou à Embaixada e tomou conhecimento dos fatos pelos jornais. O Presidente, ligeiramente ferido no braço esquerdo, fora deposto e substituído por uma Junta Militar, cujo primeiro ato, depois da declaração de falta de decoro do Chefe de Estado, era a assinatura de um contrato com Clark Corporation, estabelecendo a concessão de amplas áreas de minério, para o desenvolvimento da nação.

O Capitão, perseguido pela polícia e chamado a Conselho de Guerra em seu país, atravessou a fronteira, alcançou o Panamá, e ali alistou-se como embarcadiço num barco bananeiro. Ha vá-

rios anos, de barco em barco, de porto em porto, carrega consigo a cigarreira de Clotilde, sua lembrança e sua aventura.

Tirei-o da cadeia, voltou aos braços de Doralice, na pensão alegre de Jaraguá, e no dia seguinte foi à minha casa para agradecer-me. Mostrei-lhe o recorte do Wall Street Journal, com o elogio fúnebre de Mr. Ledemakers, que morrera ao lado de sua Clotilde, *rich and considered,* e que repousava docemente no chão de sua *beloved Spain,* depois de tantos serviços prestados à democracia empresarial e à prosperidade de Clark Corporation.

Como se se libertasse de súbito de um longo sonho, o Capitão Mariano Figueroa estendeu-me a cigarreira de ouro.

— Por seus honorários — disse secamente.

E ao sair, com um passo gingante de marinheiro, cuspiu, com repugnância, concluindo:

— Mr. Ledemakers, Charles Joseph Petronius Ledemakers era um infame. E sua mulher uma puta.

Rio, 1972

a Dalva e Fernando Gasparian

A MORTE DO PREFEITO BOLIVIANO

Andava eu pelos nove anos quando o conheci, naquelas férias bolivianas. Chegado do Nordeste do Brasil, criado na palha de cana dos engenhos em que os Mourões fabricavam a rapadura serrana e a cachaça da Canabrava, a desolação do altiplano de La Paz, onde passamos a morar, naquele tempo, nada tinha a ver, em sua paisagem esmagadora, com a doce atmosfera rural da Ibiapaba, em que, deleitado o olfato com o cheiro do mel, se afeiçoa a vista ao verde mar dos canaviais que espumam o pendão de ouro ao vento terral.

O encontro com ele naquelas férias em Santa Cruz de la Sierra ficou, assim, marcado por uma dessas luminosas alegrias que de repente nos ocorrem ao varar-se o túnel da nostalgia e da saudade, pois eram, na ondulante paisagem da sierra boliviana os mesmos partidos de cana caiana e cana rosa dos vales da Ibiapaba, naquele tempo. E o mesmo odor do mel queimado, da aguardente fervendo entre o alambique e a dorna, a doçura forte do mascavo e — sobretudo — a mesma agilidade esperta dos meninos que giravam no galamarte, derrubavam o bem-te-vi na baladeira e rolavam ao soldado-ladrão na bagaceira cheirosa. Entre eles Juan.

Pois Juan era inconfundível entre os outros meninos. Mesmo entre os próprios irmãos. Havia, na limpeza de seu olhar e na destreza de seus gestos aquela refinada inteligência do animal criado ao ar livre, e aquela nobreza natural que às vezes ilumina o rosto dos meninos do campo. Juan era assim. E dava a idéia de repetir,

nos canaviais de Santa Cruz de la Sierra, a presença de meus primos do Pequizeiro e da Canabrava.

Filho de um cholo, simples trabalhador de eito, parecia viver naquele permanente estado de bravura, ousadia e calculada segurança a que nos habitua a rotina do perigo diário: a correnteza do riacho, a cascavel na moita, o jacaré no banho da tarde, o chifre do touro indômito ou o lombo do potro selvagem.

Lembro-me dele nos cangapés do riacho, no salto-mortal do alto do barranco, o pequeno corpo moreno caracoleando ao sol e fendendo a água clara entre a risada e a espuma. E aquele pulo inesperado à beira da estrada. Eu me detivera ao pé da moita de capim-cidreira, a baladeira esticada para o tiro, quando seu grito de espantada e triunfante alegria, a dois passos de mim, me fez volver: a cascavel enrolada em sua perna morena chocalhava o guizo. Enquanto eu espreitava a juriti atrás da moita, a cascavel retesa, de colo erguido, armava o bote para colher-me. Percebido o perigo, os olhos de Juan mediram a distância, a cintura ligeiramente curva e os músculos endurecidos na ponta dos pés. As tiras do estilingue já tensas para o tiro de pedra, éramos, cada um dos três — a serpente, o menino e eu — arco elástico, tenso, pronto a desferir a flecha da morte sobre a vítima alvejada.

A pomba, o caçador, a serpente — um de nós estava com a hora de morrer marcada na presteza de um salto desferido. Quem saltaria primeiro? Pois outra não terá sido a força de seu corpo elástico, senão essa intuição repentina, a mola de aço desfechada de seu franzino talhe, quando no salto exato do alto do barranco o pequeno calcanhar redondo, certeiro como um raio, esmagou a cabeça triangular da cascavel, que estrebuchava ainda, enroscando a cauda e chocalhando o guizo em sua frágil perna morena.

Anos depois, eu jamais me esqueceria de sua risada clara, de seus dentes alvos, de seu dorso nu erguido sobre a relva, quando ele, o único que não estivera exposto, naquele momento, à ameaça da hora de morrer, que rondava a pomba e o caçador, armara lucidamente o jogo da morte, e ria à cascavel esmagada e anelada na sabedoria de um tornozelo ágil.

Na desgraçada estrutura da economia rural da Bolívia, sessenta e dois por cento das crianças estão condenadas à morte antes dos dez anos — o que, de resto, não é um privilégio boliviano. Em algumas regiões, essa percentagem chega a oitenta por cento.

Cresci, viajei, nunca mais voltei a Santa Cruz de la Sierra, passei maus pedaços de vida, no fundo porque sabia e recitava essas estatísticas macabras sobre o país de Juan e suas adjacências, e cheguei a uma outra conclusão: oitenta por cento morrem

e os vinte por cento restantes vão para a cadeia. Como assassinos, como ladrões, ou como comunistas. Às pessoas que não têm senso de humor nem fé nas estatísticas, e que perguntam quem, então, resta no país, eu diria que restam os que conseguem evadir-se da cadeia ou escamotear-se da classe social sentenciada à morte. Isto, porém, não vem ao caso. É matéria para sociólogos, para agitadores, para tupamaros e para *rangers* bolivianos, segundo cuja sabedoria enfurecida, toda matemática que não se enquadre nos cálculos da balística, resulta mentirosa e subversiva. Depois, segundo os sociólogos, estatísticas, ainda que mais ou menos fiéis, não passam de uma ligeira etiologia sócio-econômica, facilmente debelável com uns tambores de leite do FISI e uns bombons dos rapazes do Corpo da Paz e do USAID.

De forma que, não sendo sociólogo, nem agitador nem tupamaro, nem — ai de mim! — *ranger* da Bolívia, mas apenas poeta e contador de histórias, resta-me apenas confessar minha incompetência para tão grave e perigoso debate.

O certo é que se passaram os anos, nunca mais vi o menino dos canaviais de Santa Cruz de la Sierra e — com licença dos *rangers* bolivianos — julguei-me no direito de continuar acreditando discretamente em minhas estatísticas e de imaginar que Juan estivesse morto. Morto ou preso.

Trinta anos depois, numa visita parlamentar à Bolívia, fiz vários amigos na Câmara dos Deputados em La Paz, alguns deles senhores de engenho e usineiros de açúcar em Santa Cruz de la Sierra. Nenhum, porém, fora capaz de dar notícias do filho de um cholo, chamado Juan. Nem o deputado Olivo Duro, para quem ele seria menos importante que um pé-de-cana dos eitos de sua usina, nem o deputado Rivera, da grande Usina de Pisamano, nem o finado Baltazar Los Andes, Senhor da Usina de Pozo Largo, que morreu de enfarte quando defendia o preço do açúcar da tribuna da Câmara, num debate com o esquerdista Juan Lechin. Ninguém tinha a mais vaga idéia de algum filho de peão de suas fincas de cana, chamado Juan, que dominara um dia, com a agilidade do calcanhar redondo e cascudo na cabeça triangular da cascavel, a minha hora de morrer.

Em La Paz, não conhecia mais ninguém, além de um Sanchez, poeta, e um Aguirre, pintor. Mas esses viviam bêbados, e mal sabiam da vida dos circunstantes. É certo que conhecia também Dolores e Pilar, que eram vedetes da noite pacenha e aumentavam à tarde o orçamento na discreta casa de Maria del Carmen. Mas nem elas sabiam de nada, escapadas também da morte, por uma saída que resta, não aos filhos, mas às filhas dos trabalhadores de engenho. É verdade que conhecera ainda Prudêncio e Ortega. Mas Prudêncio estava exilado em Valparaíso, onde o en-

contrara um ano antes, e Ortega era um médico importante, com a memória ocupada pelos hemogramas e as tubagens duodenais de seus clientes de luxo.

O deputado Martinez Barceló, que também era de Santa Cruz de la Sierra, e que conheci tempos depois, num congresso parlamentar em Bogotá, chegara à política, segundo me contaram, quase contra a vontade, carregado pela gente pobre a que servia. Era ele mesmo de origem humilde, conseguira estudar e formar-se em medicina, graças a um padrinho rico que lhe custeara a educação e os primeiros passos na vida. Quando lhe contei a história, disse-me que talvez pudesse identificar o menino, e anotou em seu pequeno carnet o ano e o nome do distrito canavieiro em que o conhecera. Mas também não vi mais Martinez Barceló. Dele guardei, porém, a impressão de uma lembrança inesquecível: tinha estampada, no rosto maduro e viril, uma generosa e profunda densidade humana. O calor e a marca dos que são capazes de apaixonar-se por uma idéia ou um sentimento, e que incorporam ao próprio destino o destino de uma causa ou de uma pessoa. De toda forma, fiquei-lhe grato: fora o único, de quantos ouviram minha história, que parecera sensibilizado e interessado por ela. Pois até lhe guardara os dados em seu caderno de notas.

Manuel Nuñez, um médico boliviano, que também fora deputado em seu país, e que vivia exilado em Santiago do Chile, foi ali um de meus melhores amigos, e juntos curtimos longas garrafas dos vinhos preciosos de Tarapacá e dos piscos de Elqui, os olhos perdidos sobre o Cerro de Santa Lucia, à janela de seu apartamento. Só com muito atraso — andava eu pelo Norte Chico, entre Coquimbo e La Serena — só com muito atraso recebi sua carta, dirigida a meu endereço de Viña del Mar, na qual, entre outras desgraças da ditadura militarista então vigente em La Paz, me informava da morte do Prefeito de Santa Cruz de la Sierra — "el Alcalde de mi ciudad", dizia — e que era exatamente o ex-deputado Martinez Barceló.

Uma noite, da janela de nossos visinhos no apartamento acolhedor de Victória Subercaseaux, olhávamos nostalgicamente os gerânios pendidos no Cerro de Santa Lucia, ao poente de violetas da doce primavera chilena. Havia um grupo de exilados bolivianos, entre eles Gutierrez, que falavam de coisas de seu país. Foi quando Manuel Nuñez começou a contar a história da vida do Prefeito Martinez Barceló.

Contra toda a reação conluiada, contra os partidos tradicionais, contra as oligarquias coligadas, sem poder e sem dinheiro, os camponeses de Santa Cruz de la Sierra, desafiando tudo, as usinas

e os usineiros, resolveram elegê-lo Prefeito. Foi o pleito mais memorável do departamento. Um *suspense*. Pois até o final da apuração, o adversário se mantivera à frente, com cerca de uma centena de votos. Ele esperava, impassível e seguro da vocação de liberdade de seu povo. A última urna a abrir-se foi a do pequeno distrito rural em que nascera, na palha da cana-de-açúcar, e onde continuavam a viver, como oprimidos camponeses, sem terra, sem saúde, sem instrução, seus antigos companheiros de infância que não haviam tido as benesses paternais de um padrinho rico.

Martinez Barceló, que poderia, se quisesse, ter-se transformado num rico médico de milionários ou num deputado próspero, permanecera sempre fiel à sua pobre gente camponesa. As seduções do egoísmo burguês não haviam entrado em seu coração de homem puro. Sabia que o dinheiro das Usinas também não entraria nas urnas de seu distrito. E não se enganou: ao abrir-se a última delas, a votação dos camponeses de sua terra fora unânime. Com ela, cobrira as diferenças, ganhando a eleição por vinte e sete votos.

A reação não lhe perdoaria. E se o episódio dobrara o fervor do novo Prefeito na defesa do povo, redobrara também o ódio do inimigo, que manipulava a Câmara de Vereadores para esmagar as causas populares e até para impedir que exemplos perigosos se alastrassem pela Bolívia. Quando estourou, uma noite, a quartelada que instalou a ditadura militar em La Paz, já pela manhã do dia seguinte, um coronel de *rangers*, mavórtico e furibundo, à falta de outras batalhas, encilhava o talabarte e mandava comunicar ao Prefeito sua deposição, advertindo-lhe de que estivesse às 11 horas no quartel, para entregar-lhe as chaves da Prefeitura. Recebeu a comunicação, meteu-a no bolso do pijama, dirigiu-se ao banheiro. Tomou seu banho matinal, mudou de roupa, começou a fazer a barba. Com o pincel na mão, deteve-se, mirando o rosto ensaboado. A camada de espuma parecia uma barba branca. Começou a imaginar a chegada da velhice. Que lhe restaria ainda fazer na vida? Já com o rosto lavado, limpo, escanhoado, continuava com os olhos fixos no espelho. Parecia procurar qualquer coisa na própria imagem. Talvez encontrasse nela, na pele curtida, nas rugas, na sabedoria dos olhos melancólicos, a memória do passado e do futuro, a nascente e a foz do rio de seus dias.

De repente, começou a distinguir sob a pele curtida, sob as rugas, sob a sabedoria dos olhos melancólicos, o rosto dos camponeses sem terra de sua terra, o rosto dos meninos da bagaceira, como ele fora, milhares de rostos de crianças, seu próprio rosto elementar. Lembrou-se das estatísticas. Teve quase remorso de estar vivo, a impressão de que estava vivendo uma espécie de saldo ilícito. Pois, quantos haviam morrido? Quantos continuariam mor-

rendo? Quantos escapariam? Como ele, talvez nenhum, pois, saído do chão e da miséria das choupanas de doentes, chegara a ser médico desses doentes, fora duas vezes escolhido para representar seu povo na Câmara, e acabara naquilo que lhe parecia a honra suprema para um homem que não desejara mais que ser um filho do povo: — era o governador de sua cidade pela vontade desse mesmo povo.

A calejada expressão, gastada e desgastada em todos os comícios eleitorais, parecia incorporar-se no espelho em que se mirava, com um vigor incontaminado e novo, aderida a seu próprio rosto, inserida em sua pele, adquirindo um contorno vivo e indomável, identificado, fundido e confundido em suas feições. Respirou profundamente, ajeitou a gravata e saiu do banheiro murmurando: — "a vontade do povo".

A mulher perguntou que ia fazer. Deteve-se um instante. Sacudiu lentamente a cabeça e disse apenas:

— Não.

Ela, que durante anos amara e conhecera cada linha de suas feições, teve a impressão de descobrir-lhe um semblante novo. Pois, mesmo sem perder a doçura dos olhos e do riso, seu olhar parecia duro como o aço, e a dureza do bronze recortava a testa e a boca, onde um do outro pareciam nutrir-se o amor e o ódio. Mas nem o mais remoto tom de fanatismo lhe depravava a serenidade da voz, quando explicou:

— Não. Não vou ao quartel. Vou à Prefeitura. O coronel que venha buscar as chaves com seus *rangers*.

Vivera até ali para servir seu povo. Dele recebera mais do que podia esperar. Duas vezes seu deputado, agora Prefeito, não lhe podia faltar. Chegara ali pela vontade do povo e pela força das leis do país que, acima de todas as estruturas, repousam, assim mesmo, sobre uma coisa sagrada — a liberdade.

— Vou defender isto — decidiu.

Chegou à Prefeitura. Atravessara as ruas a pé, sob os olhos espantados da população. Eram onze e trinta quando o capitão enfurecido, que o esperara em vão, mandou reunir a tropa para ocupar "manu militari" a sede da Prefeitura e prender o Prefeito. Ao emissário do oficial, que viera buscar as chaves, com a ordem de evacuação, respondeu apenas:

— Diga ao coronel que venha buscá-las.

Mandou o contínuo fiel buscar a última metralhadora de que dispunha a antiga Guarda Municipal. Reuniu os funcionários. Mandou-os para casa e despediu-se de um por um. Ia defender sozinho o mandato popular. Defender até à morte, pois não poderia desejar mais pura e mais bela a hora de morrer. Disse ainda

algumas palavras, mas foi irredutível com os amigos leais. Não permitiu que ninguém ficasse. Era ele que tinha recebido o mandato do povo. Era ele que devia defendê-lo. Trancou a porta por dentro. No assoalho do salão nobre do Palácio deserto, seus passos ressoavam com decisão. Teve a impressão de que, apesar de todo o devotamento de sua vida política, era esta a primeira vez que ia exercer, à altura da honra do povo, o mandato que recebera. Dirigiu-se ao seu gabinete de trabalho, verificou a metralhadora. Sabia manejá-la. Tinha setenta ou oitenta pentes de balas. Viveria durante setenta ou oitenta pentes de balas.

Hasteou a bandeira nacional na varanda do gabinente. Abriu uma folha da janela, assestou sobre o parapeito a velha metralhadora liberal, e permaneceu à espera. Duro, áspero, intratável, certo de que poderiam tomar-lhe tudo, menos a fé no povo por quem vivera. Menos a grandeza épica daquela decisão, daquela escolha da hora de morrer. A cidade estarrecida e siderada acompanhava o episódio. E quando foram dizer ao coronel que o Prefeito estava firme, à espera da hora de morrer, mordeu os bigodes indignado:

— Morrer, por que? — exclamou, com a raiva cinzenta dos que não compreendem que se possa morrer por uma causa perdida.

— Diz que está com o povo e com a lei, e por isso quer morrer — explicou um dos *rangers*.

— A lei? — Mordeu de novo os bigodes. Um ar de esperteza faiscou-lhe nos olhos:

— Pois vou mostrar-lhe o que é a lei.

Decidira, em sua cólera fanática contra aquele homem que se atrevera a enfrentar sua legião, privá-lo de tudo. Fraudá-lo até da grandeza e do direito de escolher a bandeira e a hora de morrer.

O sargento, no pátio, preparava a patrulha de *rangers* para invadir a Prefeitura, quando o coronel o surpreendeu com a ordem ríspida, mudando o objetivo de sua estrondosa ação militar:

— Meia-volta, volver! Não mais a Prefeitura. Marchar sobre a Câmara Municipal!

Ao pé de sua janela, entre a metralhadora liberal e a bandeira da pátria boliviana, o Prefeito ouvia a esposa: que não adiantava seu sacrifício, sua inútil bravura. A Câmara Municipal, acuada pelos *rangers* do coronel, cassara seu mandato. Estava destituído formalmente do cargo pela própria lei, em cuja defesa se dispunha a morrer. Foi como se o mundo desabasse sobre sua cabeça.

— A lei? — perguntou.

— A lei.

Então não existia mais nada. A estupidez e a covardia haviam destruído aquilo por que decidira viver, lutar e morrer.

Uma sensação de náusea, uma ânsia de vômito visitou-lhe o estômago. A mão que sustentava a metralhadora ergueu-se lentamente, crispou-se sobre o peito, os olhos enevoados contemplaram a bandeira que parecia fosforescente ao sol do meio-dia, uma dor aguda apertou-lhe o coração, e caiu emborcado sobre os ladrilhos vermelhos.

O coronel e os senhores vereadores ainda estavam no hall da Câmara, quando chegou a notícia de que o Prefeito morrera de enfarte do miocárdio. Voltaram a reunir-se às pressas, e tornaram sem efeito a votação anterior que lhe cassara o mandato. Os líderes de todos os partidos pronunciaram comovidos discursos à sua memória. Foi votada uma solene moção de homenagem ao grande morto, e a Mesa Egrégia decidiu custear-lhe com pompa os funerais, transformando o hemiciclo da Câmara em câmara ardente dos despojos ilustres.

A comissão, incumbida de levar as condolências e a comunicação desses decretos à viúva, foi expulsa da porta de sua casa. Altiva e poderosa em sua dor, frustrou o capitão que acompanhava os vereadores cabisbaixos, de fraudarem o marido na última coisa que escolhera: — a hora de morrer.

E o Prefeito Martinez Barceló, o caixão acompanhado apenas pelos familiares e os camponeses de sua terra, foi sepultado no cemitério daquele humilde distrito canavieiro onde eu conhecera o pequeno Juan, dominando a cascavel e a hora de morrer.

E ali repousa sob uma pedra retangular onde escreveram:

"AQUI JAZ JUAN
MARTINEZ BARCELÓ
PREFEITO DO POVO."

Porque seu nome era Juan.

P.S. — Haverá rigoristas que tentarão invalidar este relato, alegando que foi um Capitão, e não um Coronel, o responsável pelo ultimatum a Martinez Barceló. E mais: que este não é exatamente o nome do Prefeito e que ele não tombou fulminado na varanda da Prefeitura, mas em casa. São, porém, objeções de pouca monta. Pois o certo é que o Capitão de hoje é o Coronel de amanhã. E o autor não presta depoimento para o dia de hoje, mas para o dia de amanhã. Outros críticos objetarão que o fato não ocorreu na Bolívia, mas num país vizinho. A observação também não é historicamente importante. Pois o local exato da morte de um homem se situa realmente é em seu tempo e em sua causa. Mesmo porque o autor não é uma testemunha para o Comissário de Polícia ou para o Juiz do

Crime, que não chegaram a funcionar no caso, como deviam, mas uma testemunha para a história. Foi dentro dela, de seu mandato e de sua Prefeitura, abraçado à velha metralhadora, que tombou o Prefeito Juan Martinez Barceló, nas calendas de abril. O deputado Manuel Nuñez, aliás, que tanto pode ser de Santa Cruz de la Sierra, como de Cochabamba ou de Campos dos Goitacazes, deve saber de maiores detalhes da história de Martínez Barceló.

Coquimbo, Chile, 1965

a Alaíde e Adão Pereira Nunes

BODAS DE EYQUEM

Acabo de sair da agência da Western Telegraph em Valparaíso. Passei um lacônico telegrama, em minha quota de "press-service" à cadeia internacional de jornais para que vinha trabalhando há doze anos, pois, pela primeira vez fracassei na incumbência que me atribuíram. Pela primeira vez. E isso, modéstia à parte, depois de êxitos considerados espetaculares na imprensa de todo o mundo. De forma que pedi demissão, depois de haver sido o primeiro jornalista do Ocidente a entrevistar os príncipes do Laos e do Pathet-Laos, depois de haver sido o primeiro a ouvir o Dalai-Lama depois de sua fuga da cidade sagrada na invasão do Tibet, o primeiro a noticiar a queda de Kruschev, o levante do Coronel Caamaño em Santo Domingo, a renúncia de Sartre ao Prêmio Nobel, o primeiro a prever o golpe militar no Brasil e transmitir seus detalhes para a Europa — pois para a América do Norte Mike Jarvis o conseguiu antes de mim. É longa a lista de meus êxitos de repórter. Consegui saber e informar quarenta e oito minutos antes de Charles Vanecke, do "Le Monde", a queda e a prisão de Ben Bella na Argélia e o casamento da princesa Margaret com um fotógrafo coxo de Londres, da mesma forma como fora meu o furo de sua aventura galante com o coronel Townsend.

Depois de tantos sucessos, falhei numa tarefa que a cadeia de jornais julga insignificante, mas que foi a mais difícil de minha vida profissional: a cobertura das bodas de Eyquem.

Estou certo de que fiz tudo o que um repórter excepcional poderia fazer. Pois até atravessei a cordilheira dos Andes e a cordilheira da Costa, e cheguei, num perigoso Beechcraft, ao precário aeroporto de Rodelillos, do outro lado da América, numa remota praia do Pacífico, onde os chilenos construíram a encantadora cidade balneária de Viña del Mar. Pois ali — disseram-me num perdido logarejo do sul da França onde pelo sobrenome francês eu o tentara localizar — possivelmente se saberia do paradeiro de Eyquem, que não seria francês, mas chileno.

Em Paris, procurei identificar diversos chilenos. Um deles, o pintor Enrique Zañartu, que acabava de voltar de uma misteriosa viagem a Cuba, tomou-me, parece, por um agente do FBI ou da KGB, e recusou-se a dar qualquer informação. Indicaram-me outro, que parecia chamar-se Mendez-Labbé, era um indivíduo robusto, quase gordo, de barba negra, que falava e fumava suavemente imensos charutos — filou-me dois ou três que eu trouxera da Bahia — conversou longamente e acabou não dizendo nada de conclusivo. De resto, a barba e a voz macia lhe davam um ar de remota aristocracia, de charlatanice e de inverosimilhança a tudo que dizia. De modo que ainda que houvesse dito qualquer coisa de objetivo sobre Eyquem, eu não lhe acreditaria uma palavra. Pois sobre ele mesmo as informações são contraditórias: sustentam uns que é arquiteto, outros que é pintor, parecendo certo que projetara a construção de uma Escola Naval em Valparaíso em que as formas arquitetônicos e os espaços respondiam ao sopro dos ventos do Pacífico. Eu, porém, não andava atrás de arquiteturas e de ventos marinhos, mas das bodas de Eyquem. E quanto a Mendez-Labbé, não sei mesmo se era chileno, como dizia, ou gascão como parecia. Com seu suspeito sobrenome, tanto podia ser um puro Mendes português, como um Mendès, nome típico dos judeus franco-portugueses. Além do mais, também se chamava Labbé, tinha certo ar de abade, e falava igualmente bem o espanhol e o francês, ambos com um leve acento da Gasconha. Era, de qualquer forma, um indivíduo de quem jamais se poderia obter uma informação útil, embora me haja pago com certa largueza generosa e fidalga o almoço a que eu o convidara. Esta, porém, não é a história de Mendez ou Mendès-Labbé, de quem talvez ainda me volte a ocupar, mas a de Eyquem, ou melhor, das bodas de Eyquem.

A primeira coisa que fiz ao chegar ao Chile, foi por-me em contato com Pato Kaulen, para quem trazia recomendações de um cavalheiro argentino, que encontrei na zona baixa de Buenos Aires, pelos lados de San Martin ou Leandro Além, ele mesmo vagamente suspeito, pois ora se dizia teatrólogo, ora psicólogo, ora foniatra. Chamava-se Raul Young e, foniatra ou não, sabia cultivar a doçura e uma espécie de refinada inteligência na própria

voz. Segundo ele, Pato Kaulen não era exatamente uma pessoa: era uma instituição, completa, útil e onisciente como a lista telefônica.

Encontrei o precioso Kaulen em sua casa de Manquehue, bairro de Santiago quase ao pé da cordilheira. Até hoje não sei bem se era diretor ou ator de cinema. O que sei é que me dispensou, à boa moda chilena, a mais fidalga das acolhidas. "Claro que ubicaremos las bodas de Eyquem". Em poucos minutos éramos velhos amigos e ele me tranqüilizava:

— No te preocupís, viejo, tomate tu pisco, que el asunto me lo resuelvo yo por teléfono, y punto. Mañaña por la mañaña te daré todos los detalles sobre Eyquem y las bodas de Eyquem. Punto.

Não deu. Não deu e não dará, e sabe sobre o assunto ainda menos do que eu. Pois à noite, quando, por equívoco, falei com Marija, sua encantadora mulher, ela me perguntou se eu sabia alguma coisa sobre as bodas de Eyquem, a que também ela desejava assistir.

Passei a investigar em todas as fontes possíveis. Visitei as sacristias de todas as igrejas de Viña del Mar e Valparaíso, e Alberto Cruz, que era primo do arcebispo, arranjou-me até uma espécie de salvo-conduto para abrir todas as portas da burocracia canônica. Conheci dezenas de párocos e monsenhores, subornei alguns sacristães velhacos, mas o que apurei é que em nenhuma igreja se haviam processado os "banhos" ou proclamas das bodas de Eyquem.

Graças a minha amiga Ximena Amunátegui, que conhecia meio Chile, consegui dar meu primeiro passo concreto na penosa investigação, descobrindo o nome completo de Eyquem. É certo que essa descoberta não ajudou grande coisa. De qualquer forma, para gáudio dos curiosos, fique ele aqui registrado: chamava-se Miguel Eyqem Astorga. E da noiva se dizia ser Helena Vial Armstrong.

Esta, porém, não é uma informação definitiva, e eu não a transmito senão com as devidas reservas. Pois, segundo opiniões mais ou menos respeitáveis, seria outro, muito outro, o personagem das bodas de Eyquem, já que o único dessa família que usara o nome de Miguel morrera há muitos séculos, e foi um indivíduo suspeito e contraditório, sendo provavelmente apócrifa a obra que lhe é atribuída. Pois, na verdade, ao mesmo tempo em que escreve sobre as vaidades do estilo e proclama a inutilidade da palavra, produz um volumoso tomo de ensaios em que exibe todos os deleites do estilo e todas as galas da palavra.

Depois, o sobrenome de Astorga, imposto ao das bodas de Eyquem, parece ser apenas um recurso para coonestar a nacionalidade chilena que lhe é atribuída, o mesmo se podendo dizer do nome ilustre dos Vial, juntado ao de Helena, a suposta comparsa das bodas de Eyquem.

Notários e pretórios onde madruguei durante semanas, pois constava que, atendendo a excentricidades do noivo, as bodas de Eyquem se celebrariam à alvorada, não sabiam ou não queriam dar informação.

Contratei detetives que procederam a um levantamento em todas as tipografias do Chile, de Arica a Punta Arenas, para verificar onde, quando e como se haviam mandado imprimir convites para as bodas de Eyquem. Foi inútil o trabalho dos detetives: nenhuma tipografia recebera a encomenda.

Essa pesquisa me trouxe sérias dúvidas sobre a efetividade das bodas de Eyquem e sobre a identidade dos nubentes. Pois no Chile, segundo me informava Olga de Cruz, não era possível que um Eyquem — muito menos um Eyquem-Astorga — e uma Vial — muito menos uma Vial-Armstrong — se casassem sem o retrato da noiva em "El Mercúrio" e sem algumas centenas de convites aos endereços do Gotha crioulo, que é a lista de sócios do Club de la Unión, de Santiago.

Não desanimei, porém, com esses embaraços. É de presumir que todos os noivos montam casa, compram ou alugam um apartamento antes de casar-se. Contratei um advogado que vasculhou todos os notariados e registros de imóveis da república. Em nenhum deles qualquer Eyquem ou qualquer Vial depositara título ou documento de bem de raiz que pudesse supor alguma ligação com as bodas de Eyquem.

Investiguei, pessoalmente, todas as agências de aluguel de casas em Santiago e fiz o roteiro de todos os anúncios de "arriendos ofrecidos" em "El Mercúrio" nos últimos trinta dias. Tudo mais ou menos em vão. Apenas um proprietário se lembrava de haver sido procurado por uma senhorita, que se dizia chamar-se Helena, que pretendia alugar um apartamento da Calle Equador, em Viña del Mar, e dava como referências pessoais um certo senhor Alberto Vial Armstrong e um certo senhor Arturo Baeza D., diretor ou professor de uma Escola de Arquitetura ou de Veterinária — não se lembrava bem. — O de que se lembrava era da indignação de um D. Arturo Baeza, que localizara a duras penas pela lista telefônica, e que lhe contestara, quase enfurecido, que era médico, como todo o Chile o sabia, nada tendo a ver com veterinária, nem com aluguéis de apartamento nem com as bodas de Eyquem.

Quanto ao outro informante, toda vez que telefonava para seu endereço de Santiago, o sr. Alberto Vial estava em Viña del Mar, e quando ligava para Viña, estava em Santiago. Ou então, acamado, com enxaqueca, e não podia atender. De modo que a única informação que lograra com respeito ao sr. Alberto Vial era que parecia tratar-se de um indivíduo sujeito a dois fenômenos

cientificamente inexplicáveis — a bilocação e a enxaqueca, da qual padecia simultaneamente em Santiago e em Viña del Mar.

Por outro lado, a senhorita não aparecera mais, no que fizera muito bem, pois não lhe alugaria o apartamento, depois de haver-se burlado de sua boa-fé, impingindo-lhe um indivíduo bilocado e fazendo-o atritar-se com um médico ilustre a quem supusera simples veterinário. De modo que o apartamento continuava desocupado e que se eu me interessasse, estaria encantado em ceder-me o aluguel. Desde que eu desse informações de pessoas idôneas, que não se bilocassem nem fossem professores de Veterinária e outras matérias suspeitas. Aceitaria como boas, por exemplo, referências de Fábio Cruz ou de Cláudio Girola. Mas que eu não confundisse Fábio Cruz com Alberto Cruz, pois deste não aceitaria fianças nem referências: era um cavalheiro, sem dúvida, mas parecia caído da lua ou disposto a embarcar na primeira nuvem. Talvez até nem existisse de fato, e era possível que fosse uma espécie de selenita como Gofredo Iommi, com quem costumava subir e descer a pé todos os caminhos do Cerro Castillo. Não servia para fiador.

Quanto a mim, porém, não tinha ido ao Chile para alugar apartamentos, mas para informar-me das bodas de Eyquem. E continuei minhas investigações.

Como o assunto começasse a tornar-se mitológico, consultei Ximena. Ximena Amunátegui de Iommi, pelo lado paterno, conhecia todas as famílias do país. Pelo lado do marido, conhecia os mitos, as revelações, o Apocalípse e todas as suas hermenêuticas, inclusive a origem do termo, com suas raízes em Hermes Trismegista, sobre cujos mistérios me falou uma tarde inteira. Consultei-a longamente sobre as bodas de Eyquem. O resultado foi o agravamento de minha perplexidade. Segundo ela, havia uma grande confusão inicial, não sabia se minha, se da cadeia de jornais a que eu servia. Falou-me das bodas de Augustin, que existiram e não existiram — o que era relativamente comum no Chile nos dias atuais. Mas que, no caso presente, tratava-se apenas de um quiproquó, pois eu confundira as bodas de Caná com as bodas de Eyquem. Não havia, de forma alguma, bodas de Eyquem, mas bodas de Caná — e estas se haviam realizado na Galiléa, há cerca de dois mil anos, exatamente em Caná, cidade que talvez não existisse mais, e não do Chile, muito menos em Viña del Mar e em 1965. Não acreditasse nela, podia consultar Beltrán Villegas, que andara por aqueles lugares, embora não à época das referidas bodas, e sobre terras e histórias da Palestina, sabia mais que um guia turístico da Cook ou da Exprinter.

Como as coisas se tornassem difíceis pelo lado do noivo, procurei examinar as hipóteses das bodas de Eyquem pelo lado da noiva.

Contratei os serviços de uma secretária que efetuou o levantamento de todas as casas de modas e todos os ateliers de alta costura do Chile. Em nenhum deles se havia encomendado véu ou vestido de noiva em nome de qualquer Helena, muito menos Helena Vial Armstrong. A única Helena que comprara um luxuoso vestido nas últimas semanas, não era um vestido de noiva nem era Helena: era um travesti de São Paulo, Brasil, que se exibia, divina e maravilhosa, segundo sua própria expressão, numa *boite* do Rio de Janeiro, de onde a trouxera, para uma temporada no Bim-Bam-Bum de Santiago, o cabaretier chileno Arsenio Alcalde, também chamado Arsenio el Negro.

Também foi impossível identificar a noiva no comércio de *trousseaux* ou de joalheiros: em nenhuma parte se haviam comprado alianças para as bodas de Eyquem.

Através dos serviços internacionais de R. G. Dunn e até de um policial da Interpol, estendi minhas investigações às casas de *haute couture* francesas e aos joalheiros da Rue de la Paix, pois, como me advertiram Vimena e Olga Cruz, em se tratando de uma Vial e das bodas de Eyquem, não era impossível tivessem encomendado tudo em Paris — o vestido ao Dior e os anéis ao Cartier.

O único resultado dessas investigações foi o acirramento da luta entre os industriais da moda parisiense que, certos de tratar-se de um opulento milionário sul-americano, passaram a divulgar, cada qual com mais detalhes, haver confeccionado em sua *boutique* o vestido nupcial das bodas de Eyquem.

Com isso, agravou-se a confusão: havia senhoras da sociedade que informavam haver estado presentes às bodas de Eyquem, pois passara a ser deselegante no "International set" e nas colunas dos cronistas sociais, especialmente do Brasil, a penosa confissão de não haver participado das bodas de Eyquem. Aí está, porém, o testemunho de Olga Somavia de Cruz, mulher elegante e entendida nos *potins* do *grand-monde*: segundo ela, tudo não passa de uma impostura de falsas elegantes, verdadeiras intrusas da vida social das boas famílias.

O certo é que tudo isso agravou minha situação perante a cadeia de jornais. Mas não perdi a calma, e continuei investigando.

Ouvi várias pessoas com o sobrenome de Vial, os Vial Correa, os Vial Infante, os Vial Armstrong, mas nenhum deles tinha conhecimento das bodas de Eyquem e, pois, não haviam de ter nenhuma parenta comprometida nessas bodas.

De resto, o panamenho Edi sustentava a inexistência da família e até do sobrenome Armstrong. Consultando Shakespeare e Fenollosa, chegara, com Pound, a um ideograma chinês, segundo o qual os Armstrong nunca existiram, e o famoso sobrenome não passava de uma corruptela de Fortinbrás. Isto, pelo lado dos Arms-

trong. Pelo lado dos Vial, não fui mais feliz: pois as duas Vial que conheci, Teresa Cruz de Vial e Luísa Vial de Cruz, sabiam tanto quanto eu sobre as bodas de Eyquem, e a respeito delas me fizeram ansiosas perguntas.

Voltei às interpretações de Ximena. Quis ela, então, levar-me a um psicanalista, para que eu desfizesse o complexo mnemônico em que me envolvera: afeito e aficcionado simultaneamente à mitologia e à bíblia, eu fizera na cabeça, segundo ela, um verdadeiro *melting-pot*, um horrendo *cocktail*, misturando o episódio das bodas de Caná com o rapto de Helena. E era melhor ter cuidado, antes de provocar uma nova guerra de Tróia.

Confesso que às vezes me deixava perplexo e começava a duvidar da existência de Miguel Eyquem Astorga, e, pois, das próprias bodas de Eyquem. Na verdade, sem Eyquem, como poderia haver bodas de Eyquem?

Essas dúvidas eram logo, não direi desfeitas, mas tumultuadas pela intervenção de Olga Somavía de Cruz, que afirmava conhecer um Miguel Eyquem Astorga, arquiteto de profissão. Mas acrescentava implacável que este não podia ser o protagonista das bodas de Eyquem, pois estava dormindo numa poltrona da sala, depois do jantar em sua casa, à hora em que se teriam celebrado ditas bodas. De resto — insistia Olga — tratava-se de uma pessoa disposta mais ao sono que ao casamento, e mal acabava de comer, nem a conversa nem a música o impediam de adormecer profundamente no meio da sala.

Concluía, então, que uma pessoa assim não se casa e apelava, finalmente, para a confirmação de Alberto:

— No es cierto, viejo?

Alberto, porém, não estava certo de nada. Pois ele mesmo tentou obter de mim informações sobre as bodas de Eyquem. Foi a seu conselho que entrei em contato com algumas senhoras de Santiago, especialmente parentas de Helena Vial. Não sei. Creio que todas essas senhoras lavravam na mais profunda confusão.

Uma delas informava não acreditar nas bodas de Eyquem, pois ambos os noivos estavam afetados de uma enfermidade que, não sendo grave, era crônica e desagradável, e certamente não se casariam antes de uma cura radical. E que todos os rumores sobre as bodas de Eyquem eram falsos ou pelo menos prematuros, originados de equívoco em torno de umas reservas de aposentos num hotel de certa estância hidromineral, que se confundiram com uma reserva de lua-de-mel.

Já outra veneranda senhora do bairro alto, dessas que exercem incontestável matriarcado familiar e estão em dia com todos os *potins* de parentes e aderentes, me assegurava exatamente o contrário. Que não se casavam porque não queriam. Pois o noivo,

longe de ser enfermo ou enfermiço, era um tipo hercúleo e desportivo, e vendia saúde. Chegara mesmo a ser campeão sul-americano de ski e as revistas em voga publicavam na capa seu retrato triunfante, com uma jaqueta e um gorro de pelos brancos, desafiando a cordilheira de neve montado em seus tenedores de metal.

Mas outra parenta modesta me dizia confidencialmente que não era nada disso. O rapaz nunca fora campeão de ski. Tratava-se de um jovem com certo espírito escoteiro que, seduzido, como se diz no Chile e como fizera aquele mesmo Mendez referido no início, pelo "ideal bomberil", se tornara bombeiro voluntário na Xa. Companhia do Mapocho.

Houve uma quarta tia com outra versão: a de que se trataria, possivelmente, não de um esquiador ou de um bombeiro, mas de uma espécie de aventureiro do ar, com o espírito de Mermoz e a pureza de Saint-Exupéry, por isto mesmo um aeronauta amador, que se divertia no vôo lúdico e arriscado dos planadores do Aero-Club e assustava as povoações com os *loopings* e cabriolas de um temerário monomotor em que se atrevia a voar quase todas as tardes.

Para a quinta e última tia que consegui consultar, jamais houvera nem haveria bodas de Eyquem, que não era aviador nem esquiador nem ao menos bombeiro. E sua família não entregaria sobrinha a um vago artista e intelectual que alegava ser doutor em arquitetura, mas nunca conseguira mostrar o diploma a ninguém. Também duvidava muito de que fosse professor numa escola de arquitetos plantada em cima de um rochedo em Valparaíso. Pois parece óbvio que em Valparaíso nunca houve arquitetos, pois nenhum arquiteto do mundo se lembraria de construir uma cidade pendurada naquelas ladeiras perigosas. É certo que ouvira falar dessa Escola, mas não podia ser de arquitetos, até porque a única pessoa dali que conhecera era um poeta especialista em Dante e que, em matéria de arquitetura, era capaz de fazer uma ode, mas nunca uma casa.

Voltei, então, a Alberto Cruz, que era diretor da controvertida escola. Ele, porém, como todos os seus colegas, continuava na mais completa ignorância sobre as bodas de Eyquem. Repeliu a idéia de que se tratasse dalgum arquiteto ou professor — do contrário ele o saberia — e sugeriu-me que talvez quizessem referir-se a um vago cartógrafo empenhado no traçado de mapas que refletiam, ao mesmo tempo, a geografia e a cronografia dos países e dos continentes, quebrando os padrões clássicos de definição dos valores métricos do espaço. Segundo esse raro cartógrafo e seus raros mapas, da alucinada álgebra dos fusos horários se distila na ampulheta do tempo a realidade einsteineana das distâncias, de forma que o quilômetro deixa de ser uma tese, para transformar-se

numa hipótese, às vezes tendo e às vezes não tendo os mil metros acadêmicos da geometria euclideana.

A esta altura, eu já começava a enlouquecer e até admitir que talvez as bodas de Eyquem fossem a um tempo uma realidade e uma ficção.

Voltei, pela centésima vez, à repartição oficial dos matrimônios, onde encontrei Cláudio Girola, às 8.45 da manhã. A funcionária, irritada talvez com minha pertinácia, antes que Girola ou eu lhe perguntássemos, respondeu com mau-humor:

— Eyquem? Já se casou, cavalheiros.

Por mais que insistíssemos, não deu nenhum outro esclarecimento.

De modo que não cumpri a missão de minha cadeia de jornais, não pude noticiar o acontecimento, e só me restava fazer o que fiz: pedir demissão de meu emprego.

Ao sair da agência da Western Telegraph, quase fui atropelado por uma vertiginosa motocicleta. Levava um homem feliz ao volante e uma rapariga iluminada de alegria na garupa. Quando pararam um instante a moto, ouvi alguém gritar-lhes:

— "Miguel, Helena!"

Tive um súbito pressentimento e corri para alcançá-los. Mas já desapareciam nas curvas avenidas marinhas e apenas tive a impressão de sentir no ar o perfume de uma alegria perene, a alegria do amor por toda a vida. E de ver, parece, um branco véu de noiva flutuar sobre o ronco do motor da poderosa motocicleta alemã.

Seriam eles?

De qualquer forma, como aquela foi a história dos funerais de Heitor, o de claro elmo tremulante — esta é a história das núpcias convoladas de Miguel Eyquem Astorga, professor, arquiteto, bombeiro, esquiador, aviador e cartógrafo. E do himeneu da que fora Helena Vial Armstrong — agora Vial de Eyquem — depois das bodas de Eyquem.

Viña del Mar e Santiago, 1965

para Helena e Miguel Eyquem

AS QUATRO OU CINCO MORTES DE D. NICANOR

Um jornal de Valparaiso publicou, este ano, a seguinte notícia:

— "Policiais de Iquique e Antofagasta iniciaram investigações para determinar as circunstâncias que motivaram a morte do cidadão boliviano Nicanor Bernal Gómez, de setenta e dois anos de idade, cujo corpo apareceu ontem perto de um arrabalde situado ao lado nordeste da primeira das cidades mencionadas. A vítima, antes do óbito, estava domiciliada à rua Esmeralda, número 2.932, em Antofagasta. Segundo informações policiais, o corpo apresentava hematomas, especialmente no rosto. O decesso, conforme cálculos da perícia, teria ocorrido há cerca de quatorze dias.

A pessoa aludida havia desaparecido de Antofagasta inexplicavelmente, motivo pelo qual seus familiares haviam apresentado denúncia com suspeita de alguma desgraça".

A notícia não dizia mais nada. Fechei o jornal, fulminado pela informação: — a morte de D. Nicanor.

Apesar de alguma inexatidões, como a referência aos familiares, pois Nicanor Bernal Gómez não tinha parentes nem aderentes, apesar de chamá-la de "óbito" e "decesso", com essa horrível linguagem dos jornais, parecia fora de dúvida que a morte abatera, afinal, o velho boliviano.

Abri de novo o jornal e li mais uma vez a notícia, à busca de algum detalhe preciso: — teria sido assassinado, ou fora morte natural? Pois esta não era a primeira notícia da morte, nem mesmo a primeira morte de Nicanor Bernal Gómez.

A informação do jornal era, realmente, precária. Dobrei-o de novo, sem dizer uma palavra, e deixei-o ao lado da xícara, onde minha mulher o apanhou.

Ia entrando na biblioteca, quando me estacou seu grito de horror. Terrivelmente pálida, estendeu-me o jornal, dizendo: — Mataram D. Nicanor!

Era simplesmente espantoso: pois eu ignorava totalmente — jamais poderia imaginá-lo — que minha mulher conhecesse o boliviano. Muito menos que o conhecesse tanto para que a notícia de sua morte a golpeasse com a intensidade daquela inesperada exclamação. E mais: de onde lhe vinha aquela súbita convicção de que o velho não morrera de morte natural, mas fora assassinado, de uma forma que ela já parecia esperar e temer quando exclamou: — mataram D. Nicanor?

Tentei interrogá-la, mas ela, com certo ar que me pareceu então inexplicável, alegou que o assunto não tinha importância e que não insistisse sobre ele.

O episódio, de resto, era tão insignificante e tão complicado, que mesmo se eu estivesse tentando escrever sobre ele um conto de fantasia, teria de interrompê-lo definitivamente a esta altura, sem saída para qualquer conclusão possível.

É o que faço, definitivamente, pondo aqui um ponto final, quando muito uma reticência à vida e à morte de D. Nicanor Bernal Gómez, cujo rosto coberto de hematomas e cuja "causa mortis" são problemas da polícia de Iquique e Antofagasta e dos carabineiros do Chile — não meu.

Dei, assim, o boliviano por sepultado e bem sepultado na memória e mergulhei nos estudos em que me vinha especializando sobre a toponimia alagoana. Nessa fascinante ocupação, registrei e percorri terras formosas e pitorescas, como Tanque d'Arca, Feliz Deserto e Girau do Ponciano.

Impressionado com os toponímicos que evocam o culto do fogo ou o culto da água, fiz uma longa pesquisa sobre estes últimos, e fiquei conhecendo Minador do Negrão e Olho d'Água do Negrão, Olho d'Água das Flores, Olho d'Água do Casado e Olho d'Água das Meninas Bonitas. Conheci vários povoados e distritos, com o nome de Olho d'Água, inclusive um dos Engenhos de meu avô, que se chamava simplesmente Olhos d'Água e que, mais tarde, doado ao padroeiro da freguesia, passou a chamar-se Olhos d'Água do Vigário ou Olhos d'Água do Padre, ou ainda Olhos d'Água de São Gonçalo, com uma pequena cacimba milagreira cavada pelas gotas na rocha e tida por benta pelos fiéis de várias comarcas ao redor.

Conheci muito Olho d'Água, pois, de Alagoas ao Piauí, onde a cidade de Olho d'Água Grande passou a chamar-se Domingos Mourão, em homenagem ao antigo baronete rural, parente meu, pai de Gerson e Zé Lourenço, que ali tinha seu feudo e poder. Não conhecia, porém, aqueles Ojos del Salado, para a banda argentina de Santiago del Estero, de onde me chegaram um dia as cartas de Pérez-Román, que àquela época varava o mundo juntamente com uns viajantes franceses, parece que compradores de couros e peles, um deles por nome Fédier, François Fédier, e outro Michel Deguy, que fabricava pergaminhos para escritura com o pelego curtido dos carneiros da Patagônia.

O certo é que Pérez-Román me escrevia de Ojos del Salado e de Ojos del Salado informava que fora morto ali, na véspera, nosso velho companheiro de certas noites de Córdoba, D. Nicanor Bernal Gómez. Assassinado a punhaladas, para ser exato. O cadáver fora achado atrás do oitão de uma casa mal afamada, e não se encontrara nenhuma pista do assassino.

A inesperada notícia me vinha, assim, desenterrar da memória o corpo do boliviano.

Passei a carta à minha mulher, esperei a reação. Leu sem muito interesse, comentou o casamento de Pérez-Román com a bela finlandesa Elisabeth e perguntou vagamente:

— Quem é Nicanor Bernal Gómez?

Foi inútil meu espanto. Por mais que eu tentasse recordar sua angustiada reação à primeira notícia da morte do bolivano em Iquique, ela sacudia os ombros com indiferença e não tinha a menor noção de quem seria Nicanor Bernal Gómez, amigo de Pérez-Román.

Um marido nunca deve indagar muito de sua mulher sobre um homem. E vice-versa. Nunca se sabe, e de onde menos se espera, daí é que pode ter vindo. Seja como for, não me parecia tratar-se de uma amnésia. Também não me parecia correto envenenar a doce transparência de alma de Isabella com a morte de um vago aventureiro apunhalado no oitão de um bordel de Ojos del Salado, no calcanhar da Argentina. Mas de todas as minhas conjecturas sobre o estranho comportamento de Isabella neste caso, me ficou a suspeita de que ela não se equivocara. Nem antes nem agora. Fora para ela tão intensa a morte do boliviano em Iquique, que ele morrera de fato. De fato e de todo, precipitando-se verticalmente no olvido ao precipitar-se na morte. Morrera profundamente, o corpo coberto de hematomas, no chão seco de um arrabalde da banda norte de Iquique. De forma que não existia mais. Se não existia, como poderia, pois, Isabella, ter lembrança ou noção do nome de um homem inexistente?

Depois, a transposição da morte de Nicanor de Iquique para Ojos del Salado sugeria e incorporava, realmente, um novo personagem. E minha mulher tinha uma exata lucidez para o sentido real, a verdadeira expressão do nome das pessoas. Não precisava de adjetivos ou outros acessórios. Já verificara isto várias vezes. Quando eu lhe perguntava, por exemplo, se havia visto Cristina ou Marinês, ela sabia de imediato, pelo tom de minha voz, à qual das Cristinas ou Marinês eu me estava referindo. Muita gente não percebe isso, mas parece lógico que quando digo Cristina — a loura de Frassinetti — a voz adquire califonias diferentes das que contornam Cristina — a da rua Santo Amaro. E pelo tom com que digo Marinês, já se sabe se é a filha da lavadeira ou a pequena mulata do *trottoir* do Recife. Um corpo de mulher é sempre o contorno de um nome. E o nome de Cristina de Frassinetti é tão diferente da Cristina de Santo Amaro, como de Dora ou Aparecida. Na verdade, não há pessoas homônimas.

O certo, porém, é que pouco me adiantavam os jogos de palavras e idéias. Restava-me o enigma de como e onde minha mulher viera a conhecer o morto de Iquique — enigma persistente ainda depois de todos os artifícios com que tentei justificar sua posterior ignorância sobre Nicanor Bernal Gómez. E isto, de qualquer modo, me interessava mais por tratar-se de Isabella, que do problema da morte do boliviano. Pois, afinal, em Iquique ou em Ojos del Salado, ou até nos dois lugares de uma vez, o que era certo é que D. Nicanor estava morto. Claro que é um pouco estranho morrer duas vezes, mas se há tantos casos de pessoas que se bilocam em vida, como costuma acontecer com meu amigo Alberto Vial Armstrong, por que não poderia também aos mortos acontecer o fenômeno da bilocação? Depois, quem pode garantir que o morto de Iquique e o de Ojos del Salado fossem o único e mesmo defunto? Se os criminosos — ladrões e assassinos — costumam freqüentemente adotar nomes diversos ou usar os nomes de outras pessoas — por que não admitir que suas vítimas também façam o mesmo?

Afinal, os mortos não falam, e é bem provável que os assassinos tenham feito habilmente as coisas, atribuindo aos dois assassinados — ao segundo pelo menos — o nome do boliviano, quem sabe com que propósito.

De resto, não sou juiz nem polícia — são duas humilhações de que Deus me poupou — nem mesmo detetive amador. O que me resta, pois, é lamentar como Pérez-Román, a morte de nosso velho companheiro de certas noites de Cordoba, e sepultar mais

uma vez no esquecimento o nome de Nicanor Bernal Gómez e a complicada história de suas duas mortes.

Foi o que fiz.

E afinal, o que pretendo escrever aqui não é a história de Nicanor, mesmo porque se me seduzissem as biografias, eu começaria, sem dúvida, pela de Nicodemos Faria, ou pela de meu parente José Mourão, bandoleiro famanaz e capitão da Renascença em pleno sertão do Ceará. Depois escreveria a de Edgard, morto como peru de festa na noite de Ano Bom, a de Clarice, sangrada a punhal no cabaret de Mimosa, em Campina Grande, além de muitas outras, mais violentas e mais fáceis de contar, pois se trata de pessoas que só morreram uma vez, como Pedro Simão Bar-Jonas, em Ipueiras, em espantoso duelo à faca com um cabra da Parnaíba, no alto duns carros de carga do trem da Estrada de Ferro de Sobral, entre Nova-Russas e Crateús. Sou bom lembrador de mortes, e mesmo chegando ao capítulo dos Nicanor, daria certamente preferência a outros deste nome, começando por Nicanor Bezerra, foragido, não se sabe porque, da capital da Paraíba, aparecido tempos depois como rei dos baralhos em antros de Maceió e transformado mais tarde em líder político na praça do Recife. Ou de Nicanor Parra, poeta e cantador do país do Chile, que ainda não morreu nem uma vez e que até podia fornecer-me pessoalmente preciosos subsídios de sua história. E sobretudo de meu amigo Bráulio Guimarães, natural de Quebrângulo, hóspede durante cinqüenta anos de uma garrafa de whisky em Copacabana, e de cujas inolvidáveis memórias, além de Flávio Brito e Luís Poliano, sou eu mesmo profundo conhecedor. E se quisesse tratar de mortes inexplicáveis, antes de ocupar-me com a de D. Nicanor Bernal Gómez, deveres mais altos me levariam a investigar a de meu amigo Luís Maranhão, cuja vida limpa, clara, generosa e santa, terminou misteriosamente nos porões de tortura de algum cárcere militar, só Deus sabe como.

Mas não estou aqui para biografias, e esta não é a história de nenhum Nicanor, mas uma nota de minhas investigações sobre os toponímicos que evocam o culto da água e do fogo na América bárbara e na América Latina, desde Itajubá até Água Santa. Minhas pesquisas neste terreno me levaram a comer muito chão e a descobrir novos encantos na nomenclatura dos lugares do mundo.

Montado na vassoura mágica dessas pesquisas fui parar, da vila de Cotovelo do Diabo aos *salares* de Antofagasta e Tarapacá. Passei ali por Lomas Saladas, andei em Conas Perdidas, onde me

lembrei de Abdias e Efraim, estive uma semana com febres terçãs em Pozos del Perdido, atrás de uma herança de meu tio Antônio Ribeiro. Dali me levaram no lombo de uma lhama troteira ao posto médico de um gastro-enterólogo equatoriano, chamado Doutor Mosquera, exilado em Caleta del Duende, norte do Chile, e depois foragido por motivos obscuros para o Território de Rondônia, onde Jerônimo Santana o acolheu. Um dia ainda conto a história desse Jerônimo Santana, que sempre andava apoiado numa bengala preta, sem necessidade, como também sem necessidade chamava o Doutor Mosquera para consultas domiciliares, para encontrar uma maneira elegante de dar-lhe toda semana o dinheiro com que comprava os cigarros e pagava a pensão da *chola* Mariana. Mas isto é outra história.

O certo é que uma noite, do retém de carabineiros, já não me lembro se de Punta del Orco ou de Mal Paso, trouxeram-me letras de meu amigo panamenho, o poeta Edi Simons. A carta era muito atrasada, vinha do interior do país, da província de Boca del Toro, onde seu pai, um médico indu, plantava bananas e curava os índios na selva do Panamá. Contava o poeta que seu pai havia sido chamado a uma aldeia do pantanal para tirar cinco balas do pulmão de um velho pendencieiro abatido numa rixa. Tirou as balas, mas o velho morreu.

— Imagine quem era — concluía a carta. — Nada menos que nosso antigo companheiro do "bajo" de Buenos Aires, na noite em que quebramos os copos — Nicanor Bernal Gómez.

Era demais. Pois, quando o acreditava definitivamente esquecido, voltava ele a visitar-me, morto pela terceira vez.

Reli a carta de Edi, evoquei a noite em que quebramos os copos — é uma longa história que contarei da próxima vez — e as coisas continuaram ainda mais obscuras e complicadas do que antes, ainda mais com a notícia de Raul, que me pedia o endereço de D. Nicanor, para cobrar-lhe a um tratamento psicanalítico que fizera em sua amante, e a de Napoleão, que publicara num jornal de São Paulo o anúncio de uma piedosa missa de sétimo dia pela alma do boliviano. Sem falar num bilhete de Pato Kaulen, que insistia em que eu o localizasse, pois pretendia fazer um filme sobre sua vida.

De repente me acudiu à lembrança — mais ao pressentimento que à lembrança — que a terceira morte de D. Nicanor talvez não fosse exatamente a terceira.

Pois na aventura que seguiu à noite dos copos quebrados — ainda a contarei — a mulher de vermelho, empalidecida e petrificada ao avistar o velho, exclamou-lhe:

— Mais tu n'es donc mort, ce soir d'avril au port, à Paramaribo?

Lembro-me de que tomamos o assunto como uma burla ou equívoco, e nos divertimos a noite inteira, até à hora dos copos quebrados, quando chegaram os gendarmes, chamando D. Nicanor de "le mort de Paramaribo".

Mas já me atrapalham suficientemente as três mortes do boliviano de que tomei conhecimento, para ocupar-me de uma quarta anterior, ou de uma quinta, pois, agora me lembro perfeitamente, também no encontro de Córdoba, Pérez-Román se referia a um hervateiro paraguaio que jurava haver acompanhado o enterro de Nicanor Bernal Gómez, alguns anos atrás, em Corumbá, Mato Grosso, onde o haviam abatido a mosquetão na travessia do rio, numa canoa suspeita. E o escultor Cláudio Girola tinha uma vaga idéia de uma senhora, trazida ao seu atelier por um inglês misterioso, um certo Jonathan Boulting, por indicação de Pancho Mendez ou de Alberto Cruz, talvez de Fabio Cruz ou de Arturo Baeza, para o projeto de um cenotáfio a um boliviano cujo nome não quiseram declinar.

Mas essas são apenas histórias vagas de morte por ouvir dizer, e não as posso incluir em minhas preocupações com as mortes verdadeiras do boliviano. E digo preocupações, porque, na verdade, Nicanor se inseriu profundamente em minha memória, por cujos aposentos passou a penar, dia e noite, de maneira incessante. Fiz tudo o que se costuma fazer por almas penadas: mandei celebrar uma gregoriana de missas pelo Padre Arimatéia na capela de Cascavel, Ceará, imolei um galo preto, em noite de sexta-feira, no terreiro do babalaô Clarival, entre Caxias e São João de Meriti, estrangulei nos dentes um galo branco no pegi da velha Damásia, Ladeira do Mamão, em Salvador, e depois de borrifar-me o rosto com seu sangue, fiz com ele sete cruzes na roda de São Jorge. A conselho de Sebastião Rodrigues Alves, grande iniciado nos ritos de Umbanda, ofereci aos orixás benevolentes e aos exús de malasartes das encruzilhadas garrafas de marafa, charutos finos de Maragogipe e charutos grossos e violentos de Arapiraca, seguindo com rigor as instruções de meu amigo Expedito Bina, respeitado sabedor de espíritos e magias.

Os padres aviavam minhas missas, os deuses velhacos comiam meus galos com farofa e molho pardo, bebiam as cachaças, fumavam os charutos, mas a alma de Nicanor continuava a penar em minha memória. Era uma ronda terrível. Porque, morto três vezes, o velho tinha três fantasmas que se ocultavam simultaneamente de mim.

Como se tratava de um fantasma tríplice, trilocava-se diabolicamente com enorme facilidade, perseguindo-me onde eu pudesse estar, em pessoa ou em pensamento, e sujeitando-me, às vezes, a situações embaraçosas.

Houve um tempo, por exemplo, em que eu tinha uma amante rumena instalada num pequeno apartamento da rua Silveira Martins, no Rio de Janeiro. Pois um dos fantasmas de D. Nicanor a visitava, à mesma hora em que outro fantasma se comunicava com minha mulher, e o terceiro comigo, dando a mim e cada uma das mulheres um recado para um encontro. Quando eu menos pensava, lá estávamos os três, na mesma porta de um restaurante em Copacabana — Isabella, Mylène e eu. Podia ser divertido para Nicanor. Não para mim, que, completamente inocente, acabava sozinho e confuso na esquina, enquanto as duas mulheres, depois de me fulminarem com os olhos, se fulminavam mutuamente, davam meia-volta e desapareciam furiosas.

Para fugir do fantasma de Nicanor, voltei às minhas investigações toponímicas, que me levaram às fronteiras do Chile com o Peru. Encontrava-me um dia em Arica, vindo de Tacna, a pedido de meu amigo, o arqueólogo argentino Júlio Cáceres, que desejava consultar-me sobre certo tipo de pano incrivelmente parecido à seda, encontrado em suas excavações na região dos diaguitas, vestindo a múmia de um guerreiro preincaico desenterrado por ele, entre relíquias muito mais recentes, de autóctones do século 14 ou 15.

Examinei os panos e a múmia. Não eram de Nicanor Bernal Gómez, sobre quem, de resto, nunca falara com Julio Cáceres. O arqueólogo argentino, aliás, não tem nada a ver com esta história, e entra nela apenas porque foi em companhia dele, no bar da Hosteria de Arica, que me encontrei com D. Alfredo Prudencio e D. Roberto Gutierrez. Eram ambos bolivianos. Prudencio, à época professor de Astronomia no Chile, fora Senador em La Paz e Gutierrez exercera a Embaixada de seu país no Rio e em Santiago do Chile. Estavam os dois, como eu, comendo o amargo pão do exílio, vítimas das ditaduras da Bolívia e do Brasil.

Nicanor Bernal Gómez era boliviano como eles, é certo, mas, como se tratava de indivíduo de outra extração social e de vida duvidosa, era lógico que nem Prudencio nem Gutierrez o conhecessem.

famos os três pelas ruas de Arica e entravamos no pitoresco mercado do beco de Sangra, onde se vende a pacotilha do "duty free" e do contrabando internacional de três continentes, quando um comerciante boliviano nos deteve, para conversar como os homes ilustres de seu país.

Quase ao despedir-se, o comerciante ofereceu seus préstimos a D. Roberto e a D. Alfredo, convidando-os, inclusive, para uma noitada alegre do outro lado da fronteira, no Peru, no cabaret de Tacna, onde uma bailarina limenha e duas de Arequipa faziam furor entre *cholas* bolivianas prostituídas aos doze anos. Prudencio e Gutierrez eram homens pudentes e austeros. Não aceitaram.

Eu aceitei. Afinal de contas, pudente e austero em minha casa e em meu país, ninguém me pode exigir um comportamento de cônego da sé na cálida madrugada peruana, entre Arica e Tacna.

Meus amigos bolivianos me advertiram de que era melhor não ir, pois o cabaret parecia mal afamado, freqüentado por contrabandistas e traficantes de toda laia, tão eficientes no copo de pisco como no gatilho do revólver ou no *cuchillo* matador. Mas fui assim mesmo.

Ajeitei na cintura o coldre do 38, meti no bolso uma carga de balas sobressalentes e por volta de meia-noite estávamos em frente à "Polla de Plata" — o cabaret de Tacna, a cuja porta, sob o gás neon, sorriam, em sua farda de leão-de-chácara o negro Sebastián, e em seu biquini escasso o retrato de Mercedes Garcez.

À meia-luz da sala, a fumaça dos cigarros era tão grossa no ar, que se podia encher com ela os copos de cerveja esvaziados às dúzias pelas *cholas* sedentas. Um argentino de cabelo emplastrado de brilhantina e bigode aparado, rasgava o bandoneon com seus tangos implacáveis. Depois, foi o número de Mercedes Garcez, que realmente era um espetáculo de dança: — a provocação lasciva e permanente das ancas, do umbigo, dos olhos fulgurantes, tornava-se ainda mais perturbadora, pelo contraste com certo ar de aristocrática distinção que lhe compunha a figura. Especialmente o rosto, erguido sobre a elegância de um pescoço longo de serpente em pé — fazia lembrar o de Mylène — e as pernas linheiras e nuas sobre os tornozelos firmes, como as pernas de Luciana, de égua adolescente.

Pouco depois de terminado seu número, a peruana estava em minha mesa. Isto custou duzentos soles, espichados ao garçon para o serviço especial.

Na verdade, não cheguei a fazer nenhum progresso substancial com a peruana, a não ser uma vaga carícia com os dedos em sua nuca. Isto, porque o dono do cabaret, depois de mandá-la chamar para um assunto de urgência, enviou-me um recado pelo garçon, convidando-me para um trago numa sala de fundos, reservada aos clientes especiais.

Lisongeado pela cortesia, atendi ao convite, que me abria melhores perspectivas para o encontro com Mercedes Garcez.

O reservado era um aposento ainda mais escuro do que o salão do cabaret, e mal distingui as feições do homem, que me pareceu idoso, mas era surpreendentemente corpulento e rijo, e que me ofereceu a cadeira e o pisco.

Interrompeu quase o cumprimento do primeiro trago, para perguntar com voz mansa e firme:

— Por que entregou a encomenda à peruana?

— Que encomenda?

Riu com sarcasmo:

— Não adianta disfarçar, cavalheiro — a encomenda. A encomenda da Bolívia.

E diante de meu espanto, resolveu encerrar o assunto:

— A cocaína, *pues*. A cocaína mandada por Fuenzalida.

Ia dando uma gargalhada, quando senti espetada nas costelas a ponta de um punhal. De um salto rápido pulei para o outro lado da mesa e mal tive tempo de escamotear o corpo, numa finta ligeira, quando o *cuchillo matador*, lançado com atrevida perícia, me raspou zunindo pelo braço e foi fincar-se na porta fechada. Só então me dei conta de que não tinha saída. O homem trancara a porta. Mais duas ou três escaramuças na semi-escuridão, milagrosamente desviei a cabeça de um pesado banco de madeira que se espatifou na parede, e não hesitei mais quando ouvi o clic de uma pistola engatilhada. Cai deitado no assoalho, e foram simultâneos os dois tiros. Ouvi o grito e o baque do corpo. Espero não ferir a sensibilidade de Isabella com este detalhe, mas sempre fiz questão de viver na lei de meu pai. Segundo ele, ou não se dá tiro, ou se descarrega de uma vez o tambor inteiro do revólver. Depois, o seguro morreu de velho: — plantei as seis balas do 38 nos peitos do indivíduo, e só então acendi as luzes para olhá-lo de perto. Estava morto, e um fio de sangue que descia da boca se perdia no lago vermelho formado sobre o peito e alastrado pelo chão.

Enfiei a mão no bolso de seu paletó, para ver-lhe os documentos de identidade. O velho tinha três carteiras com o mesmo nome: uma da Bolívia, outra do Chile, outra do Peru. Era uma bela figura de macho, um homem idoso, sem dúvida, poderia ter 60 ou 70 anos, mas aparentava o vigor dos cinqüenta, e ainda depois de morto um fulgor de aventura lhe brilhava nos olhos estatelados.

Aproximei as carteiras da luz para ver-lhe o nome. Voltei a fechá-las, e, ao guardá-las no bolso, tive de súbito uma idéia para salvar-me da polícia: — enfiei no bolso do morto meu próprio documento de identidade.

E foi assim que fui dado por morto na rápida averiguação dos carabineiros de Tacna. Morto, cabaretier, traficante de cocaína e assassinado.

E foi assim também que nunca mais se soube de nenhuma nova morte de meu velho amigo Nicanor Bernal Gómez. Porque as três carteiras que retirei do bolso do morto, eram dele.

Santiago, 1966

a Sebastião Nery

NÃO HÁ DEUS

"Christianus sum, non academicus"
— Guillaume de Conches —
(séculos 11 *e* 12*)*

1º tempo — *Adágio*

Foi no alpendre da bela casa sertaneja de seu pai, o Coronel Salustiano, em Palmeira dos Índios, que Dionísio mandou chamar o caboclo Amarolino, que queria rever o Senador. Vaqueiro hoje do Coronel Salustiano, era natural de Palmares, em Pernambuco, nascido e criado no bagaço da cana do engenho copeiro do Coronel Carvalhinho, pai do Senador. Conhecera-o menino, ainda sem penugem no beiço, pegara com ele muito preá de gangorra e juntos chumbavam a juriti nas vazantes, com a espingarda passarinheira de cabo de guarda-sol, comprada à feira de Palmares com os cinco mil réis dados por Dona Francisquinha.

Afeiçoado à família, quando o Coronel vendeu o Engenho — aquilo não parecia mais o Santo Antônio — botou-se pras Águas Belas, onde passou a viver encostado no Padre Nelson, até à morte do Santo Vigário. Santo, sim — tirava o chapéu de couro — porque abaixo de Deus e do Padre Cícero, não havia outro mais querido e mais sabedor em todo o sertão do Nordeste, das Alagoas ao Ceará. E quando via outros chegarem a bispo, como aquele vi-

gário gordo do Exú, enquanto o Padre Nelson continuava na freguesia das Águas Belas, pregando desobriga no Iati, agüentando o lombo do cavalo e o carrancismo de seu Audálio, balançava a cabeça, decepcionado:

— Qual, não há Deus, compadre!

Se o Vigário em vez de dar pra batina, tivesse dado pra doutor, como o irmão, a esta hora seria como ele, Ministro e Senador — e olhe não estivesse no Palácio das Princesas, onde até alguns cabras de peia já chegaram a sentar o rabo.

Queria saber notícia de tudo e de todos, de Dona Francisquinha e de Dona Lucinha, que aquela, então, se não tivesse saído mulher fêmea, acabava era no grande também — bispo ou deputado, talvez senhor de Engenho ou fazendeiro de gado fino, como o Coronel Salustiano, que também era madeira de lei. Não era àtoa que o Doutor Dionísio estava brilhando na Câmara. E abrissem o olho, que ainda ia parar nos Martírios, onde, desde o Doutor Silvestre, macho com penca de três, e o Doutor Muniz, amigo da gente, estava era faltando homem.

Queria abraçar o Senador. Iam ver se ele se lembrava ou não do caboclo Amarolino, só no jeito de enrolar o cigarro e pedir a bênção aos grandes da casa. Queria ver o genro do Senador e a obrigação dele, pois sabia que a mulher já dera dois filhos machos ao marido — a raça do Coronel Carvalhinho tinha era a mão boa, fazedeira de macho.

Se ia reconhecer o Senador? Passassem cem anos! A cara deles tinha marca de fábrica. Pois vira de longe dois meninos de olho arregalado e já sabia que eram os netos do Senador e que eram capazes de ir mais longe do que o avô e do que o pai, bastava olhar para a testa deles, que gente com aquela raça de testa tem é sustança de memória.

Se um menino destes não acabar Vigário do Juazeiro — ou, pelo menos, Papa de Roma ou Presidente da República — então é porque não há Deus.

O Senador já me falara de Amarolino num daqueles amoráveis serões em que recordava, com seu privilegiado espírito, seu fino dizer e seu sotaque pernambucano, as coisas do Nordeste que sabia e conhecia como ninguém.

A qualquer acontecimento que parecia contrariar seus sentimentos de boa fé e reta justiça, o caboclo balançava a cabeça:

— Qual, não há Deus!

Maria das Dores, menina bonita e de família, se casara com um cabra cachaceiro e imprestável de Serra Talhada e acabara

na zona de Caruaru, com doença do mundo, enquanto uma sarará ordinária como Maria Inês corneava com Deus e o mundo o homem que a sustentava e era até recebida nas casas de respeito, — Amarolino balançava a cabeça:

— Qual, não há Deus!

Cascavel picava no mato e matava uma vaca de raça, de vinte litros de leite por dia, e a velha turina que só tinha o couro para vender espichado, continuava fagueira comendo o colonião:

— Qual, não há Deus!

O Padre Nelson preparava uma procissão de estrondo para receber o Senhor Bispo, na hora caía o pé-d'água:

— Qual, não há Deus!

O Doutor Silvestre perdia a eleição de Governo, não se elegia um homem como o Doutor Ari, findava nos Martírios um candidato que não era de seu agrado:

— Qual, não há Deus!

Pois Amarolino não entendia Deus — explicava o Senador — senão presente com sua justiça e sua misericórdia ao destino das coisas, dos animais, das pessoas e dos lugares. Era um místico *"à l'état sauvage"*, como diria Claudel, se o tivesse conhecido. Pois Deus devia intervir no casamento de Das Dores, na vida da vaca leiteira, na procissão do Padre Nelson e na política de Alagoas e Pernambuco.

O Senador se lembrava, pois, de Amarolino muito mais do que ele pudera imaginar. E não era apenas para ser pitoresco, talvez, que às vezes ele mesmo balançava a cabeça, nesses momentos em que a perplexidade, como a fria lâmina de um punhal, nos atravessa o espírito, a consciência, o coração — os mais invioláveis territórios da fé — para repetir a frase lapidar do caboclo de seu engenho.

Quando soube, por exemplo, que um beleguim demente e um deputado falastrão, enfatuado e sem honra, que não mereciam desatar o sapato de seu genro, tentaram atingir a reputação do rapaz, balançou também a cabeça como o velho Amarolino, e murmurou baixinho:

— Qual, não há Deus!

Desta forma, o encontro foi mais cordial e afetuoso, embevecido o vaqueiro ao efusivo abraço do Senador, dado com o mesmo afeto e a mesma naturalidade dos tempos em que passarinhavam à espingarda ou armavam arapucas na várzea do Santo Antônio.

A única tristeza de Amarolino foi saber que, enquanto uma peste como o Raposo continuava vivo, Leonardo, o Coronel Carvalhinho e o menino — na flor da idade — haviam morrido.

Com o chapéu de couro na mão, derriou no ombro o gibão de vaqueta e balançou a cabeça sobre o peitoral acamurçado:

— Qual, não há Deus!

Depois, subitamente alegrado em descascar a cana caiana e partir o coco para os meninos, brandindo no ar seu grande facão mateiro de Campina Grande, exclamou, apontando-lhe os netos:

— Mas Senador, os meninos estão aí!

Na sua rude teologia há de ter passado, como vi na sombra dos olhos do Senador, uma vaga noção do triunfo do homem sobre a morte, do mistério da ressurreição da carne, que se prefigura na vida de nossos filhos e dos filhos de nossos filhos, nos quais continuamos a viver em corpo e alma, ainda depois da sepultura. E só por causa deles, graças a esta certeza, conseguimos aceitar sem desespero, e até com doçura e segurança, a hora da morte. Doçura e segurança tanto mais intensas, quanto melhor saibamos que neles há de ser segura e doce a vida que de nós recolhem, para também a transmitirem, de geração em geração, até o fim dos tempos.

Só os que não podem ter essa consoladora certeza, estão expostos ao desespero da morte. Os outros sabem que não morrem e que continuarão a viver no sangue das veias, podendo até dispor que a vida lhes venha a ser, dia a dia, mais feliz e mais perfeita.

Em sua selvagem doxologia de sertanejo, Amarolino tratava com a vida em suas próprias fontes. Manipulava as matérias-primas da vida, em seu mundo primitivo.

E o Senador, profundo sabedor de sua terra, terá talvez aprendido, naquela clara manhã alagoana, no alpendre da casa do Coronel Salustiano, entre a tapioca e a carne de sol, mais uma lição de seu velho amigo de infância.

Pois desapareceram de seus olhos a sagacidade estudada da velha raposa política e o refinamento elegante e cultivado de homem do mundo, para tremer-lhe na pupila, como através de uma névoa matinal, um clarão de pureza ao ouvir o caboclo:

— Mas Senador, os meninos estão aí!

E havia um tom diferente em sua voz, como se de repente reconquistasse a inocência, a liberdade e a paz, quando, ao terminar o doce de caju, tentando mudar de assunto, mas não o conseguindo, perguntou à filha:

— Minha filha, os meninos estão aí?

2º tempo — *Andante religioso*

Esta, porém, não é a história do deputado Dionísio, nem do Coronel Salustiano, nem do Senador.

Não é também a história de Amarolino, para a qual se precisariam, além de novos subsídios do Senador, informações de Paulo, Jarmelino, Benedito, Expedito, Luiz Bina, Sebastião e muitos outros, inclusive Abelardo em São Miguel dos Campos e Evanir e Claudionor em Arapiraca.

Isto, porém, não importa, no caso. O que importa é deixar bem claro que esta não é a história de nenhuma daquelas pessoas acima referidas, nem de Amarolino.

É a história de Pepe Vial, ou, pelo menos, uma das muitas histórias que se poderiam contar de Pepe Vial.

Meu amigo Pepe Vial — José Vial Armstrong — era arquiteto. Mais exatamente: professor na Escola de Arquitetura de uma Universidade do Chile. Era chileno.

Na verdade, pois, não exercia a profissão de arquiteto. Ensinava-a. Embora excelente professor, segundo o testemunho de Tito, Alberto, Baeza, Cláudio e Fábio, também não se pode dizer que ocupasse a cátedra como profissão. Pois era tão senhor da doutrina e da arte, que as distribuía aos alunos com a facilidade e a sabedoria de um diálogo platônico, em que a palavra exata e a desenhada frase não lhe custavam mais trabalho do que o sopro nos lábios.

De forma que não se podia falar de profissão, que é o castigo do Gênesis, o que se faz com labor e cansaço e custa o suor da fronte. E a arquitetura e as lições de Pepe não lhe custavam à face qualquer suor, rendendo-lhe antes um sorriso ao rosto sereno.

Uma coisa, porém lhe custava suor ao rosto: — sua ocupação com a teologia. Esta seria, pois, sua verdadeira profissão. Pois Pepe Vial era teólogo de ofício e vocação, embora não fosse ministro de qualquer culto, apesar de Alberto lhe descobrir às vezes certo ar de pastor alemão da Igreja luterana. Trata-se, porém, de uma burla maliciosa de Alberto, pois, não fosse a calvície precoce que lhe começava a devastar a cabeça, meu amigo Pepe Vial passaria perfeitamente por um galã de cinema, ao estilo um pouco *démodé,* é claro, mas aristocrático e simpático, de Charles Boyer, por exemplo.

Arquiteto, professor ou teólogo, o certo é que veio ao meu encontro no Rio, onde pretendia, sob o patrocínio do Ministério da Educação, fazer o roteiro do barroco mineiro, especialmente Ouro Preto, Congonhas, Mariana e Sabará.

Chegado ao Rio, porém, já fatigado desse monopólio das cidades de Minas tanto sobre os visitantes de bom gosto como sobre os turistas americanos, resolvi levá-lo primeiro às igrejas mais líricas do Brasil, no Recife, em Penedo, na Paraíba, passando pela torre azulejada dos Martírios, em Maceió, o colonial severo e pobre do Ceará, voltando pela orgia do barroco baiano.

Desta forma, as igrejas de Minas Gerais, já gastas pelo lugar-comum de todos os turistas, não viram os olhos lúcidos com que Pepe Vial as teria mensurado e amado. E o resultado é que não viu igreja nenhuma, também no norte, lançando apenas um olhar sonolento às de Goiana, onde o atraíram mais os pregões da pamonha e do guaiamum e a viola dos cegos da feira.

Pois o fato é que, chegados ao Recife, levei-o primeiro a descansar dois ou três dias no coqueiral da Catuama, onde o Senador possui uma propriedade à beira do verde mar do Nordeste.

Habituado ao negro mar do Pacífico que se arrebenta nos rochedos de Valparaíso e nas caletas de Viña del Mar, meu amigo entorpeceu os músculos nas areias claras e os olhos na água verde, torrou o rosto e os rins no sol do trópico e adulou o paladar com a água de coco, a pinha, o caju e o memorável abacaxi de Pernambuco. E cevou a indolência nas famosas aguardentes de cabeça, de Morenos, ou de Vitória de Santo Antão, com as quais ia substituindo, viciosamente, seus vinhos chilenos de Santa Rita ou Santa Carolina.

Foi-se deixando ficar na praia, nas delícias de Catuama, cochilando a sesta nas cheirosas redes do Aracati. De forma que achou mais sábio e mais repousante não ver igreja nenhuma.

Do barroco do nordeste viu o principal — as ancas e os seios das mulatas, os doces pernambucanos da mesa do Senador, o passo do frevo e o pastoril no terreiro. De arquitetura não anotou outra linha que a das avoantes no espaço e a dos coqueiros esgalgos entre o azul diáfano do céu e as areias alvas. E era quanto bastava.

Pepe Vial já conhecia Amarolino pelas conversas do Senador, quando o vaqueiro nos apareceu à casa, à boca da noite, trazido por um compadre de Igaraçu, que tivera negócios com ele e com Acilino Brito, quando levava uma boiada de Biró, das Vertentes para a Paraíba.

Começou a surpreender-se com o caboclo, só de vê-lo todo encourado da cabeça aos pés, o barbicacho do chapeirão de dois bicos, à cangaceira, cozido na mandíbula quadrada.

A surpresa de Amarolino não foi menor — nunca vira um estrangeiro em sua vida. Perguntou se o estrangeiro era paulista. Ouviu, respeitosamente, mas um pouco incrédulo, minha informação de que São Paulo não era estrangeiro, era Brasil. Mas parece

só haver ficado mais ou menos tranqüilo a este respeito, quando a autoridade onisciente do Senador confirmou minha informação.

De qualquer forma, com aquela boa intuição sertaneja, simpatizou muito com Pepe Vial, fez-lhe um cigarro de palha, mostrando polidamente como devia lamber, inteirou-se do Chile, ficou assombrado ao ouvir que era mais longe do que a Bahia, não acreditou muito, pôs suas dúvidas sobre a altura da Cordilheira dos Andes, achou difícil que fosse mais alta que a Borborema ou a Ibiapaba, onde já andara atrás de um boi ensebado, quis saber dos vaqueiros chilenos e depois da tradução que lhe fiz, achou que era uma nação de gente muito importante e boa.

Mas o que mais o espantou foi saber que nem o povo do Chile nem o próprio Pepe Vial sabia falar a língua da gente, como os índios de Águas Belas. Pareceu-lhe uma injustiça que gente tão considerada, a tirar pelo doutor, que era amigo do Senador, não soubesse falar direito como nós.

Tirou o chapéu e balançou a cabeça:

— Qual, não há Deus!

Depois deste fulminante juízo histórico contra o castigo iníquo da torre de Babel, cuspiu a cachaça e balançou a cabeça, repetindo:

— Qual, não há Deus!

E quando chegou o Major Oséas, para dizer que certo político de Coruripe, muito conhecido como velhaco, teria ganho a sorte grande da loteria de Natal, da qual um homem como o Senador também havia comprado um bilhete, tragou forte o arapiraca negro e sacudiu de novo a cabeça:

— Qual, não há Deus!

E ia por aí afora, na amarga conclusão que não chegava a ser uma invectiva, muito menos uma blasfêmia, nem mesmo uma convicção. Talvez um desabafo que se poderia, de certo, traduzir no inverso da fórmula pascaliana. Pois a razão às vezes chega ao coração sem que o coração a conheça. E isto é tanto mais certo quanto é fora de dúvida que Amarolino acreditava em Deus e tinha um refinado sentimento de todos os seus atributos, especialmente de sua onipotência. Seu lastimado refrão devia, assim, ser entendido como a confissão de sua perplexidade diante dos mistérios da insondável, incompreensível justiça divina. E até como uma permanente, incansável esperança de que a balança divina um dia funcionasse claramente, acessível à nossa própria sede de justiça.

Pepe Vial, que sabia perfeitamente mensurar e ponderar as coisas, não via, como eu, nenhuma gravidade no pitoresco refrão de Amarolino, que lhe parecia uma *trouvaille* deliciosa, e que passou a repetir a toda hora, sempre que vinha a propósito, como no dia

em que um telegrama de Arturo lhe interrompeu inesperadamente as férias na Catuama, para tratar de problemas surgidos na Universidade.

Queimado pelo sol nordestino, na escada do avião que o levava de seus benditos ócios naquela clara manhã dos Guararapes, a última frase que lhe ouvi, me acenando de longe, foi esta:

— Qual, não há Deus!

Chegado ao Chile, a frase admirável do caboclo Amarolino não lhe saía da memória. Sublinhava com ela, e com grande justeza e precisão, todos os pequenos contratempos e decepções da rotina diária, como aquela de cruzar a rua para não encontrar um tipo que lhe resultava insuportavelmente desagradável e ao entrar no trem ver o indivíduo sentar-se exatamente ao seu lado, impedindo-lhe a leitura e aborrecendo-o com a conversa e os perdigotos de Viña del Mar a Santiago.

De Viña a Santiago foi pensando como o vaqueiro:

— Qual, não há Deus!

Ou aquela noite, no Cassino, quando perseguiu o 33 a noite inteira, e a única vez que deixou de jogar, saiu o 33:

— Qual, não há Deus!

A princípio, a frase lhe parecia apenas pitoresca. Longe de vê-la invadir o sólido terreno das convicções religiosas e das colocações teológicas em que se ocupava, começou, entretanto, a achá-la de uma exatidão exemplar como solução a certas pequenas contrariedades. Tão correta, que inventou, para resumi-la, a limpidez de uma fórmula algébrica:

$$(-b + a) \times (-a + b) = -ab = o$$

Não sei se era rigorosamente esta a fórmula, mas sei que ele a encontrou.

Depois, levou cerca de dois meses preparando-se para tomar parte num ato poético que o grupo de seus amigos projetava realizar na praia de Horcón, onde Godo leria um poema e Cláudio plantaria uma escultura no mar. Pois no dia caiu com uma dessas gripes fulminantes que não o deixou sair de casa. Foram todos, inclusive Teresa com as crianças, e ele ficou sozinho em sua pequena sala no alto do Cerro Castillo, ruminando da manhã à noite a sabedoria de Amarolino:

— Qual, não há Deus!

Dizia em português e repetia em espanhol:

— No hay Dios!

Não se sentava ao piano. Costumava tocar de pé, às vezes mesmo trechos longos de suas melodias preferidas.

Aquele dia, surpreendeu-se improvisando ao piano uma frase melódica que repetia incessantemente, como uma fuga de João Sebastião Bach ou um cânon de Scarlatti:

fá — sol — fá...

De repente se deu conta de que era a transposição musical da sentença de Amarolino.

Repetiu cem vezes:

fá — sol — fá...

O demônio, que escolheu uma rapariga para tentar São Martiniano, o perfume para dominar Santa Teresa de Ávila e a gramática para corromper São Jerônimo, parecia escolher a música para destilar-lhe no sangue o veneno do amargo refrão de Amarolino:

fá — sol — fá...

Pela primeira vez na vida, Pepe Vial, José Vial Armstrong, católico pela fé, teólogo pela profissão, teve a impressão de que um desses *"temblores de tierra"* que abalam tão freqüentemente no Chile as paredes das casas, estaria abalando, de súbito, as muralhas de sua alma:

fá — sol — fá...

E se Deus não existisse mesmo?

Fechou de um golpe o piano, como se quisesse prender dentro de sua caixa aquela idéia insensata.

Recordou a pena que lhe causara a rutura religiosa de Luís e de Gustavo, para quem Deus existira, é verdade, mas não existia mais. Era um personagem histórico, morto há muito tempo.

Lembrou-se do *bon mot* da Condessa de Noailles a Jean Cocteau, repentinametne convertido, e que viera contar-lhe haver, afinal, descoberto que Deus existe:

— "Não é possível, *mon cher,* pois eu seria a primeira pessoa a ser informada em Paris."

Não. Deus não havia morrido, como pretendiam Gustavo e Luís. Tinha tão boas relações com ele, que seria dos primeiros a ser avisado.

Encheu o copo de vinho, procurou um cigarro no bolso, o maço estava vazio, não havia ninguém em casa para ir comprar um e maquinalmente descarregou no desabafo já crônico sua legítima necessidade de pelo menos fumar naquela solidão:

— Qual, não há Deus!

E repetiu em espanhol:

—No hay Dios!

Esqueceu-se de que havia aprisionado o mau pensamento na caixa do piano, abriu-lhe a tampa, mas, em vez daquele compasso da Klavier Sonate, de Beethoven, opus 27, que pretendia trautear, o que lhe saiu foi a frase que improvisara:

fá — sol — fá...

Insensivelmente deleitou-se durante vários minutos na variação da fuga e quando se deu conta, sem querer, estava cantarolando a letra:

— Não há Deus...

— Não há Deus...

Cerrou de novo, rapidamente, o piano, desta vez trancou a fechadura e meteu a chave no bolso. Passou a andar na sala, para lá e para cá, como sempre fazia quando tinha alguma preocupação, achou pesada e longa a solidão da jornada, era melhor que Teresa tivesse ficado, mas ele mesmo é que insistira para que fosse. Era o dia em que seu irmão Alberto costumava vir passar algumas horas com ele, mas, para cúmulo, àquela tarde não aparecera. Teve uma sensação de abandono, sentiu a garganta irritada com o resfriado, procurou a bufanda de vicunha amarela em que gostava de abrigar o pescoço, mas lembrou-se de que até isto Teresa levara. E ainda que por simples hábito, diante de tanta contrariedade, balançou a cabeça como Amarolino:

— Qual, não há Deus!

Ia repetindo em espanhol:

— no hay... — mas se deteve a tempo e recitou a palavra do Salmo: "Diz o insensato no seu coração: — não há Deus".

"Com todos os diabos!" — praguejou — e só depois se deu conta de que havia praguejado justamente depois do Salmo, mas vá lá, com verdadeira raiva de Amarolino. E pensou, como bom chileno, homem de clima frio e meio-sangue anglo-saxônico, que nunca se vai ao trópico impunemente. Volta-se sempre com uma doença, uma infecção, uma alteração qualquer, no corpo ou no espírito. Ou se contrai a malária ou o barroco, a indolência ou a libidinagem ou, pelo menos, a obsessão das mestiças de pele dourada, quando não se é picado por um mosquito maligno ou uma serpente venenosa.

Que tinha ido fazer ao Brasil? Praia por praia, não precisava ter ido a Catuama, bastava-lhe a praia de Concon, ali a minutos de Viña del Mar. E Senador por Senador, tanto fazia o Senador Barros daqui, como o Senador Barros de lá, com a vantagem de que o daqui estava à mão, a dois passos de sua casa, no caminho de Reñaca. Depois, nem vira as igrejas de Minas, nem as da Bahia. Que diabo fora fazer ao Brasil? Apenas encontrara um va-

queiro ignorante, de fala melíflua, que lhe instilara na vida tranqüila o veneno da inquietação, quem sabe da impiedade e da apostasia?

Amaldiçoou a figura de Amarolino, com seu gibão de vaqueta e seu chapéu-de-couro de barbicacho cosido na mandíbula quadrada e exclamou sem querer:

— Qual, não há Deus!

E repetiu em espanhol:

— No hay Dios!

Encheu de novo o copo de vinho, tomou um largo trago, não achou bom o vinho, encontrando-lhe certa acidez. Lembrou-se com indulgência das aguardentes do Senador, afinal, se havia praia também em Concón, de forma alguma se podia comparar com a água de tépidas esmeraldas sob os coqueiros de Catuama, e Barros por Barros, não se podiam comparar à amável fidalguia do Senador de Pernambuco, as dogmáticas intransigências do Senador de Valparaíso. Afinal, renovara a pele ao sol do Brasil, fizera uns preciosos croquis do passo do frevo que as mulatas franzinas lhe dançaram no terreiro e guardava na memória a melodia bárbara e incontaminada de um maracatu de Goiana.

Lembrou-se de tirá-la ao piano, onde estava a chave, por que a metera no bolso? Abriu a tampa, assobiou ligeiramente a toada sensual. Mas quando feriu as teclas, como se os dedos obedecessem a uma força superior, o que lhe saiu foi a frase da fuga fatídica:

fá — sol — fá...

Estacou siderado e disse, lentamente, sílaba à sílaba:

— Não — há — Deus!

Passavam-se os dias, mas não passava o resfriado, que degenerara numa gripe a vírus, numa sinusite crônica e numa forçada permanência em casa, onde a própria distração do piano se transformara num tormento, com a maldita fuga do fa-sol-fá saltando, indefectível, das cordas sonoras.

A esta altura, a existência de Deus já não parecia tão clara a Pepe Vial e o refrão de Amarolino deixara, definitivamente, de ser uma simples frase pitoresca do vaqueiro rude, para tornar-se o problema fundamental de suas preocupações filosóficas e teológicas.

Começou a reler os livros venerandos da Patrística, mas não achou Deus em nenhuma de suas páginas, senão como uma convicção gratuita dos doutores.

Pensou que seria exatamente um castigo de Deus, para mostrar-lhe que não o devia procurar na vaidade dos filósofos e na retórica dos dialetas, mas na humildade do coração. Abandonou, então, todos os tratadistas e entregou-se à leitura do Doutor Seráfico, fiel a uma velha impressão de que ninguém se aproximara mais da Suprema Visão do que aquele ardente Boaventura.

Mas depois de quatro dias de São Boaventura, chegou também à conclusão de que a sua *Summa Theologiae* não era mais que o desdobramento das *Sententiae Philosoficae* de Pier Lombardo, armada com as habilidades da sistemática de Abelardo, em seu *Sic et Non,* na engenharia das hipóteses do *Pro* e do *Contra.* E quando Gulielmus a Sancto Amore, também dito Guillaume de Saint-Amour, na segunda metade do século 13, expulsa Boaventura da cátedra, era, seguramente, porque entendera que o caminho *"per alias res"*, ensinado pelo franciscano, não chegava até Deus.

Passara, assim, de Amarolino a São Boaventura, como deste passou ao Isagogo de Porphyros, ao Boécio, a Aristóteles e reencontrou-se com o vaqueiro no tratado *De Divina Omnipotentia,* de Pier Damiani, escrito nas alturas do ano mil, onde se ensina que Deus pode tudo, inclusive fazer com que o que aconteceu não tenha acontecido.

Rejeitou as teofanias do Pseudo-Dionísio, o jogo de palavras de Anselmo, o Peripatético, em sua famosa *Rhetorimachia, o rationalismus mitigatus* de Scott Erigenus, as teorias de Fulberto e de Gerberto d'Aurillac, e achou um verdadeiro convite à impiedade o tratado *De Sacra Coena,* de Bérenger de Tours, onde se ensina que a dialética e a razão constituem os únicos elementos que provam a existência de Deus.

Pepe Vial nunca pedira provas dessa existência, mas também não se conformava com o nominalismo de Roscelinus, que confunde a idéia geral com o nome pelo qual ela é designada, segundo o qual basta-nos saber que Deus é Deus, o *Ego sum qui sum.* Refutou, igualmente, as doutrinas do Pseudo-Rabanius sobre os cinco termos e as cinco coisas.

Mergulhou no *De Veritate,* no *Proslogium* e no *Monologium* de Santo Anselmo de Canterbury, onde se encontram, no segundo volume, as famosas demonstrações da existência de Deus.

Pepe Vial tentou reduzir os termos dialéticos a equações algébricas, segundo as fórmulas da matemática de Boole, que vinha praticando, ultimamente, com um padre de Budapest, e o resultado foi o que já alcançara antes.

$$-b + a - a + b = -ab = O$$

Isto é, a mesma fórmula da frase de Amarolino, segundo a qual resulta algebricamente certo que não há Deus.

Envergonhou-se de estar procurando Deus por meio da álgebra e voltou, compungido, ao versículo I do Salmo XIII:

— "Diz o insensato em seu coração: — não há Deus."

Mas como os salmos também não lhe dissessem muita coisa e neles se perdesse com certo hedonismo poético, voltou aos filósofos e aos teólogos, e destruiu Santo Anselmo com as penetrantes contradições que lhe opôs, no século XI, o monje Gaunilon, que em latim se assinava Gaunilonius.

Era um homem de boa fé, amava a sua fé e não queria perdê-la sem luta. Mergulhou na Escola de Chartres, leu São Ivo, dito Ivo de Chartres, teve uma vaga simpatia pela heresia dos Cornificianos, defendidos por Maître Gilbert no século XII, contra a enfatuada sabedoria de Thierry de Chartres, de Guillaume de Conches e do confuso *Metalogicus,* escrito por João de Salisbury.

Maître Gilbert, quando via os teólogos recorreram à filosofia, ao estudo dos quatro aristotélicos e dos diálogos platônicos, aconselhava-os a dedicarem-se ao ofício de padeiros, considerando que, ademais de ser o único conveniente aos que não têm ofício ou profissão, resulta de fácil e proveitoso exercício. E se não produz a instrução, que é coisa duvidosa, produz o pão, que é palpável e comível.

Pepe Vial sentiu-se desamparado, sem ofício ou profissão, e teve vontade de ser padeiro. Mas o vício de pensar já o depravara e corrompera, e em vez de um forno de padaria, foi cozinhar suas inquietações em Boetius e no *Ars Catholicae Fidei,* dedicado por Nicolau d'Amiens ao Papa Clemente III.

Leu, com indisfarçado prazer, as invectivas de Gauthier de Saint-Victor contra os quatro grandes teólogos, a quem chamava os quatro labirintos da França. E como provas, encontrou melhores que as da existência de Deus, as do 3º capítulo do dito Gauthier de Saint-Victor, em que se demonstra, no *"more geometrico"*, mais tarde adotado por Baruch Spinoza, que todos os teólogos e filósofos se contradizem e contradizem a verdade — e que todos os hereges foram engendrados pela filosofia, pela teologia e pela dialética.

Encontrou, assim, com particular satisfação, os estatutos da Universidade de Paris, sancionados por Robert de Courçon em 1215, onde se determinava expressamente:

— *"Non legantur libri Aristotelis de metaphysica et naturali historia, nec summa de iisdem, aut de doctrina Magistri David de Dinant aut Amaurici haeretici, aut Mauritii hispani."*

Trouxe-me o texto, para que lhe traduzisse o latim, onde estava taxativa a proibição de ensinar e ler Aristóteles, o Mestre David de Dinant, o herético Amaury de Bene e Maurício de Espanha, que alguns suspeitam seja o próprio Averroes.

Informei-o que essa proibição fora renovada pelo Papa Gregório IX em 1231, estendida por Inocêncio IV em 1245 à Universidade de Toulouse e reiterada, dezoito anos depois, por Urbano IV.

Logo depois, porém, com Alberto Magno e Santo Tomás, as cátedras se põem à altura dos altares e à medida que se dá a Deus uma beca universitária, transforma-se o *Ego sum qui sum* em objeto de laboratório, sobre o qual Bacon fará experiências no *Opus Majus* e Kepler, nos *Paralipômenos,* o examinará até com instrumentos óticos.

É o triunfo da razão e, apesar da relatividade atribuída às demonstrações por Duns Scott, o "doctor admirabilis", ele mesmo as manipula, e Santo Tomás as amplia e canonisa nas cinco provas da existência de Deus, todas fundadas *a posteriori,* partindo do efeito para a causa.

A esta altura, ia já com três meses de gripe, de cama e de teólogos, quando não agüentou mais os livros, pediu a Cláudio que os recolhesse à Biblioteca do Instituto e como não lhe passassem a inquietação espiritual, a sinusite e a dor de cabeça, arremessou à parede as páginas estéreis, cheias de poeira e de lógica, do volume de Boetius, e exclamou indignado:

— Não há Deus!

Teresa, que já se acostumara a essa estranha exclamação que o marido trouxera do Brasil, com os charutos da Bahia e a pele queimada, e que não lhe dava maior importância, desta vez estacou apreensiva, no meio do quarto, com o frasco de remédio na mão. Porque havia um fulgor de diabólica liberdade em seus olhos e um tom de desafio em sua voz enrouquecida pelo resfriado, quando repetiu em espanhol, escandindo pausada e decididamente a frase:

— No — hay — Dios!

Em José Vial Armstrong, o meio-sangue inglês não tinha a força do sangue espanhol. Pois o chileno era espanhol e como todo bom espanhol, segundo a velhíssima anedota, não acreditava em bruxas, mas admitia que "las hay".

Ficou impressionado com um episódio.

Ao sair do quarto, batera com tanta violência a porta, que as paredes estremeceram e o Crucifixo que estava na peça em frente, sobre a cama do filho de sete anos, o pequeno Pepe, caiu ao chão, partindo-se em três ou quatro pedaços o Cristo de madeira.

O menino começou a chorar, que "se le habia quebrado su santo" e parecia inconsolável.

Teresa tratou de acalmar as coisas e dentro de alguns minutos José Vial Júnior, metido em sua roupa domingueira, saía com

a mãe e os amigos para a Primeira Comunhão que se faria naquele dia, na pequena igreja do Cerro Castillo, com Gerardo e Alberto e onde esperávamos todos o sermão, que afinal não houve, de Arturo Baeza.

Pepe Vial ficou só em casa, consternado, mas não muito, com o fato de não assistir a primeira comunhão do filho, pois, afinal, não há Deus.

Passou um instante na casa vizinha, de Godo, para saber como estava Ximena, que andava de cama há uma semana, soube que estava melhor e voltou da porta, dizendo:

— Graças a Deus!

Na sala, sobre o piano, estava o Cristo partido de Pepe Júnior. Procurou a bisnaga de "Araldite" e começou a recompor habilmente as peças quebradas. Olhou, satisfeito, a imagem, o trabalho estava perfeito.

Limpou a tinta vermelha da chaga do lado, lembrou-se do cinturião curado da cegueira ao pé da cruz, com o jorro daquele sangue e murmurou, por pura rotina de memória, a imprecação de Santo Inácio de Loiola:

— "Aqua lateris Christi purissima, lava me."

Contemplava a pequena imagem, se era Deus, porque caíra da parede, por que se espedaçara, porque precisara de suas mãos e de seu "Araldite" para recompor-se, por que fizera chorar uma criança inocente? Acudiu-lhe a palavra do ladrão insolente no alto do Gólgota:

— Se és Deus, salva-te a ti mesmo e a nós.

E seguiu, recitando o Evangelho, que sabia de memória, agora com a palavra do bom ladrão:

— Nós estamos recebendo o castigo de nossas obras; este, porém, nada fez de mal. E dizia: Jesus, lembra-te de mim quando chegares ao Teu reino. Ele lhe disse: em verdade te digo, hoje estarás comigo no paraíso.

Neste momento, entrava Teresa de volta da igreja. Fazia questão que suas mãos de pai entregassem, pessoalmente, ao filho, o relógio de Primeira Comunhão que lhe haviam comprado.

Quando o pequeno José entrou correndo, ansioso pelo presente, as mãos de Pepe Vial tremeram. O relógio caiu, espatifou-se no chão. Mas a criança não o percebeu. Seus olhos haviam dado com o Cristo reparado que Pepe Vial tinha na outra mão e agarrou-o com alegria:

— Reparaste mi Cristo. Fijate que lo tengo también ahora aqui. — E apontava para o pequeno peito de blusa azul.

José Vial Armstrong beijou silenciosamente o filho, subiu a escada e trancou-se no quarto.

Ninguém o viu mais naquele dia.

Uma semana depois, Fábio invadia tempestuosamente a casa de Alberto Cruz, com Baeza, Godo e Cláudio, trazendo uma carta que lhe entregara Alberto Vial, e que Miguel trouxera de motocicleta de Santiago. Era de Pepe.

Laconicamente, pedia demissão de sua cadeira na Universidade e de todos os seus compromissos com o Instituto de Arquitetura. Ia recolher-se ao velho feudo rural de sua família e dedicar-se à agricultura e ao fabrico do pão, na aldeia próxima à sua propriedade.

Dez anos depois, tomei um desses horríveis trens do norte do Chile e fui descansar na fazenda de Pepe Vial. Estava um pouco mais gordo, um pouco mais calvo e parecia feliz. Plantava lentilhas e garbanzos, cultivava a vinha e tinha um ar de beatitude quando bebíamos juntos o vinho de suas *tinajas*.

Depois do almoço, pedi um livro a Teresa para ajudar o sono da sesta. Ela olhou espantada. Há dez anos não entrava um livro naquela casa, graças a Deus. José Vial Armstrong fabricava o pão do *pueblo* e, logo ao chegar, acendera o fogo de sua primeira fornada com os livros que trouxera da Universidade.

O primeiro a arder, foi aquele *Opus Majus* de Bacon, seguido de Aristóteles e Santo Tomás, e o último, o refinado *Itinerarium Mentis in Deum*, daquele João de Fidanze, nascido em Bognorea, perto de Viterbo, em 1221, conhecido no martirólogio como São Boaventura e chamado "Doutor Seráfico".

Assegurou Teresa que os pães saíram bons e saborosos e todo o povo os comeu, dando graças a Deus, juntamente com Pepe Vial que, aos domingos, na ausência do pároco, quando não tinha que ocupar-se da padaria, ensinava o catecismo na igreja do *pueblo*.

Viña del Mar, 1964

a Teresa e Pepe Vial.

O CORONEL PARAGUAIO

Domingo Vicuña Mackenna, apesar do nome, não tinha nada a ver com a ilustre família chilena dos Vicuña Mackenna. De resto, não era Vicuña, nem Mackenna, possivelmente não seria Domingo e, em atenção à respeitabilidade de seus últimos anos de vida, creio que será mais indulgente de minha parte e mais cômodo para ele não averiguar muito profundamente sua nacionalidade e as origens de seu nome. Tinha papéis de chileno, era chileno, todos os chamavam respeitosamente Dom Domingo, e é quanto basta.

Encontrei-o, pela primeira vez, na Argentina, onde o diziam brasileiro. Justificava o sotaque espanhol com uma prolongada permanência "do outro lado do rio", na altura de Corumbá com Puerto Suárez, na Bolívia.

Em Buenos Aires dizia-se vagamente que era um agente do Serviço Secreto Brasileiro que ali ocupava torpemente alguns policiais na alcagoetagem e na delação de patriotas exilados pela ditadura de Vargas.

Não quero crer que isso seja verdade, pois Domingo Vicuña Mackenna, que àquela época se chamava Pancho — explicou-me agora que era apelido — podia ser homem de muitos defeitos, mas não me parece capaz de ter-se sujado com a delação.

Encontrei-o anos depois no Equador, sempre levando uma vida misteriosa, e ali me diziam que era sócio de uma velha caftina uruguaia — Lili — na exploração de certa casa de mulheres no bairro baixo de Quito. A mesma história ouvi em Guayaquil e Barranquilla, e creio que também em Barquisimeto. Em Bogotá

recebeu-nos uma vez, numa elegante casa das bandas de Las Aguas, onde hospedara Augustín e outros poetas, e se ocupava de estudos sobre a fitologia da selva amazônica. Anos depois, pude vê-lo de novo em Callao e Lima, onde se repetiu a história do prostíbulo, agora no Peru, em sociedade com uma brasileira que conhecera em Iquitos e que guardava, na decadência, os sinais de uma beleza outrora famosa em Manaus, nos primeiros tempos da decadência da borracha.

Disseram-me também que fora dono de um antro de tavolagem na fronteira do Paraguai, em Pedro Juan Caballero, onde levara um tiro na barriga, tendo extraído uma bala do rim no hospital de Ponta Porã. Mas quando passei por ali, meu amigo Miguel Marcondes, que é o único cirurgião daquelas bandas, que se lembrava de muitos partos, facadas e balas extraídas, não se recordava de haver operado nenhum rim, muito menos de Pancho ou Domingo Vicuña Mackenna, a quem ficou conhecendo tempos depois.

Falaram-me dele ainda em Coquimbo e Copiapó, quando atravessei o Chile, com a ajuda de um contrabandista peruano da fronteira, depois de ter varado o Paraguai, a Bolívia e o Peru, para escapar à perseguição de uns coronéis enfurecidos nas calendas de abril de 64. Mas isto é outra história.

O certo é que as lembranças de Dom Domingo não me preocupavam, mas de vez em quando me encontravam e me divertiam.

Andava eu por Viña del Mar, esquecido delas, até porque não me encontrava no Chile para reminiscências, mas para passar o tempo como melhor me conviesse, incluindo mesmo certas visitas aos velhos bordéis asiáticos de Valparaíso, como a famosa Casa dos Sete Espelhos, onde numa estranha e grata especulação de reflexos os casais se excitavam com sete visões simultâneas de seu próprio jogo erótico. O engenho fora inventado por um chinês que morreu pedindo esmolas no porto de Valparaíso, à porta de um cabaret que ainda está lá, e dá, aos que nele se entretêem, a impressão e a volúpia de sete orgasmos simultâneos. Mas isto também é outra história.

Uma noite, na Casa dos Sete Espelhos, tive a atenção despertada para o retrato de um homem de seus cinqüenta anos, na alcova de uma prostituta do porto que, diariamente, o enfeitava com um jarro de flores. Não me parecia estranha aquela fisionomia, e ela, muito contente ao me saber brasileiro, explicou:

— É o melhor amigo que já tive. É o Cônsul do Brasil em Punta Arenas e pagou toda a minha conta do hospital quando estive para morrer.

Não identifiquei o retrato. Mas quando cheguei a Punta Arenas, tendo algumas dificuldades com a bagagem de Pilar Miró, embarcada comigo e com seus grandes olhos negros da Venezuela. lembrei-me de procurar o consulado de meu país.

Punta Arenas é um pequeno porto perdido no hemisfério sul, exposto sempre ao frio do Pacífico, à porta da Patagônia. O Itamarati nunca encontrou um funcionário que se dispusesse a servir naquela região — um perdido casario diante do cais, exposto a todas as inclemências do Pacífico, mas sempre manteve ali um Cônsul honorário, que despacha a papelada dos cargueiros de aventura que nos trazem do Chile, além da lentilha e do garbanzo embarcado em Talcahuano, os porões carregados de gás liquefeito, de intestinos de ovelha salgados, de alho, passas, nozes e o vinho generoso de Santa Helena com H e Santa Elena sem H.

O Cônsul honorário é sempre cuidadosamente escolhido entre cidadãos naturais do país em que se encontram, de comprovada respeitabilidade e de ilibada reputação, como prescrevem os códigos e rescritos do Ministério. Pois devem ser sempre limpas as mãos que manipulam o selo da República, por ela assinam faturas e por todos nós hasteiam à fachada da casa o sagrado pavilhão verde-amarelo a 7 de setembro e a 15 de novembro.

Pensando nos olhos veludosos de Pilar Miró, que eram mais negros entre os lençóis brancos, pensando em tudo isso, fui ver o Cônsul do Brasil em Punta Arenas.

Sob um solene diploma emoldurado, a faixa auri-verde com lacre e timbre das armas da República, assinado pelo Marechal Humberto de Alencar Castelo Branco, li, com certa emoção patriótica, na pequena sala de espera, o nome do representante da pátria, que encarnava sua presença, sua soberania e sua proteção naquele remoto calcanhar do mundo.

Prontamente introduzido ao gabinete, numa grave cadeira à mesa de caoba chilena, debaixo dos retratos tutelares do Duque de Caxias e do Barão do Rio Branco, o Cônsul assinava qualquer coisa.

Tirou os óculos, levantou a cabeça e ergueu-se para me cumprimentar.

Ficamos um momento perplexos.

— Pancho!

Pois o senhor Dom Domingo, o Cônsul Domingo Vicuña Mackenna, era meu amigo, meu velho amigo Pancho. E ali estava, abraçando-me e falando sem cessar, com a mesma alegria efusiva dos cafés de Buenos Aires, das esquinas de Bogotá e dos cabarets de Belém do Pará.

Pedia, atropeladamente, notícias de tudo e de todos, de Demóstenes González, de Antídio de Almeida, de Frassineti, de Tolipan e do Barão Valencius. Resolveu num instante — parecia o dono da Alfândega — os problemas de Pilar Miró, e ainda hoje lhe sou

grato pela aprazível casa à beira-mar onde, por duas semanas inesquecíveis, a bela venezuelana me servia deliciosamente, nas frias noites de Punta Arenas, preparados com igual habilidade, o amor e o chá. O amor, à moda de sua terra ardente, e o chá de folhas verdes, das latas brancas de Orange-Pekoe, recebido por Dom Domingo no contrabando da pacotilha do Japão que tocava o porto de mês em mês.

Correu docemente a vida em duas semanas, entre os braços de Pilar Miró e o paraíso de contrabandos de Dom Domingo — mantas de cashmere inglesa para o frio, tabacos aromáticos de Capstan, de Half-and-Half da Virgínia, whiskies de John Haig e Justerini and Brothers, sabonetes e lavandas de Yardley e perfumes de Patou e Caron para os encantos da venezuelana. O fino do Oriente, de Bond Street e da rue de La Paix para a pequena casa branca à beira-mar, na praia de Punta Arenas, pelas bandas do antigo Club Social Croata.

Não se faça, porém, qualquer mau juízo do Cônsul Honorário do Brasil, nem do Itamaraty, segundo cujos códigos seculares, devia ter comprovada respeitabilidade e ilibada reputação entre os naturais de seus país. A respeitabilidade e a reputação de Domingo Vicuña Mackenna, eu mesmo a pude comprovar. Eram invejáveis em toda aquela região do Chile. Só não posso dizer se o eram entre os naturais de seu país, pois até hoje tenho minhas dúvidas sobre sua nacionalidade chilena, e quase certeza de que não se chamava Domingo Vicunña Mackenna.

Mas isso é apenas um detalhe que não deve contar diante de suas qualidades positivas, especialmente a devoção com que se dedicava, em seu remoto posto, aos interesses do Brasil e de sua soberania.

Disso posso dar o mais vivo testemunho, inclusive no episódio daquela manhã de inverno quando, enfrentando a chuva, o vento, a neve, o frio cortante, saiu de sua casa, nos lados do Hospital Naval, subiu a ladeira, e me irrompeu pela sala a dentro, perguntando se não me acontecera alguma coisa.

E quando me viu são e salvo, ainda estremunhado e impregnado dos perfumes de Pilar Miró, sem esperar qualquer pergunta, foi explicando que o haviam acordado no Consulado para informar que fora assassinado no cabaret de Lola um cidadão brasileiro em Punta Arenas. Era eu o único cidadão brasileiro em Punta Arenas. Deu graças a Deus por não me ter acontecido nada e, diante dos olhos espantados de Pilar Miró, refletindo mais calmamente, nem podia dar-se conta de como chegara a admitir minha presença num lugar como o cabaret de Lola Salas.

Mas de repente, sua aguda e indormida consciência de representante do Governo da República e protetor jurado de seus interesses, o espicaçou. Podia ser que no navio panamenho chegado à véspera constasse algum tripulante brasileiro, e não era difícil o houvessem apunhalado, numa dessas contendas de embarcadiços, no cabaret de Lola.

Como Cônsul do Brasil, tinha que verificar. E agir, se fosse o caso.

Convidou-me a acompanhá-lo e, apesar do frio e da chuva, não me recusei. Afetei os mesmos sentimentos cívicos que o animavam, mas, na verdade, movido apenas pelo desejo de prestar-lhe um pequeno favor. Pois senti que o Cônsul precisava de alguém que testemunhasse a eficiência e os empenhos de sua ação patriótica.

Saímos.

Interrogamos Lola Salas ainda na cama, desolada, entre dezenas de almofadas de seda, abrigada no cobertor de vicunha, a garrafa de whisky e os envelopes de Alka-seltzer na mesinha de cabeceira. Os cabelos cor-de-rosa e as sobrancelhas riscadas também em rosa — era a imagem da lástima.

Como pudera acontecer aquilo em sua casa, uma casa tradicional, ordeira e bem freqüentada? Falava dos prejuízos, das mesas quebradas, mas o que lhe doía era o escândalo, a casa fechada pela Polícia, as portas lacradas pelo senhor alcaide e dois *carabineros* ali de guarda, dia e noite.

O senhor Cônsul, que era uma pessoa influente, amigo do senhor Alcaide, bem podia conseguir que pelo menos retirassem os *carabineros* de sua porta.

Dom Domingo prometeu fazer o que pudesse.

Sobre o caso, sabia muito pouco. O freguês, alto, moreno, cabelos muito negros e lisos, talvez ligeiramente grisalho, aparecera na casa pela primeira vez.

— *"Era todo un caballero, señor"*. — Pelo menos na aparência elegante, no tom viril e cortês com que pediu a bebida. Lembra-se bem. Um copo de aguardente de cana, que tomou de um trago, como se fosse um gole de chá.

— Eu olhava discretamente, senhor — sorriu com sua velha malícia profissional — porque, como disse, *era todo un caballero.*

E acrescentou com um suspiro:

— *Todo un hombre, todo un macho.*

Não. Infelizmente não havia olhado para ela. Em compensação não olhara também para nenhuma outra menina da casa.

— "Esmagou o cigarro no cinzeiro, levantou-se tranqüilamente, parecia ter um leve sorriso no rosto, tive a impressão de que encontrara alguém que lhe agradava, alguma das meninas, e ia tirá-la para dançar. Pois pedira à orquestra que tocasse uma polca paraguaia. Foi no início da polca que se levantou. Dirigiu-se à mesa de outro freguês. Sim, estava bem perto. Pois me aproximei, na esperança de que ele me escolhesse para a dança. Os cavalheiros sempre me preferem às meninas. Não. Não só para dançar. Falo de *caballeros*, naturalmente — o senhor Cônsul me compreende. Só com eles, claro, *fíjese usted. Mas caballeros "caballeros"*.

Deteve-se, porém, na mesa do outro senhor. Quase sorrindo, disse-lhe que se levantasse. Sim, levantou-se. Ninguém resistiria àquela voz. *Era todo un hombre, senhor.*

"Quando o outro já estava de pé, falou duas palavras, mastigando os dentes."

— "Não. Não pude entender. Mas parecia continuar sorrindo, tinha o rosto moreno mais ou menos impassível, apenas um fulgor estranho lhe brilhava nos olhos. Foi um segundo, senhor, não mais que um segundo. Segurou-lhe as duas lapelas do palitó, parecia de prata a lâmina do longo punhal, mergulhou-a no tronco da garganta, do lado esquerdo. Deixou-o cair, a golfada de sangue já na boca. Como um touro, quando o matador mergulha a espada."

"Não, não vi muita coisa mais. Sim: curvou-se quase respeitosamente sobre o morto, creio que se ajoelhou, abriu-lhe a camisa, tirou alguma coisa que tomou nas mãos com um gesto de carinho, talvez de amor. Tenho para mim que era algum retrato de mulher.

De repente, com a agilidade de um gato, saltou a janela e dizem que fugiu a cavalo."

E concluiu, sobressaltada:

— "Não conseguiram prendê-lo, não é verdade, senhor? Não hão de conseguir. Pedi à virgem do Santuário de Lo Vasquez e vou levar uma vela à igreja das Monjas Inglesas."

Rompeu no pranto:

— "Quem diria, senhor? Os carabineiros me quebraram toda a casa. Quem diria, senhor Cônsul? Mas acho que não hão de prendê-lo. *Es todo un hombre, señor. Todo un macho*".

E a uma nova pergunta:

— "Não, senhor! De frente. Um homem como aquele não mataria ninguém de costas nem sentado. De frente, e quando já se levantara. Aqui, no tronco da garganta, palmo e meio de aço."

De forma que sobre a vítima não conseguimos saber mais do que isto: que caíra instantaneamente, a golfada de sangue já na boca, como um touro à espada mergulhada do matador. O que

quer dizer, como depois explicou o médico-legista, que o coração fora varado, jorrando a hemorragia fulminante.

As meninas do cabaret, como as chamava Lola, ainda sabiam menos.

Fomos aos *Carabineros*, ao Comissariado. O Cônsul do Brasil explicava as razões de sua intervenção e era atendido com toda solicitude.

Examinamos o cadáver e verificamos os documentos do morto. Tinha no bolso dois passaportes: — um que o dava como boliviano, com o nome de Hernán Garcia Navarro, filho de Juan Garcia e Rosa Navarro, natural de Santa Cruz de la Sierra, oficial do exército da Bolívia. Outro, de data mais recente, expedido pelas autoridades do Território Federal de Rondônia ou do Amapá, já não me lembro bem, o identificava como brasileiro, chamado Fernando Garcia, natural de São Luís do Maranhão, com o ofício de mecânico.

A contrafração do segundo passaporte me parecia grosseira e evidente à primeira vista. Esta, porém, não foi a impressão de Domingo Vicuña Mackenna, que parecia ter igual respeito a documentos falsos e autênticos, e que devia ser mais entendido no assunto do que eu.

— "Pelo sim, pelo não — resolveu de plano — trata-se de um cidadão brasileiro — até prova em contrário — e tenho que tomar todas as providências cabíveis."

As providências cabíveis eram o enterro do morto, que o Cônsul promoveu a expensas do próprio bolso, com uma pompa que me pareceu exagerada, fazendo cobrir o caixão com as cores da bandeira nacional, realizando exéquias religiosas com missa de corpo presente na igreja enlutada, de onde o féretro seguiu, com grande acompanhamento dos amigos de Dom Domingo e do Brasil, para o tranqüilo cemitério de Punta Arenas. Antes da pá-de-cal, o Cônsul pronunciou um comovido discurso, agradeceu as coroas enviadas pelo Alcaide e pelos representantes do corpo consular. Algumas senhoras desfiaram o terço e enxugaram lágrimas.

E ainda hoje lá deve repousar o Garcia — Hernán ou Fernando — com seus dois nomes e sua facada na garganta, sob a lápide comprada por Dom Domingo, na qual insistiu que eu escrevesse um epitáfio.

Relutei como pude e acabei convencendo o Cônsul, que desejava uma inscrição tocante e patriótica, que essas coisas, quanto mais simples, mais eloqüentes.

E lá há de estar ainda hoje a lousa fúnebre com os dizeres:

"AQUI JAZ FERNANDO GARCIA

BRASILEIRO

MORTO LONGE DA PÁTRIA."

Eu escrevera apenas — "aqui jaz Fernando Garcia" — mas Dom Domingo fez questão de acrescentar — "brasileiro, morto longe da Pátria" — assim mesmo, com P maiúsculo. E só a muito custo logrei demovê-lo do propósito sonoro de florear adjetivos, pois ele fazia questão de dizer — "da Pátria adorada".

Mas não pararam nos funerais as gestões do bravo Cônsul de Punta Arenas na proteção aos interesses e à soberania da República.

Sabendo que Pilar devia voltar à Venezuela no mesmo barco panamenho em que chegara o malogrado Garcia — não era tripulante, mas passageiro — instou-me a que o acompanhasse a Santiago, para onde teria fugido o assassino. Ia entender-se com o Embaixador, com um deputado de Punta Arenas que ajudara nas eleições, com a bancada da democracia cristã na Câmara e no Senado, iria ao Enrique Campos Menéndez, ao Senador Allende, ao Bernardo Leighton, ao Carmona, ao próprio Frei, disposto a mover céus e terras, disposto a não descansar enquanto não capturasse e entregasse o criminoso à Justiça. Para mostrar ao Itamaraty, ao Chile e ao mundo que em nenhuma parte do planeta se pode matar impunemente um cidadão brasileiro, que tem a protegê-lo a diligência de seus Cônsules, honorários ou não, e a sombra sagrada da mais bela bandeira do mundo.

E afinal — repetia — o Ministério das Relações Exteriores há de saber que tanto vale um Cônsul Honorário como um Cônsul da "carrière". Gostava da palavra *carrière,* que sempre usava assim, em francês, como uma vaga nostalgia honorária.

A excitação de Dom Domingo começou a me contagiar também, despertando-me, sobretudo, a curiosidade em torno do misterioso matador de Garcia.

Cheguei a sugerir que levássemos Lola, pois, melhor do que ninguém, estava em condições de identificar o cavalheiro que era *todo un hombre.*

O Cônsul acolheu com entusiasmo essa idéia, tomando-a como a melhor prova de minha adesão à sua expedição de desagravo à honra nacional.

Lola Salas, por sua vez, com o cabaret fechado pela Polícia, não fez a menor objeção. Ainda que Dom Domingo, além de pa-

gar-lhe a passagem a Santiago, a convecera de que o Brasil lhe saberia agradecer o serviço prestado à memória de um de seus filhos. Não posso, porém, garantir que ela haja se esquecido de repente de seu desejo de ver escapar da polícia o cavalheiro que era *todo un macho.*

Cheguei a arrepender-me da sugestão, pois, no fundo, ela nos iria acompanhar talvez apenas para dar um passeio a Santiago, ou, quem sabe, na vaga esperança de reencontrar o homem que tanto a impressionara.

Mas não adiantava falar disso a Dom Domingo. Aderido a seus propósitos, já tinha as passagens compradas e os planos feitos, e chegava a imaginar a hora em que chamaria dois carabineiros para prenderem o indivíduo que Lola Salas lhe apontaria no fundo de um bar, com o dedo implacável:

— É aquele!

Em Santiago, o Embaixador, muito ocupado com a recepção que devia oferecer ao Xá da Pérsia, país com o qual mantemos excelentes e fecundas relações, graças ao incansável trabalho dos diplomatas da rua Larga e de Teerã, não deu maior importância ao Cônsul de Punta Arenas. Mandou-o entender-se com o Terceiro Secretário que, no momento, tinha um problema mais grave: a lista de convidados do Embaixador. Foi atendido por uma funcionária, que anotou o caso. Ia levar à agenda do Conselheiro, que, de certo, a levaria ao Embaixador, depois da festa persa, para fazer, no devido tempo, as informações competentes ao Itamaraty, solicitando instruções.

Mas Domingo Vicuña Mackenna não era homem de desanimar com tão pouco. Achou mesmo perfeito o tratamento da Embaixada, parecendo-lhe que o que quiseram fazer, com o fino tato diplomático, foi depositar sobre seus ombros de Cônsul de Punta Arenas todo o peso daquele problema nacional ocorrido na jurisdição do Consulado de Punta Arenas. Sentiu-se prestigiado e investido de todos os ônus da incumbência, um pouco envergonhado de ter levado o caso à Embaixada antes de solucioná-lo e orgulhoso da sabedoria diplomática de nosso Embaixador, do Terceiro Secretário e da Secretária do Conselheiro.

E como se compreendesse de súbito que nem mesmo a melhor boa vontade podia suprir a incompetência honorária, murmurou, sem qualquer ressentimento, mas com patética admiração:

— "Ah! la carrière!"

Começamos a trabalhar. Durante dias e noites, sempre com Lola Salas a tiracolo, percorremos todos os cafés e restaurantes de Santiago, paramos em todas as esquinas da Alameda, de Augustinas, Ahumada, Moneda, Monjitas, fomos aos bairros chics e aos bairros pobres, a Providência, Las Condes, Los Leones, Vitacura, rondamos Farellones, a estação do Mapocho, o funicular, os cerros, as pontes, o mercado de La Vega e o mercado persa, os prostíbulos de Emiliano Figueroa, a luxuosa casa de Nuri em Vitorino Lastarria, o antro de travestis da Carlina nas bandas de Vivaceta, um bordel de segunda classe em Bueras — e nada. O esperado dedo de Lola Salas não se erguia para apontar ninguém.

Para grande decepção de Dom Domingo, comecei a tratar de meus próprios assuntos. Mas nem isso o desalentou, pois continuava, impassível, de rua em rua, de hotel em hotel, sempre com Lola Salas a reboque.

Estávamos nisso há uma semana, quando encontrei, no bar do elegante Hotel Carrera, um deputado boliviano, que chegara de La Paz com Neiva Moreira, exilado pela ditadura de René Barrientos, cujas armas acabavam de depor da presidência da República o Presidente Paz Estensoro.

Entre um pisco e outro, contei-lhe resumidamente o episódio de Punta Arenas e mostrei-lhe, inclusive, o retrato do morto que trazia no bolso.

Os bolivianos são passionais por dentro, mas impassíveis por fora. O deputado Cienfuegos não contraiu um músculo da face quando me devolveu o retrato e disse:

— "É o Capitão Garcia."

Como eu insistisse, começou a contar, naquele doce tom de voz quase sussurrado dos bolivianos do altiplano, que dão ao espanhol um sotaque especial e precioso, numa espécie de recto tono, sem inflexões nas palavras, inteiramente distinto do castelhano articulado ou grandiloqüente do Rio da Prata, falado por argentinos e uruguaios.

O Capitán Garcia — Hernán Garcia — era de Santa Cruz de la Sierra. Ainda aspirante partira para a guerra do Chaco contra o Paraguai, sendo promovido a oficial no campo de batalha, por atos de bravura.

Comandava uma companhia de seu regimento — o IV de Cavalaria — combatera a seu lado — e depois da guerra do Chaco transferiu-se para a Aviação, onde alcançara o posto de Coronel. Mas os amigos continuavam a chamá-lo de Capitán Garcia, pois nesta patente é que os jornais o fizeram famoso e popular por suas façanhas. Conspirou contra o governo de Siles Suazo, fugiu espetacularmente com seu avião, asilou-se no Brasil, onde o Coronel Janari Nunes, governador do Amapá, deu-lhe generosamente um emprego de aviador do pequeno "Beechcraft" do Território.

Mas no Brasil também mudam os governos e o Capitán Garcia acabou tendo que deixar o Território Federal do Amapá.

Posteriormente, um antigo *cholo* de seu regimento o encontrou estabelecido com uma oficina mecânica em Antofagasta, falando em mudar-se para Punta Arenas, no sul do Chile. Parece que os sofrimentos do exílio haviam abalado muito o capitão, que era um homem bravo e limpo, mas que estaria, ultimamente, envolvido com gente suspeita. Coisas de contrabando. Talvez armas, talvez cocaína ou marijuana.

Pediu-me mais uma vez o retrato, olhou-o demoradamente, o rosto continuava impassível, a voz sem inflexões. Que era melhor assim. Um homem tão guapo merecia que a morte lhe chegasse antes da deshonra.

O tom da voz era o mesmo, o rosto o mesmo, mas havia em seu gesto lento que depôs sobre a mesa o copo de pisco engolido de um trago, um ar de respeito e emoção, quando concluiu:

— Morreu pela pátria, como sempre desejou.

Ficou um instante silencioso, pediu outro pisco, convidou-me a beber à memória do Capitán Hernán Garcia Navarro, de sua terra, Santa Cruz de la Sierra, e passamos a falar vagamente de nossos problemas de exilados políticos.

No dia seguinte, voltei a encontrar o deputado Cienfuegos no bar do Carrera, à hora do aperitivo.

Desde a véspera, ardía-me a curiosidade de perguntar por que entendia que o capitão morrera pela pátria. Mas com os bolivianos não adianta fazer perguntas. Falam como querem, o que querem e quando querem.

Tomou o primeiro trago, o copo inteiro de uma vez, mas lentamente, como costumava, limpou os lábios e afinal falou:

— " Encontrei-o hoje. Está atravessando a cordilheira para a Argentina. Tomou esta noite o trem de Mendoza".

Diante de meu espanto — não sabia de quem se tratava — explicou:

— "O paraguaio. O Coronel paraguaio que matou Hernán Garcia".

Não o interrompi, e contive a curiosidade. Então ele continuou, naquele suave tom de quem conta, pela décima vez, pequenos fatos de rotina:

— "Sabia que ia acabar assim. Há mais de vinte anos o Coronel Alonso Arteaga y Malpartida estava no encalço do capitão Garcia. O Coronel Arteaga y Malpartida, ainda capitão, comandava uma Companhia de Cavalarianos da guerra do Chaco, quando as

tropas travaram um entrevero com os bolivianos de Garcia, pelas bandas do fortim de Boquerón.

Não sabia exatamente o que ocorrera, mas o capitão Malpartida, cuja fria audácia no campo de batalha era o terror dos bolivianos, terminara a guerra como Coronel do exército de Estigarríbia e Comandante do Regimento "El Supremo" — a fina flor da Cavalaria paraguaia.

À sua volta triunfal a Asunción, encabeçou, com seu cavalo negro de cara branca e seu uniforme de gala, de alamares de ouro, a medalha de sangue e a Grã Cruz de Solano López no peito, a parada militar de Estigarríbia. E foi a ele que o Marechal guarani convocou para ajudá-lo a carregar a imensa coroa de flores que depositaram na cripta de cinzas e ossos dos grandes capitães mortos pela pátria, à capela-mor do altar dos paraguaios, no Panteón de los Heroes.

Quando os canhões troaram a salva ritual de vinte e um tiros, a banda dos Dezoito — o Regimento glorioso de Pitiantuta — rompeu na praça o Hino Nacional, acenderam-se as tochas do Panteón e, iluminado ao clarão da chama cívica, foi para seu rosto de bronze que a multidão olhou. E à mão erguida à pala da barretina agaloada, em continência às velhas bandeiras rotas das guerras da Tríplice Aliança, aos pendões triunfantes da campanha do Chaco e ao Hino da Pátria, podia-se ver o fumo de luto que debruava a barra tricolor na cabeça imóvel do Coronel.

No dia seguinte, quando todos esperavam sua promoção a General e sua investidura no Ministério da Guerra — o próprio Estigarríbia não desejava outro sucessor ao seu governo no Palácio do Gran Mariscal —o que se leu nos jornais foi seu pedido de transferência para a reserva.

Liberais e colorados estavam unidos na decepção a que o rendilhado das diplomacias brasileira e argentina, com o velho Macedo Soares e o velho Saavedra Lamas, haviam frustrado a vitória militar do Paraguai, que Cienfuegos honestamente reconhecia.

No hall do Hotel Colonial, nas esquinas de Palma e Chile, o que se dizia em Asunción era que o Paraguai havia perdido no tinteiro das Chancelarias de Buenos Aires e do Rio de Janeiro, a guerra que o sangue de seus filhos ganhara, com a garra épica da raça guarani, nos pântanos do Chaco, no atoleiro dos banhados e nas ladeiras da Sierra do Norte. Pois, com suas tropas já no coração da Bolívia, aceitara o armistício proposto pelo Brasil e Argentina, verificando-se depois que as duas grandes potências, no tratado de paz, entregavam ao silencioso chanceler pacenho um imenso pedaço do Chaco paraguaio.

Cienfuegos engoliu, maliciosamente, mais um copo de pisco. Parecia engolir, ele mesmo, como bom boliviano, todo o norte do Chaco guarani.

Mas a paz estava feita, com grande proveito para os trustes petrolíferos norte-americanos, concessionários das bacias sedimentárias do Chaco. E para honra dos pacificadores argentino-brasileiros. Pois o Chanceler Macedo Soares era saudado no Rio como a "Pomba da Paz",uma espécie de novo Rio Branco, o senhor Cardeal o proclamava, no Palácio São Joaquim, como o maior dos brasileiros vivos, e o Núncio Apostólico, Monsenhor Masella, lhe entregava, em grande solenidade, a bula da Santa Sé que o fazia Conde Papalino. Chegou a pensar em ser Presidente da República, rondando de olhos langues as portas do Catete, com o ramo de oliveira da pomba de Noé no bico sábio.

— Era, em todo caso — interrompi o boliviano que se fazia irreverente com os grandes homens de meu país — um estadista honrado e generoso, e um eminente brasileiro.

Cienfuegos continuou, para dizer que seu povo era muito grato ao Chanceler da Rua Larga, mas achava minguada recompensa — minguada e de mau gosto — o título que lhe haviam conferido de "Pomba da Paz", e o destino que lhe coubera, reduzido, afinal, o sonho da Presidência da República a uma efêmera e modesta Interventoria Federal em São Paulo. Acrescida, é verdade, daquela glória de Machado de Assis — a única que fica, eleva, honra e consola — de sagrar-se imortal na Academia Brasileira de Letras, feliz e honrado em seu fardão de baeta verde com botões de ouro, o espadim na cintura pacífica e o chapéu de dois bicos na cabeça talentosa.

Melhor destino coubera, de certo, ao refinado Saavedra Lamas, que apertara a mão a Gustavo V em Estocolmo e trouxera para a Argentina, diante dos olhos invejosos e deslumbrados do mundo, e com muita justiça, a láurea do Prêmio Nobel da Paz.

— O certo — prosseguia o boliviano, com satisfeita doçura na voz — é que o Paraguai ganhou a guerra, mas a Bolívia ganhou a paz.

E isto mesmo se repetia, em outro tom de voz, nas esquinas de Asunción, entre Palma e España, entre Estrella e Alberdi, e no hall do Hotel Colonial. Era também o que resmungavam os rudes tenentes guaranis, na linha da fronteira nova, da foz do Rio Negro ao Rio Paraguai, de Cerrito Jara ao Cerro Chovoreca, no Fortín Paredes, em Palmar de las Islas, em Villazón e no Fortim Esmeraldo, sobre o Pilcomayo. Não havia outro assunto no país. Nem houve outra interpretação para a surpreendente renúncia do Coronel, que se retirava apagadamente para a reserva, quando tudo se abria para o mais brilhante sucesso de sua carreira.

Recordava-se a palavra de Solano López nas Termópilas creoulas de Cerro Corá, ao recusar a rendição e a vida, no epílogo trá-

gico, diante da tropa do Marechal Câmara e do chuço de Chico Diabo: — "Muero con mi Pátria".

Também preferira retirar-se com sua pátria da apagada e vil tristeza de uma paz mesquinha o glorioso vencedor do Chaco, o invencível Comandante do Regimento "El Supremo" — a fina flor da galharda cavalaria paraguaia — o Coronel Alonso Arteaga y Malpartida.

Cienfuegos o vira uma vez em La Paz, identificado por um exilado paraguaio do governo de Higino Morínigo. Depois, soube dele em Sucre, em Santa Cruz de la Sierra e em Cochabamba.

Ninguém sabe por que, murmurava-se que andava no encalço do Capitán Hernán Garcia e, neste propósito, teria estado no Guaporé, no Acre e no Amapá. Dois antigos governadores desses dois Territórios, amigos meus, o General José Guiommard e o Coronel Aluízio Ferreira, confirmaram-me, tempos depois, havê-lo conhecido ali. Outro amigo, o Coronel Janari Nunes, bem como Pauxi, Coaraci e Amauri, têm uma vaga idéia de haver sabido de sua presença no Macapá, de onde atravessou para Caiena pelo Oiapoque, exatamente ao tempo em que se falava da ida de Garcia para a Guiana Francesa. Mas o deputado Jerônimo Santana, que só muito mais tarde baixou por aqueles Territórios, fixando-se em Porto Velho, e que conhecia até as pedras da região e a história de tudo por ali, até do que não tinha acontecido, diz que nunca ouviu falar em nenhum capitão Garcia por aquelas bandas. É certo que algumas pessoas maledicentes, como Frontin e Frassineti, dizem que o deputado, cujo nome inteiro é Jerônimo Garcia Santana, é um parente distante do Garcia de que estamos falando, e que Frontin conheceu trabalhando como maquinista na antiga Estrada de Ferro Madeira—Mamoré. E Frassineti fala vagamente das habilidades e dos bons ofícios do deputado, que arranjou, anos depois, uma pensão do governo boliviano para um suposto bastardo do Capitán Garcia com uma antiga prostituta de Porto Velho, chamada Vitorina Portela.

A mais dessas notícias vagas e incertas, soube-se dele em Iquitos, em Pucalpa, em Antofagasta. Dali teria partido para Punta Arenas, onde encontrara no cabaret de Lola o punhal do Coronel e no Consulado do Brasil a surpreendente dedicação de Dom Domingo Vicuña Mackenna.

Cienfuegos não estava em condições de adiantar mais nada. Resumindo tudo, pois, o que se podia ter apurado por sua conversa era que o matador fora o Coronel paraguaio Alonso Arteaga y Malpartida, que o conhecia de vista, que tomara o trem de Mendoza esta noite — ele mesmo o vira por acaso na estação de Santiago — e que, afinal, eu próprio o reconheceria depois disso, onde quer que o encontrasse, pois não havia no mundo rosto que se

confundisse com o seu: — na dureza do bronze a bravura viril tinha uma grave doçura religiosa. Inconfundível, mesmo em sua raça.

Os bolivianos, sob a inescrutável aparência, têm, às vezes, a sábia finura dos homens mais cultivados do Oriente. Cienfuegos era um puro boliviano. Talvez porque lera em meu olhar certa simpatia pelo Coronel paraguaio, talvez porque ele próprio não era insensível ao cavalheirismo e à bravura, mesmo dos inimigos de sua pátria, convidou-me a beber o último pisco à memória de Henán Garcia Navarro, capitão da Bolívia e à saúde de Alonso Arteaga y Malpartida, Coronel do Paraguai.

Engoliu de um trago, como sempre, e despediu-se com a mesma frase de Lola Salas:

— *Era todo un macho.*

Domingo Vicuña Mackenna me esperava para a "comida", que é como se chama o jantar no Chile.

Contei-lhe minha conversa com o deputado boliviano. Imaginava, assim, desse por encerrada sua missão de Cônsul do Brasil no caso, pois resultava agora incontestável a verdadeira nacionalidade do morto. Estava comprovada, parecia-me evidente, a falsidade do segundo passaporte, que o acreditava nascido em São Luís do Maranhão, onde nem meu parente Olavo Correia Lima, que era médico e conhecia todo mundo, jamais ouvira falar dele.

Nada, porém, podia abalar a obstinada decisão do Cônsul honorário do Brasil em Punta Arenas. O homem tinha um passaporte brasileiro, portanto era brasileiro.

Meu velho amigo Pancho devia ter suas razões para respeitar documentos de identidade, falsos ou verdadeiros, desde que emitidos na forma da lei, pela autoridade competente. Continuaria, pois, sua caçada ao assassino, em nome da soberania e da honra do Brasil.

Agora, então, que estava na pista, não iria abandonar o caso. O homem embarcara no trem de Mendoza? Pois no dia seguinte, no primeiro avião das Linhas Aéreas Chilenas que saísse de Santiago, atravessaríamos a cordilheira e estaríamos em Mendoza. Com Lola Salas, naturalmente.

E assim foi. De forma que às 9 da manhã já estávamos na Argentina, pois de Santiago a Mendoza é apenas o salto da cordilheira.

Cansados, à noite deixamo-nos levar por Lola Salas à visita a uma antiga colega de profissão, que tinha casa muito bem freqüentada em Mendoza.

Conversavam as duas, quando a de Mendoza interrompeu:

— "El Coronel Malpartida, pués!"

Conhecera o Coronel em Asunción, ainda tenente, tocava guitarra como ninguém, peleava como um jaguar, e cantava com a mais bela voz de homem que já pudera ouvir, as dolentes guarânias de Concepción. Era "todo un hombre", e o havia encontrado esta tarde, *pués*, depois de não sei quantos anos, quando saía do cabelereiro. Vinha por San Martin, não, por Mendocinas, reconhecera de imediato, não há dois tipos como aquele, mais maduro e mais grave — *todo un macho* — como sempre. Falaram-se, claro. Se Alonso sempre a considerara muito, *por supuesto, claro*. Não sabia exatamente como, mas ainda aquela noite viajaria, não se lembrava para onde, mas de lá para Londrina. Londrina? No Paraná, Brasil, naturalmente, onde as mulheres e o café faziam muito dinheiro. Parecia ter alguma dificuldade com a polícia — coisa política, sem dúvida, que um homem como o Coronel Malpartida não teria outro tipo de problemas com a lei. Por isso queria atingir o Paraguai, através da fronteira livre, indo, possivelmente, de Londrina a Ponta Porã, Brasil também, Mato Grosso, onde se está no Paraguai atravessando a rua.

Desnecessário dizer que, no dia seguinte pela manhã, Domingo Vicuña Mackenna estava conosco em Los Cerrillos, cuidando de três passagens para Londrina. Era preciso alcançar o Coronel antes que entrasse no Paraguai, pois ali, como em toda parte, não há extradição judicial para os naturais do país.

Estudaram-se todos os intinerários possíveis e concluiu-se, afinal, que a conexão mais viável era de um avião peruano, que nos deixaria em Asunción, onde deveríamos esperar o dia inteiro.

Ao meio-dia, acabava de tomar meu banho no apartamento do Hotel Guarani, estendi-me na cama com saudade de Pilar Miró, de Ângela, de Manon e ainda de Laura e de Lúcia Isabella, quando meus olhos deram com o catálogo de telefones à minha cabeceira. Tive uma súbita idéia. Lá estava: Arteaga y Malpartida, A. Pedi a ligação.

Não. Não era o Coronel Alonso. Era seu irmão Aparício. Não. Não era oficial. Era historiador. Mais modestamente, um estudioso da história paraguaia. Sobre seu irmão? Como não? Com muito prazer.

E com aquela instintiva hospitalidade de sua terra — por que não agora mesmo, tomaríamos uma copa de *caña*, almoçaria com ele e conversaríamos tranqüilos.

Na varanda de sua mansão colonial, no quarteirão elegante da Avenida Mariscal Francisco Solano López, contava-me, com preciosos detalhes históricos, episódios da guerra da Tríplice Aliança, de Curupaiti, de Angostura, de Peribebuhy, Estero Rojas, da Laguna e da agonia espartana de Cerro Corá. Falou de Tuiuty, e como eu o informasse que era descendente do General Sampaio, que ali comandou os hoplitas da Divisão Encouraçada que ganhou a batalha, puxou um livro da estante de nogal e me apontou, com entusiasmo, quatro ou cinco passos da bravura de meu antepassado. Dom Aparício amava a bravura, o cheiro da pólvora, o desafio à morte. Parecia, ao descrever a Retirada da Laguna ou a carnificina de Curupaiti, um desses pintores dos grandes quadros de batalha que temos nos Palácios de governo em toda a América do Sul. Tinha o vigor de Xenofonte, numa réplica bárbara à retirada dos Dez Mil.

Da guerra do López passamos à guerra do Chaco, e foi aí que consegui falar do Coronel Alonso Arteaga y Malpartida.

Ao nome do irmão, iluminou-se o rosto do velho historiador.

Era uma longa história, que ouvi comovido, durante cerca de três horas.

Dela me basta reproduzir aqui a profunda convicção de que o Coronel era realmente um homem excepcional, pelo gênio militar, pela bravura e pelo caráter. E o episódio que me ligava diretamente aos acontecimentos em que me envolveram a vagabundagem de exilado e o Cônsul honorário do Brasil em Punta Arenas.

Senti, na voz de Dom Aparício, que ele lamentava a renúncia do irmão, mas, no fundo, estava solidário com ela. Desconfio mesmo que sua bolsa generosa e fraterna ajudara, naqueles vinte e tantos anos, a caçada humana em que se ocupava o irmão pelos quintos do Continente, e que levara o safari vingador e implacável, da selva amazônica às portas da Patagônia.

Mas era com certo melancolia que o recordava: um antepassado seu fora capitão do doutor Francia, ajudara a fundar o exército nas reduções guaranis e endurecera ao ferro e ao fogo das escaramuças fronteiriças com os caudilhos fogosos do Prata. Um outro chegara a General na tropa organizada do Doutor López, e seu avô tivera o bravo peito coberto de medalhas na guerra do Brasil, batera os imperiais na Retirada da Laguna, se cobrira de glória em Curupaiti, perdera um braço no encontro feroz de San

Solano, assistira à morte do velho Sánchez, à última bravata de Panchito ao lado do pai, e tombara ele mesmo sobre o corpo do grande Mariscal na tragédia de Cerro Corá. Seu pai, um dos reformadores do Exército, derramara sangue em todas as revoluções, e foi à ponta de sua espada que alguns Presidentes da República chegaram ao poder. Todos eles tinham seu nome no Panteón de los Héroes, e ao Coronel cabia continuar a gloriosa tradição guerreira da casa de Arteaga y Malpartida.

— *No lo quiso Dios* — concluiu — e já lhe conto.

"Como lo sabe usted — esta é a nação mais solitária da América. Depois da guerra com o Brasil, passamos a viver, sem nenhum ressentimento, dentro de nossas próprias fronteiras, com nossa honra, nossa vida grave e dura, nosso orgulho de haver lutado com bravura contra três países — e a nossa soledade. Pode não ser alegre, senhor, mas é bela e harmoniosa a soledade do povo paraguaio. Cada um de nós, o velho, o moço, o homem, a mulher, o jovem cadete da Academia Militar em seu uniforme luzido, ou o pequeno índio que lhe vende cigarros americanos no meio da rua — cada um de nós sabe compor essa soledade com o mesmo encanto com que se compõe a melodia das guarânias à guitarra. Essa soledade, nós a cultivamos. Até à morte, até na morte. Pois quando ela nos apela para o sangue, não vamos incomodar os outros, os estrangeiros. Matamo-nos entre nós mesmos, pois esta é uma terra de amor e morte, como aquela de seu antepassado, o General Sampaio. Aqui também se cantam na guitarra, em mesmo tom, o amor e a morte.

Mas isto é outra história, senhor. O certo é que a Bolívia nos fez a guerra, surpreendeu-nos quando não tínhamos mais armas que aquelas com que nos matávamos uns aos outros em nossas revoluções.

Meu irmão, jovem capitão beirando os quarenta, já fizera o estado-maior. Foi quem deu os planos da guerra à oficialidade. Ademais, era um gênio em logística, uma raposa na tática, um mestre na estratégia. Seu plano porém, era muito simples. O puro guarani. Não precisávamos senão de armas, para surrar o boliviano. Se não tínhamos armas, era preciso tomá-las de alguém. Dos amigos, não devíamos. Era clara, pois, a solução: — tomá-las dos inimigos. Nisto se resumira o plano de Alonso, e foi isto o que fizemos: — tomamos as armas dos bolivianos e os batemos com elas.

A Companhia do Capitão Alonso Arteaga y Malpartida foi a primeira a partir para o front. Levava seu único filho, Pepe. Um

rapaz paraguaio, senhor. Valia a pena vê-lo em seu garboso uniforme do primeiro ano da Academia Militar. Ia ter seu batismo de fogo, e teve-o. Como um cadete paraguaio e como um Arteaga y Malpartida. Foi a 9 de setembro de 1932.

Dez Companhias bivaquearam na Ilha Poí. A do Capitão Alonso no posto mais avançado, de onde pôde ver, no único binóculo de que dispúnhamos, a tropa boliviana que avançava na planura, com seus canhões, artilharia ligeira e artilharia pesada e Regimento de Cavalaria.

Passou o binóculo ao tenente e ao filho e disse apenas:

— *Como vienen lindos!*

O Capitão comunicou-se, a cavalo, com cada uma das Companhias que se organizaram como fortins improvisados na lama do charco. Eram dez Companhias, eram dez trincheiras inexpugnáveis. Tinham a missão de sustentar a carga boliviana até o corpo a corpo, em que arrebataríamos ao *cholo* o bom fusil de repetição e a metralhadora portátil que trazia a tiracolo.

O Capitão terminou de transmitir as ordens de comando. No galpão, à beira do Estero, se instalara o QG da Divisão, atrás das Companhias. Sobre o telheiro desse galpão, flamejava a bandeira da Pátria. E também ao pé de cada trincheira, coroada de um girão negro, colocado sobre a lança que lhe servia de mastro, em sinal de que a guarnição pelejaria até morrer.

Não adianta descrever a batalha, na qual, aliás, só a Companhia do Capitão Alonso arrebatou ao inimigo oitocentos fusis e duzentas e cinqüenta metralhadoras. E não o dizimamos totalmente, porque não tínhamos munição.

Quando a Divisão, desejosa de entrar em fogo, lhe pediu munições, o Capitão Alonso respondeu como o chileno da batalha de Rancagua:

— *Municiones en la punta de las bayonetas.*

Mas houve um episódio no começo da escaramuça. Adiantando-se de repente, à vanguarda boliviana que fazia fogo de longe, um jovem tenente de Cavalaria, fulminante como um raio, belo como um deus, no cavalo zaino mais veloz que já vi em minha vida — os zainos em geral não prestam — avançou sobre a trincheira do Capitão Alonso, arrancou-lhe da lança a bandeira da Pátria com o girão da morte, deu uma gargalhada e coberto de lama voltou no relâmpago dos cascos do cavalo.

Foi Pepe, o filho de Alonso, que saltou no primeiro potro e partiu-lhe no calcanhar. Ia quase alcançando-o, quando o boliviano virou-se para trás, rápido como maracajá, e sem fazer pontaria, desfechou um tiro seco da carabina curta.

A carga de chumbo entrou de cheio no meio do peito do rapaz. Deu um grito, que ouvimos da trincheira — eu estava lá, senhor, eu era voluntário da Pátria.

Deu um grito — "viva la Pátria!" — rodopiou na sela e esborrachou-se na lama, onde já caíra o quépi azul. Pois morreu com o uniforme de gala dos cadetes da República.

Naquela noite, os capitães comemoraram a vitória. Somente no rosto de Alonso havia uma sombra estranha de tristeza e de ódio.

Não, senhor, não era a morte do filho. Estava contente e orgulhoso com ela. Pepe — José Arteaga y Malpartida — morrera aos quinze anos a morte que sempre desejaram os melhores dos paraguaios e os melhores dos Arteaga y Malpartida. Morrera pela Pátria. Outros rapazes também morreram, como o Tenente Adolfo Aristogueta, o Tenente Robustiano Esquivel, o Tenente Facundo Martinez, na Infantaria e na Cavalaria. Não era a morte do filho que toldava os olhos do Capitão.

Era a bandeira, senhor, a bandeira da Pátria com o girão negro, arrebatada à sua trincheira pelo maldito boliviano.

Naquela mesma noite, passou a interrogar os prisioneiros que fizéramos. Mas só uma coisa queria saber: — o nome e a unidade do tenente que, afinal, por sua façanha, ficara logo conhecido e famoso no exército boliviano.

Dentro de pouco tempo sabia o que lhe bastava sobre o oficial: — era o tenente Hernán García Navarro, do IV de Cavalaria. E mais: — que sua façanha lhe valera a medalha de guerra, a promoção no front, por ato de bravura, e que jurara levar sempre consigo, por baixo da camisa, o troféu conquistado com tanto atrevimento e denodo.

O Capitão Alonso caçava o IV de Cavalaria da Bolívia em todo o front, até que um dia o encurralou numa sanga dos banhados, ao pé da serra de Pilcomayo, e o aprisionou, depois de sangrenta luta, com toda a oficialidade que escapara à matança. Mas o Capitão Garcia não estava. Mal ferido num dos primeiros dias da guerra, na batalha de Aliguatá, fora transportado, esvaído em sangue, a um hospital de campanha, e depois a Cochabamba, onde afinal se recuperou, ficando, porém, inutilizado para a dura vida da Cavalaria. Pediu, posteriormente, e obteve, transferênca para a Força Aérea, onde chegou a Coronel, terminando exilado na Amazônia brasileira, por uma dessas freqüentes revoluções bolivianas.

Quanto ao Capitão Alonso, ferido três vezes, nunca baixou ao hospital, seus atos de bravura se tornaram legendários e suas promoções se fizeram quase semana à semana. Ia receber, dentro de três ou quatro dias, das mãos de Estigarríbia, as estrelas de General, quando, sem explicar nada a ninguém, surpreendeu o Estado-Maior, o Exército e a República, com seu pedido de transferência para a reserva.

Queria dedicar-se a uma única tarefa: — matar o boliviano e recuperar a bandeira nacional com o girão da morte de sua Companhia.

Não. Não era a perda do filho que queria vingar. Entendia que o rapaz morrera bem e o boliviano o matou bem, conforme as boas leis da guerra. Era a bandeira da Pátria, aviltada à mão do oficial boliviano. Há mais de vinte anos o caça por toda a América, vencendo penúrias e fadigas, pois jurou não morrer enquanto não desagravasse a afronta. Quanto a mim, não sei onde andará no momento, mas, à honra de meu pai, estou certo de que cumprirá o que jurou. E o há de fazer harmoniosamente, como se ouvisse uma cantiga das de nossa terra. *"Es todo un paraguayo, todo un hombre"*.

Bebemos o último copo da excelente *caña* paraguaia de Dom Aparício, ao som de uma polkinha assuncenha na vitrola, à memória de Pepe e à saúde do Coronel Alonso Arteaga y Malpartida.

Nem o relato dessa história demoveu Domingo Vicuña Mackenna. Para o Cônsul honorário do Brasil em Punta Arenas, havia uma verdade irrefutável: o passaporte brasileiro de Fernando García. E um dever supremo: a defesa de um cidadão da República.

Assim é que já na manhã do dia seguinte, sempre com Lola Salas a reboque, desembarcávamos, não em Londrina, mas em Pedro Juan Caballero, e nos instalávamos do outro lado, em território do Brasil, em Ponta Porã.

Hospedei-me na confortável casa de meu amigo Miguel Marcondes, que fizera nome e fortuna como o melhor cirurgião daquelas bandas do extremo oeste.

À hora da chegada do avião de Londrina, postamo-nos os três, Lola, Domingo e eu, à entrada da longa Avenida Guia Lopes, por onde se unem Ponta Porã e Pedro Juan Caballero, o Brasil e o Paraguai.

Para honra de Lola Salas, devo dizer que ela não cometeu a vileza de esticar o dedo para apontar o Coronel. O próprio Dom Domingo o reconheceu. E eu mesmo não contive a emoção, quando vi aparecer na esquina seu vulto inconfundível. Já não era jovem. Mas andava com a firmeza de um potro e a doçura de um felino. Quando passou por nós, pude fitar-lhe o sereno rosto inesquecível. Tinha uma espécie de alegria adolescente e pura na boca bem cortada. Seus olhos faiscaram perspicazes. Reconhecera Lola Salas com seus velhos cabelos-cor-de-rosa. Estugou o passo e distanciou-se rápido. Tentei deter Dom Domingo, que correu para alcançá-lo.

Abordou-o, deu-lhe voz de prisão, ainda em território brasileiro, a quinze ou vinte metros da divisa paraguaia.

O Coronel estacou um instante. Depois, sem perder a compostura, sem violência, com poderosa dignidade, afastou de sua frente o importuno.

Corri para conter o Cônsul. O Coronel não olhou para trás. Domingo Vicuña Mackenna, antes que eu pudesse contê-lo, lhe desfechara três tiros de pistola pelas costas.

Cambaleou, caiu pesadamente ao solo, arrastando-se, arrastando-se, até pousar o corpo no chão paraguaio de Pedro Juan Caballero. Com a cara tombada de frente, a boca cheia de sangue e da terra de sua terra, parecia morder o torrão e a relva.

Apressei-me em acudi-lo. Miguel Marcondes providenciou urgente a remoção para seu pequeno hospital. O paraguaio pediu que o deixassem morrer do outro lado, mesmo no meio da rua, sobre a terra de sua terra. Mas o médico achou que devia tentar a operação.

Pediu, então, que chamassem o Vice-Cônsul paraguaio, que não tardou em chegar.

Disse-lhe qualquer coisa em guarani, o Vice-Cônsul começou a escrever:

— "A Dom Aparício Arteaga y Malpartida, para entregar ao Capitão Comandante da Segunda Companhia do Regimento de Cavalaria El Supremo..."

Neste momento, uma golfada de sangue apagou-lhe a palavra e a vida. A pedido meu, Miguel Marcondes advertiu a enfermeira que não lhe limpasse o rosto. Porque era belo e patético assim, coalhada em seu sangue e em sua boca a cavalheiresca terra paraguaia. Por sua bandeira, cerceada com o negro girão do luto, símbolo de que pelearia até à morte, vivera e morrera o Coronel Alonso Arteaga y Malpartida.

No hall do hospital — um entrava, o outro saía — cruzaram-se friamente os olhos do Vice-Cônsul paraguaio e do Cônsul honorário do Brasil em Ponta Arenas. O Vice-Cônsul olhava a pistola que o Cônsul honorário ainda tinha na mão como siderado. E pensava na inesperada incumbência que teria de ocupá-lo, imediatamente, junto à Polícia de Mato Grosso, em defesa da honra e da soberania do Paraguai.

Dom Domingo Vicuña Mackenna fitava, com ar incompreensível, o pequeno embrulho que o Vice-Cônsul levava, com a unção de quem transporta uma imagem sagrada.

Porque naquele poído e manchado pedaço de pano estavam as cores de sua Pátria, a alma do Chaco, o suor de um capitão boliviano e o sangue de um Coronel paraguaio.

Viña del Mar, Chile, 1964

a Edna e Gerson Mourão

PIERO DELLA FRANCESCA

ou

AS VIZINHAS CHILENAS

Where love did sometime go...
Joyce

O povo chileno goza, em toda a América, da fama de ser cavalheiresco, amável e acolhedor. Nem por isso deixou de ficar ligeiramente surpreso quando as duas garotinhas — teriam seis ou sete anos — lhe bateram à porta do solitário apartamento onde acabara de instalar-se, para transmitir um recado: — a *mamita* o convidava para o chá.

O chá das cinco é uma instituição nacional no Chile, e a *mamita* é uma jovem e formosa senhora, entre os vinte e nove e os trinta, de olhos verdes num rosto moreno e aqueles cabelos de profundo negro, que são também uma instituição nacional, ou, pelo menos, um delicioso privilégio das mulheres chilenas.

Entrou, com esse discreto toque de timidez que só os *habitués* da vida mundana sabem dar à sua desenvolta naturalidade.

Eram duas as vizinhas chilenas, pois a outra, da grande casa amarela, também estava lá, na pequena sala de Teresa, entre a porcelana e os *cakes*.

No primeiro momento, com seu velho faro de caçador de mulheres, fez-se um pouco perplexo, apalpando o terreno: pois não conseguira perceber se Maria Eulália estava lá para esperá-lo também, ou se apenas ajudava Teresa a esperar.

Raimundo Pessoa havia chegado ao Chile dias antes. Chegado — não é bem o termo. Ancorado — seria mais exato. Como um desses fatigados navios de aventura que escolhem um pequeno porto e ali baixam a âncora, sem saber exatamente quanto tempo têm de aguardar a carga que lhes emprenhe os porões — havia ancorado perto de Valparaíso, em plena costa do Pacífico, na amorável praia balneária de Viña del Mar.

Pelo menos, era assim que o descrevia em carta a sua amiga Lúcia Isabela, enfatizando a "plena costa do Pacífico", que lhe parecia dar à viagem um prestígio de aventura, e satisfeito com a imagem literária do navio cargueiro mais ou menos sem destino. Pois também ele estava mais ou menos sem destino. Na verdade, nem procurava destino algum no momento.

Estava apenas cansado.

Deputado federal, engajado a contragosto na mediocridade da política brasileira, vira cair a república nas calendas de abril de 64, e, pressionado ou impressionado com a vicissitude que o alcançava, homem de bom gosto, consultou sua conta bancária, tomou um avião e foi esperar na Europa que amainasse a tempestade. Passeou seu tédio entre poetas e prostitutas de Paris e, embora viajado e de refinados hábitos do mundo, cometeu mais ou menos todos os lugares-comuns do turista sul-americano na Europa.

Encantou em Munich o salão e a alcova de uma picante condessa alemã, com suas histórias pitorescas do trópico e o brilho fácil de sua inteligência superficial. Pagou o hotel de uma dançarina grega em Frankfurt, dormiu com duas estudantes alemãs em Hamburgo, experimentou as meninas de Copenhague e trouxe de Estocolmo uma esgalga sueca de olhos verdes, que voltou de Paris, onde terminou sua viagem com Césarine, jovem princesa africana do Senegal. E onde, finalmente, leu os jornais brasileiros e acreditou poder voltar à Pátria, tranquilizados os dois: — ele e ela.

Ledo engano! Pois logo no dia seguinte à sua chegada foi colhido pelo coice da repressão primária e ignorante, que abusou da mais truculenta prepotência política, tentando envolvê-lo em odiosos inquéritos — dizem que para vingar-se dos cornos com que enfeitara há tempos a testa de um deputado baiano da nova ordem.

Raimundo era um homem discreto, cavalheiro perfeito, defendeu-se das incriminações caluniosas do inquérito, mas nem de longe se referiu às possíveis implicações femininas do caso.

Não cheguei a conhecer a mulher do corneado, nem tenho qualquer elemento para julgar de sua reputação. A de Raimundo era boa em matéria de mulheres. Ainda assim, ponho em dúvida essa versão, pois o outro, ao que apurei, era um pobre diabo, sujo por dentro e por fora, e dificilmente teria tido amante ou mulher capaz de interessar a um homem do asseio corporal e erótico que distinguia Raimundo.

O certo é que o resultado de tudo isso foi um indignado discurso na Câmara contra a violência e a repressão e, em seguida, essa viagem ao Chile, onde pretendia descansar de tudo e de todos.

Nem se deteve em Santiago. Rumou diretamente do aeroporto de Cerrillos para a elegante praia de Viña del Mar, onde alguns amigos, atentos também à recomendação de um vago escritor dinamarquês e de uma condessa italiana então em Lisboa ou Veneza, lhe haviam reservado o refúgio de um pequeno e escondido apartamento ao pé de Água Santa.

À porta desse apartamento é que a garotinha loura, com olhos de querubim, lhe foi levar o inesperado convite da vizinha chilena. Não se impressionou ao verificar que as vizinhas eram duas. Somente mais tarde começou a perturbar-se, quando se deu conta de que as duas vizinhas chilenas eram três.

O convite, é verdade, a princípio lhe pareceu estranho. Não conhecia ninguém na rua, nem fizera por onde. Nem sequer cumprimentava as pessoas de seu próprio edifício e evitou, mesmo, duas ou três vezes, o olhar suspeitamente fixo com que o costumava fitar a loura iugoslava do andar superior.

Precisava de um pouco de solidão e de silêncio. Não apenas para repousar, mas também para certas tarefas que se propusera. Primeiro, pretendia redigir um violento manifesto político contra a truculência desencadeada em seu país. Pensava, com esse documento, que escrevera mais ou menos tediosamente, dar uma satisfação a amigos e correligionários e, ao mesmo tempo, despedir-se da política, cuja mesquinhez já lhe repugnava irremediavelmente. Repugnava, embaraçava sua vida de sibarita e sua vocação de escritor. Precisava, ademais, desses lazeres, para terminar uma famosa novela, começada há mais de dois anos e insistentemente reclamada pelo editor e pelos amigos.

De forma que não queria contrair qualquer espécie de compromisso. Estava, mesmo, cansado de tudo, como escrevera a seus colegas de Câmara, Antônio e Miguel, a quem aconselhara também resignar à política e ir criar bois em suas belas fazendas de Mato Grosso e plantar algodão nos sertões da Mombaça.

Estava cansado até das mulheres, que sempre haviam sido seu ofício e profissão. Ao menos por uns tempos, queria descansar delas também. Pois a verdade é que sabia dar ao amor toda a ternura e todo o vigor de sua vida. Era todo ele um herói lawrenciano, iluminando por inteiro o corpo e a alma com as mulheres que amava, com aquela ternura fálica de que só são capazes os grandes amantes.

Não. Queria descansar das mulheres também, e isto mesmo dissera a Ângela num derradeiro e melancólico passeio de automóvel e a Lúcia Isabella no dorido caminho do aeroporto.

Com estes sentimentos entrou, pela primeira vez, naquela tarde, na pequena sala de Teresa, onde já se encontrava Maria Eulália entre as porcelanas e os *cakes*, e onde ainda não estava Rosa Maria Bandera.

Apresentaram-se com a mesma encantadora naturalidade com que se justificaram: — viam-no sempre tão solitário, que tiveram a idéia de convidá-lo para o chá.

Teresa, com seu rosto moreno e seu cabelo de um negro quase azul, explicou, astuciosamente provocada por ele: — as crianças são louras assim porque o pai era alemão.

Houvesse ainda alguma dúvida sobre o exato e claro emprego do pretérito imperfeito, ali estava no dedo anular da mão esquerda, que colhia um desses deliciosos *kuchen* chilenos, e que os olhos perspicazes do experiente tratador de mulheres prontamente encontraram, a dupla aliança da viuvez. E mais do que isto: a vaga e repentina nostalgia de macho que desceu sobre os verdes olhos de Teresa e contaminou suavemente o rosto sonhador de Maria Eulália que, não teve dúvida, era solteira, pois em seus olhos castanhos brilhava, ao mesmo tempo enternecida e cruel, a melancolia de ainda não haver encontrado o amor e a alegria de não haver ainda perdido, como Teresa, uma chance que pode ser única na vida.

Raimundo percebeu que a delideza do convite ao chá não se motivara apenas na pena por sua solidão. Era da própria solidão que elas buscavam escapar.

Fez, intimamente, algumas conjecturas sobre qual das duas estaria interessada em sua presença. Pois, mesmo quando não se dão conta disso conscientemente, o contato de um homem estranho sempre sugere às mulheres uma atmosfera de alcova ou de encontro clandestino. Porque no mais profundo, no mais misterioso e no mais sagrado de seu instinto, o que sempre buscam, no encontro com um homem só, é a possessão do mistério fálico do

macho. Sabem, com a ciência do sangue que guardam nas veias ou do sangue que perdem entre as coxas, que só aquela possessão é capaz de lhes dar vida própria ao corpo que, sem ela, belo como seja, não consegue mais que a pobre vida vegetativa de uma planta estéril.

Qual das duas? — pensou vagamente. Pois também o macho, o homem que ainda não morreu dentro de si mesmo, só se aproxima inicialmente de uma fêmea pelo movimento dessa bússola fálica que busca o norte de sua estrela de relvas.

Qual das duas?

O certo, porém, é que não se deteve muito sobre o problema: estava cansado das mulheres. Por outro lado, com sua experiência, com a vigorosa densidade que sempre punha no exercício do amor, não se seduzia mais com a simples aventura animal de ter uma fêmea por uma noite. Mesmo quando isto lhe ocorria, entregava-se de tal forma à companheira ocasional, animava com tanto fervor, com tanta sinceridade, a amorosa farsa, que até sobre uma cama de bordel fazia erguer-se, de súbito, por algumas horas, uma patética paixão.

A cada encontro desses, ele deixava um pouco de si e voltava sempre com o coração mutilado. E mais de uma vez a companheira de uma dessas noites, embriagada à farsa cruel, vinha bater à sua porta, no dia seguinte, acreditando-se a única, a primeira amante de sua vida.

Sofria com tudo isso. Queria descansar.

Deixou, assim, correr docemente a conversação, cuidando para que não tivesse maiores conseqüências que a de uma amável cordialidade entre vizinhos.

Despediu-se, convidando as duas — Rosa Maria Bandera ainda não se apresentara — para um jantar que se combinaria depois.

Jantaram numa boa casa chinesa de Valparaiso, onde, ao calor da palavra fácil, da incongruente música da China e de um generoso *reservado* das vinhas de Tarapacá, a conversa formalizada não tardou a tornar-se íntima.

Terminaram a noite num cabaret do porto, entre o sórdido e o pitoresco, onde os marinheiros de todas as raças do Pacífico se embriagavam no pisco com as fatigadas prostitutas e maduras *vedetes* de *strip-tease*, de seios melancólicos e nádegas caídas.

Para a recatada viuvez de Teresa, a visita parecia inédita. Senão chocante, pelo menos, surpreendente e inesperada. Maria Eulália, que tivera a idéia do programa, comportava-se com a superioridade mais ou menos estudada das moças contaminadas pelos hábitos e sentimentos dos jovens artistas de sua geração, com os

quais mantinha estreita convivência. Era ela mesma inclinada às atividades artísticas, com interesse e boa informação sobre coisas de pintura.

Acariciando levemente a nuca, ora de uma, ora de outra, não tardou Raimundo em pisar no terreno das confidências: — eram ambas rigorosamente castas. Teresa, desde a morte do marido, não conhecera homem. E Maria Eulália ainda não ousara. De um lado, era o conflito de seu espírito rebelde de moça independente, com a sólida formação católica recebida no lar — conflito que lhe trazia freqüentes crises de consciência e vacilações na própria fé religiosa, mas nos quais acabava sempre vencendo a aguda lembrança das virtudes e das advertências da mãe piedosa.

— Por outro lado — explicava com afetada superioridade intelectual — talvez não tenha ainda dado o passo por pura hipocrisia.

O velho faro do caçador de mulheres, porém, não se enganava com uma nem com outra. Teresa alegava suas convicções religiosas e seus deveres de mãe, com uma reputação a zelar, quando mais não fosse, pelo destino de três filhas menores, a cuja formação se dedicava com admirável heroísmo e dignidade exemplar.

Talvez elas mesmas acreditassem no que diziam.

Mas Raimundo Pessoa, que tinha quarenta anos de mulheres, como outros têm quarenta anos de medicina ou de literatura, Raimundo Pessoa, a quem jamais mulher alguma, viúva, solteira ou casada, convidara impunemente para tomar um chá — nem mesmo aquela aristocrata alemã em plena lua-de-mel em Veneza — Raimundo Pessoa sabia o que elas mesmas ignoravam, talvez sinceramente. Pois, na verdade, nem era o terror do pecado, nem a hipocrisia, nem o preconceito, nem a reputação familiar que as detinha.

Era apenas aquele egoísmo ambicioso e imoral, que é, possivelmente, um pecado maior que o doce pecado do amor, e que, paradoxalmente, defende, muitas vezes, a virtude das mulheres e a guarda do sexto mandamento, nos países latinos.

Pois o que continha Teresa era apenas o desejo de casar-se de novo, precisando, para isso, manter intato seu nome de viúva austera. Como o que freava Maria Eulália, era a esperança romântica de todas as moças de sua idade, de encontrar o príncipe encantado, o noivo, o marido confortável, que poderia ser um desses honrados burgueses para os quais a perda da virgindade deve condenar a mulher, para sempre, ao castigo da solteria.

Não era, assim, a virtude — era o pecado, o torpe e mesquinho pecado do mais interesseiro egoísmo que as mantinha castas.

Falou-lhes vagamente do assunto, acariciou-lhes de novo, levemente, a nuca e os joelhos, ousou um beijo superficial, apenas

pelo dever de ser galante, pois é sempre grosseiro para um homem não cortejar, embora em termos, as mulheres com quem sai a jantar. Não quis, porém, aprofundar-se. Não seria cavalheiresco nem decente perturbar a vida e os planos de duas amigas tão amáveis e generosas. Depois, não queria complicações nem compromissos. Queria repousar. E, repetia-se a si mesmo pela centésima vez, estava cansado de mulheres.

De forma que, intatas como as levara, deixou em casa, pela madrugada, as duas vizinhas chilenas, que ainda não eram três. Pois até àquela noite ainda não chegara Rosa Maria Bandera.

Dias depois, encontraram-se de novo. Era o aniversário de Teresa, e ele não faltou ao drink noturno que reuniu em sua casa o pequeno grupo mais ou menos ruidoso de parentes e amigos. Portou-se com certo ar reservado, sorrindo vagamente às senhoras e atencioso com os homens, falou por alto, quando indagado, da política de seu país e de suas ocupações literárias, como se fizesse questão de não aparecer muito e de manter, com estudada reserva, aquele ar de curiosidade e benevolente simpatia que cerca os estrangeiros nessas ocasiões.

Já era madrugada quando se retiraram todos, quase ao mesmo tempo. Levantou-se também para sair, quando Teresa lhe pediu que esperasse. E ao despedir o último convidado, insistiu em que se demorasse mais um pouco, pois só agora é que podiam estar em intimidade e conversar livremente.

Sorriu com certa alegria interior, afundou-se no divã macio e engoliu um trago áspero de pisco. Na sala, restavam apenas Teresa, Maria Eulália e uma terceira mulher — mas que não era Rosa Maria Bandera, pois Rosa Maria Bandera ainda não havia aparecido.

Ao acender o cigarro da terceira mulher, tremeu-lhe ligeiramente o fósforo nos dedos e à sua chama viu brilharem os olhos da fêmea sagaz. Sentiu, de repente, um arrepio no corpo, como se, mesmo contra a sua vontade, começasse a espreguiçar-se dentro dele, pronto para rugir de novo, o sonolento leão do sexo que deixara adormecer. Ao seu hálito de macho, único macho no penumbroso canto da sala, o pássaro do amor parecia, desferido o vôo das três estrelas de relva entre as coxas frementes, pousar sua asa palpitante nas pupilas das três mulheres.

Mas Raimundo Pessoa, que tinha quarenta anos de mulheres como outros têm quarenta anos de medicina ou de literatura, Raimundo Pessoa não se enganava: — em Teresa e Maria Eulália havia apenas o desejo. A terceira mulher era a única na sala que conhecia o amor.

Fosse qual fosse sua condição — suas possíveis tristezas e solidões — era a única ali que já experimentara a plena alegria de viver, cujo corpo não parecia morto como o das outras, pois já fora tocado, golpeado de vida nos braços vigorosos de seu macho. Não o vira de perto, não sabia dizer se esse macho era capaz de acompanhar o fremente fervor que aquela frágil e cálida fêmea lhe oferecia nas entranhas.

O certo é que, na chama daquele fósforo, cruzaram o olhar e estavam entendidos: — eram, na sala, os únicos iniciados nos mistérios da ternura fálica. Os únicos que podiam morrer, pois haviam fruído no sangue a alegria da vida.

Respeitaram-se os dois, e ele a afastou dos olhos e do pensamento, como um animal perigoso. Precisava repouso, estava cansado de mulheres — repetia-se a si mesmo mais uma vez.

As confidências foram se fazendo mais íntimas madrugada a dentro. Seu instinto de profissional de alcovas não o enganara mesmo. Discutiu-se a virgindade de Maria Eulália, ficou-se sabendo que Teresa, casada, fecunda, boa esposa, nunca conhecera o amor, nunca chegara a "acabar" — como dizem as chilenas — nos braços de um marido inexperiente e jovem, a quem julgava amar, por certo, mas que não fora capaz de mergulhar com ela no abismo do êxtase. Por isso, há tantas mulheres que chegam ao fim da vida em lares aparentemente confortáveis e felizes, mas que, no fundo, apenas mantêm com seus maridos uma espécie de coexistência pacífica. Terminam como dois desconhecidos sob o mesmo teto, trocando entre si, ao correr dos anos, nada mais que as palavras convencionais da cortesia matrimonial, quando são pessoas educadas, e as fórmulas desgastadas da rotina. Desses casais dizia Léon Bloy que ficarão petrificados de espanto — milhões de maridos e esposas que viveram juntos dezenas de anos — quando se encontrarem na eternidade e se fitarem e não se reconhecerem. Como dois estranhos. Porque não se conheceram na fonte da vida: — no verão, na primavera, no outono, no agasalhado inverno do coito de uma noite de amor.

Na madrugada do penumbroso canto da sala de Teresa falou-se, longamente, dos mais reservados aspectos do amor e das relações entre o macho e a fêmea, em termos e detalhes que nenhuma das três mulheres ousara antes ou pudera ouvir. Nem mesmo com seus maridos.

Ele, porém, o fazia, com certa crueldade e com a fria mestria de um especialista, deleitando-se, sadicamente, com aquela experiência nova, espécie de *"experientia in anima nobile"*. Satisfeito de poder domar e hipnotizar o leão rugidor do sexo insaciável. Desse sagrado sexo que dele fizera todo um macho.

Precisava de repouso. Queria descansar.

Quando se retirou, cantavam já os primeiros pássaros da manhã entre as rosas do jardim de Maria Eulália e os cravos de Teresa. Como cantam os pássaros entre as flores de Viña del Mar, cobrindo as fêmeas de galho em galho.

Ao despedir-se no pequeno portão verde, um arrepio percorreu-lhe a pele. Estremeceu. E não pôde saber se era do frio matinal que corta o ar na primavera do Pacífico, ou da impressão que estranhamente o dominou. Pois parecia ver, como um sopro, quase como uma figura material, a presença impalpável do amor que flutuava na porta de Teresa, nas plantas do jardim, no canto dos pássaros matinais. E, mais que tudo, nos olhos ao mesmo tempo fulgurantes e adormecidos das três mulheres.

Inquietou-se um pouco, beijou-lhe polidamente a mão, àquela refinada maneira brasileira que sempre deixava levemente surpreendidas e encantadas as duas vizinhas chilenas. Pois Rosa Maria Bandera ainda não havia aparecido.

Recolheu-se ao seu pequeno apartamento. Deitou-se, apagou a luz de cabeceira. Precisava descansar.

Deteve-se, não sabe quanto tempo, naquela indefinida faixa de relaxamento dos músculos e do espírito que costuma preceder o sono. Mas o sono não chegava. Mudou de posição, ordenou melhor os cobertores, respirou profundamente, liberou completamente os músculos, como aprendera nas instruções de yoga que lhe dera Lúcia Isabella. Continuava, porém, a remover-se na cama e não conseguia dormir. Tinha, como sempre, a *Divina Commedia* à cabeceira, tomou o Canto 1º, do Inferno, e começou a ler. Também a boa leitura é excelente para o sono, transportando-nos docemente para o mundo dos silêncios misteriosos ou dos harmoniosos rumores que prefiguram o reino dos segredos surreais da letargia. Começou a ler o Dante. Mas ao aparecer a sombra de Virgílio, nas alturas do verso 66,

— *qual che tu sii, od ombra...*

sentiu insinuar-se, quase pousar à beira de sua cama solitária, aquela sombra do amor que vira deslisar-se pelo jardim de Teresa.

As palavras do poeta divino, com todo

— *lo bello stille che m'ha fato onore* —

se misturavam com as próprias palavras de sua conversação no pequeno recanto da sala onde entretivera, além da visitante, as duas vizinhas chilenas — pois Rosa Maria Bandera ainda não havia aparecido.

Deixou cair o livro das mãos, entre os versos 70 e 75, à voz de Beatriz:

— *amor mi mosse, che mi fa parlare.*

Teve de súbito a impressão de que, a noite inteira, a madrugada inteira, cansado dele e dele querendo descansar, era a força do amor que havia movido todas as suas palavras.

Surpreendeu-se murmurando para si mesmo:

— *amor mi mosse, che mi fa parlare.*

Veio-lhe a impressão de que pertencia a uma raça privilegiada e atormentada de homens que só no amor de uma fêmea podem achar a vida.

Mas não. Conhecia todas as mulheres e não a havia encontrado. De resto, estava cansado. Cansado de tudo e de todos, cansado da política, cansado das mulheres. E murmurou com enfado:

— amor, amor amor ... — Como quem dissesse — words, words, words... — E repetiu: —amor, amor, amor.

De súbito, lembrou-se de que estas eram as três primeiras palavras dos três tercetos de Francesca, no verso 100, do Canto V:

— Amor...

Amor...

Amor...

E como uma lâmina entrou-lhe na memória e coração o segundo terceto imortal:

—*Amor, che a nullo amato amar perdona.*

Veio-lhe, de início, um vago receio, depois um terror pungente de que o amor nunca o deixasse descansar, não perdoando jamais aos seus eleitos o privilégio de sua eleição — a única que fixa os seres para a vida e para a morte. A única que nos pode dar a vida e fazer-nos dignos de uma e de outra.

Mas conseguiu, afinal, afastar essas idéias, cerrar a luz e os olhos e adormecer. Porque, realmente, estava cansado.

No dia seguinte recebeu cartas do Brasil. Afastou, repugnado com a política, os recortes de jornais que lhe enviavam, e mergulhou no trabalho da novela que estava terminando.

Enquanto preparava o detestável café solúvel que se bebe no Chile, lembrou-se, como saudade, do aromático café de seu país e do conforto de sua casa. Começou a doer-lhe um pouco a despovoada solidão de seu apartamento: pela primeira vez, depois de longos anos, passara tanto tempo sem uma fêmea a seu lado. Lembrou-se de Lawrence e daqueles rudes, bravos e prevenidos amigos de Alagoas, que não sabiam sentar-se em qualquer lugar, que não tivessem o revólver pronto e uma parede às costas. Só assim se sentiam seguros. Ele também era dos que não sabiam sentar-se no mundo sem ter uma fêmea atrás dos ombros.

Esqueceu, porém, rapidamente, essas divagações, pois estava cansado de mulheres e precisava terminar seu romance.

À tardinha, a pretexto de qualquer coisa, buscar um livro ou convidar para o chá, Maria Eulália veio vê-lo. Estava acompanhada por uma amiga, a quem recebeu sem maior atenção. Acomodaram-se as duas no velho sofá que encontrara no apartamento alugado, ajeitou-se numa cadeira, e só então Maria Eulália, desculpando-se, lembrou-se de apresentar a outra. Só então também fitou-a no rosto. Perdeu os olhos de seu rosto para o broche que tinha entre os seios: — um desses medalhões italianos, certamente antigo, primorosamente trabalhado, em esmalte azul e vermelho. Um perfil de mulher, de Piero della Francesca. Recordou-se, no mesmo instante, do original que vira tantas vezes em Florença, no Palazzo Vechio ou nos Uffizi. Passou os olhos do rosto dela para a gravura esmaltada, e desta para seu rosto novamente.

Era Rosa Maria Bandera.

A conversa foi mais ou menos convencional. Mas ao curvar-se para examinar o medalhão oval de Piero della Francesca, arfaram-lhe os pequenos seios e teve a impressão de que ela respirara mais fundo, como se sorvesse o aroma da lavanda silvestre de seus cabelos secos. Ele, pelo menos, sem qualquer movimento intencional, por puro instinto, dilatou as narinas que lhe roçaram os cabelos negros, perto de sua pele, de onde lhe veio e pareceu descer-lhe pelo sangue, pelo corpo todo, como um frêmito e como um torpor ao mesmo tempo, aquele misterioso perfume que as mulheres costumam esconder atrás da orelha.

Deteve-se um instante, meio pensativo, meio distraído, vagamente sério, como se põem as mulheres, quando volvem um pouco a cabeça de lado e acariciam a orelha com o dedo úmido de perfume.

E quando Rosa Maria Bandera o fitou, com aquele claro sorriso de moça que se despede da meninice, teve impressão, não propriamente de já ter visto, mas de já ter imaginado aquele rosto. Tinha a mesma névoa diáfana e a mesma cor lavada que faz a lírica atmosfera dos perfis florentinos de Piero della Francesca. Como o oval esmaltado de azul e vermelho entre seus seios: uma beleza ao mesmo tempo fria e ardente, com um rasgo de tragédia nos olhos de ouro, dura como um cristal na geometria de suas linhas e branda e frágil como uma rosa.

Saíram juntos — ele tinha que ir com Maria Eulália a Valparaíso — e ela desceu do ônibus no meio do caminho.

Foi então que se deu conta de uma impressão inteiramente nova: desde o momento em que ela desceu, parecia-lhe que faltava alguém no ônibus. Que o ônibus estava vazio, presente nele apenas o sopro estranho e dominador de sua ausência. Quando desceu também, um pouco adiante do monumento de Cochrane, sentiu que um arrepio lhe eriçava os pelos do braço, granulando a pele. Mas não era a fria brisa marinha que soprava da *caleta*. Era aquela rara e impalpável presença da madrugada à porta de Teresa, quando cantavam os pássaros matinais.

Era Rosa Maria Bandera.

Quando voltou para casa, não queria mais pensar nisso. Tinha muito que fazer, e estava cansado, cansado de tudo e de todos, inclusive das mulheres.

Parecia-lhe estranho, entretanto, que não lhe saísse da cabeça o perfil de Piero della Francesca. Identificava, talvez, no subconsciente, o retrato da formosa florentina e o rosto de Rosa Maria Bandera. Procurou, nas livrarias de Viña del Mar, todas as gravuras da Renascença italiana, para adquirir uma cópia do retrato, mas não encontrou. Nem referências nos livros que tinha à mão — Salomão Reinach, Jakob Burckhardt, os grandes conhecedores da Renascença. Tentou lembrar-se pelo menos do nome da mulher pintada por Piero della Francesca, na doce impressão de que assim guardaria consigo alguma coisa de sua presença. Mas a memória lhe falhava. Recorreu a amigos, descreveu o quadro, todos o conheciam, mas ninguém se lembrava do nome. Nem mesmo Tito, que conhecera todos os museus da Itália, nem Cláudio, que era uma enciclopédia viva nesses assuntos, nem o próprio Miguel que em outros tempos chegara até a copiar um esboço da pintura. Lembrou-se, afinal, da prodigiosa memória de Alberto. Era o retrato de Catarina Sforza.

Ninguém compreendia porque aquele súbito interesse pelo nome de Catarina Sforza.

Ele mesmo, certo de que ia manter-se por algum tempo afastado das mulheres, não ousava dar-se conta de que não se tratava de Catarina Sforza, mas de Rosa Maria Bandera. Pois parecia-lhe estar alimentando uma secreta e remota paixão por uma estranha mulher que vivera há cerca de quinhentos anos, que se casara com um sobrinho do Papa, depois, com um simples soldado e, finalmente, com um Giovanni di Medicis, que se encerrara no castelo de Santo Ângelo e que, com certeza não irá ressurgir de seu túmulo

de mármore para casar-se pela quarta vez com um exilado brasileiro nas praias do Pacífico.

O certo, porém, é que insistia todos os dias, discretamente, com Maria Eulália: — por que não convidava a amiga para saírem a jantar uma noite dessas?

Combinaram, afinal, encontrar-se uma noite, à saída do cinema. Teve tão pouca sorte que, ao se encontrarem, foram assaltados por um grupo de amigos para uma alegre rodada de vinhos. Permaneceu todo o tempo, vago, distante, eufórico com a agradável companhia dos amigos, mas embevecido apenas com a presença de Rosa Maria Bandera, embora nem lhe pudesse falar durante a reunião. Estava quase feliz, porém, somente por haver conseguido, ao ajeitar-lhe a cadeira, tocar de leve o rosto em seus cabelos e sentir-lhe o cheiro limpo e fresco. E afinal — pensava — era melhor assim, pois queria descansar das mulheres. O providencial convite dos amigos o salvara talvez de um encontro que seria o início de possíveis complicações amorosas, que botariam por terra todos os seus planos de repouso, envolvendo-o numa nova aventura.

É verdade que, por um momento, lhe passou pela cabeça uma inesperada convicção, inteiramente irrazoável, ilógica, mas com toda a magia daquela certeza intuitiva dos que são capazes do amor, de que não se tratava de uma aventura.

Trata-se — disse consigo mesmo — de Rosa Maria Bandera.

O refrão daquele nome não lhe saía dos lábios, durante todo o percurso. Pois foram caminhando a pé — iam pela mesma rua — ela dormiria na casa de Maria Eulália. Detiveram-se no jardim para olhar o céu. Era lua cheia no céu de porcelana azul da costa do Pacífico. Ela olhava as estrelas com seus olhos de ouro e a lua lhe banhava a pele. Quando passou a mão pelos cabelos, viu-lhe, um instante, uma nesga pálida da nuca. Depois, o rosto, aquele rosto, que uma tristeza vaga e a frouxa luz do luar faziam mais belo.

Acariciou-lhe levemente os cabelos e sobre o negrume deles seus dedos tinham, ao clarão do luar, uma cor fantástica, um tremor diferente, que jamais conhecera ao tocar outra mulher.

Começaram, não sabe como começou, a falar do amor e da virgindade.

Ela estava saindo da ligeira decepção de um namoro desfeito.

O velho faro do experimentado caçador de fêmeas se dilatou nas narinas de Raimundo Pessoa na noite enluarada. Não se enganava. Aquela mulher, quase uma adolescente, estava talhada

para o amor. Com todas as suas forças o buscava, o havia buscado fervorosamente até na frustrada experiência do inconseqüente namoro de que estava saindo com certa nostalgia.

Ela mesma talvez ainda não o soubesse, mas a coragem do amor, nas entranhas de seu ser, de seu desejo de vida, era mais forte que o egoismo, que a timidez, que a prudência. Tinha, no sangue e na alma, a pureza daquele adolescente do Evangelho, que tivera forças para ouvir e cumprir o chamado do amor: — "se me amas, deixa tudo, deixa o cadáver de teu pai, deixa que os mortos enterrem os seus mortos, e vem."

Era da raça dos que têm força para deixar os mortos, os que existem mortos, e salvar-se voluptuosamente na vida. Não era uma mulher qualquer. Era Rosa Maria Bandera.

Falou-lhe longamente do amor. Distraíram-se um instante ao salto de um casal de gatos que pulara na rua, do quintal em frente. Mas não. O rumor dos gatos não os distraíra. Antes, fecundara a atmosfera de amor, que enevoava também os olhos redondos de Maria Eulália, com o grito lancinante do amor. Pois os miados da gata no cio provocavam um pungente clamor do macho, que a rondava com o passo medido e sábio de um dançarino, todo o corpo reteso, os músculos tensos na ginástica suprema dos felinos, pronto para o bote, como a corda do arco esticado ao desferir a flecha certeira sobre o cobiçado alvo. E ela o aguardava, agachado o corpo elástico, meneando as ancas, como as bailarinas da dança javanesa, que se torcem no sagrado ritmo sem se moverem do mesmo lugar, os pés plantados como cravos no chão. Agora ondula o macho o corpo na espectativa extrema do último salto, e a fêmea geme imóvel, sob a luz das estrelas. Apenas os quadris arquejam moribundos — erecta, extática, endurecida a cauda malhada — palpitante e trêmula sob ela, à verde luz da lua, aberta e rubra a flor do sexo.

Rolaram na calçada fria, ao clamor dolorido, à delícia cruel das garras curvas, à faísca dos olhos coruscantes. Era o amor.

Raimundo acompanhara a cena sem fixar os gatos, estudando-lhes os movimentos no ballet que suas sombras desenhavam no chão. Tinha agora toda a atenção posta nos dois animais, quando um profundo soluço o fez voltar-se para suas amigas.

Era Rosa Maria Bandera que cobria o rosto com as mãos.

Amparou-a suavemente, tomou-lhe as mãos entre as suas, e quando ela o fitou, tinha ainda ao sorrir duas lágrimas nos olhos. Mas suas pupilas verdes pareciam mais lavadas e seu sorriso mais puro. Pois ela vira uma imagem do amor.

Olharam-se longamente, enquanto Maria Eulália continuava a observar os gatos com curiosa perversidade. Teve a impressão de que na lembrança de sua retina agora lavada, passara a figura do rapaz que acaba de abandonar e que ela, por um instante, a comparara com a estampa doce e viril de seu rosto de homem maduro. E de que o outro se desfizera como uma sombra. Para sempre. Apertou-lhe a mão sem lhe dizer uma palavra, apenas com um boa-noite murmurado quase em cicio.

Ele também não soube dizer mais nada, e apenas murmurou:

— Boa noite... Rosa Maria Bandera.

Recolheu-se ao apartamento solitário, que vinha sendo a única testemunha de sua fadiga, de suas inquietações, de seu silencioso trabalho naquele famoso romance em que estava pondo o fervor de seu próprio sangue, as perguntas dramáticas de seu destino, queimadas no forno do ser — como dissera, nos dias da adolescência, seu amigo Tito.

Não sabia, talvez, que o vigor erótico, a luta contra a morte, contra a destruição, a perene adolescência que plantara em suas últimas páginas era, possivelmente, o maior desmentido à sua impressão de estar cansado do amor. Estaria, no máximo, cansado de procurá-lo. E toda aquela prodigiosa intensidade que conseguira no capítulo escrito à véspera, era, quem sabe, a anunciação do iminente descobrimento do amor, a recompensa dos sacrifícios e da pureza com que buscara em tantos corpos deliciosos e afinal vazios, sua garantia de salvar-se do mundo dos mortos, de salvar alguém desse mesmo mundo e frustrar a destruição com a construção da imarcessível adolescência.

Aquele capítulo — releu duas ou três páginas — parecia-lhe agora ter, na tersa precisão do estilo, a mesma ágil e certeira tensão dos músculos do gato de ainda há pouco no salto glorioso sobre a fêmea.

Sorriu satisfeito com seu trabalho, tomou a *Divina Commedia* à cabeceira, para ler, como sempre, quatro ou cinco tercetos antes de dormir, acariciou o livro querido, como se falasse ao poeta amigo:

Tu se' lo mio maestro e lo mio autore:
Tu se' solo colui, da cu' io tolsi
Lo bello stile, che m'ha fatto onore.

Não conseguiu, porém, fixar-se em nenhuma página do Mestre.

Antes de deitar-se, abriu um pouco a veneziana para olhar o céu pela derradeira vez antes de dormir, como de hábito.

Instintivamente, murmurou o verso final de cada um dos três cantos do Dante, fechados sempre com a luz e o nome das estrelas:

— *e quindi uscimmo a riveder le stelle* —

— *puro e disposto a salir alle stelle* —

— *l'lamor che move il sole e l'altre stelle.* —

Mas quando deitou-se e apagou a luz, é que se deu conta: não olhara para o céu nem para as estrelas, pois apenas, instintivamente, sem querer, o que fitara fora a janela do quarto de Maria Eulália, onde ainda brilhava uma luz pálida, a cujo débil clarão se revolvia nos lençóis, sem poder dormir, palpitando a pupila em seus olhos de gata, o corpo dourado e nu de Rosa Maria Bandera.

No dia seguinte, respondeu cartas do Brasil, de Francisco, de Miguel, de Adeodato e de Joaquim sobre a política. E a política lhe trouxe de novo aquela idéia de cansaço.

Não. Precisava de repouso. Precisava descansar de tudo e de todos. Inclusive das mulheres — repetiu — mas já sem muita convicção.

À tarde, deu uma volta pelas ruas de Viña del Mar, tomou o chá com Renate, uma amiga alemã, em seu pequeno apartamento de Recreo Alto. Foi a Valparaíso, voltou no automóvel da elegante senhora de um diplomata inglês de Santiago, que lhe acariciava provocadoramente a coxa com as mãos, às vezes com suas lindas pernas brancas, mas resistiu: estava cansado das mulheres, especialmente dessas senhoras casadas, de suas aventuras e complicações.

Era noitinha, a boca da noite ainda clara da primavera, aquele crespúsculo violáceo do céu metálico do Pacífico, que lhe mostrara Mercedes Oliver do alto do Cerro Castillo, quando sentou-se à mesa para continuar no trabalho de sua famosa novela.

Bateram à porta. Acompanhada de uma amiga, era Rosa Maria Bandera.

Entrou um pouco embaraçada, quase tímida, o oval de Piero della Francesca entre os pequenos seios, sobre um vestido azul, desmaiando sobre o azul, sob os cabelos muito negros a palidez morena de seu rosto chileno.

Como ele se queixara, na véspera, de uma leve irritação na garganta, passara apenas para saber se não apanhara um desses resfriados tão comuns ao vento frio da corrente de Humboldt.

Pediu-lhe para examinar de perto o oval de Piero della Francesca. Era, talvez, um pretexto para aproximar-se dela e sentir de novo aquele aroma fresco e limpo que evolava das orelhas escond'das pelos cabelos. Mas ela afastou-se um pouco e dobrando a cabeça sobre o pescoço, retirou-o do peito e passou-lhe às mãos.

Também ela se pôs a examiná-lo com ele, à luz do abat-jour da mesa de escrever. Tinha-o na palma da mão, curvaram-se os dois para olhar de perto. Num dado momento, com aquela finura do instinto que os outros nunca percebem nessas ocasiões — a amiga não o percebeu — juntaram-se tanto os seus rostos, que os macios cabelos negros lhe acariciaram a face e as peles se roçaram quase imperceptivelmente, quando ele levantou a cabeça.

Ela não estava olhando o medalhão. Tinha os olhos fixos em seu rosto maduro e moreno que parecia desabrochar como uma flor selvagem no fundo da ansiosa pupila verde de Rosa Maria Bandera.

Depositou sobre a mesa o medalhão. Constrang'da pela presença da amiga se recompôs, pediu-lhe para conhecer o pequeno apartamento. Mostrou-lhe as duas únicas peças além da sala, parecia um pobre alojamento de estudante, com o quarto onde vinha Tito às vezes escrever seus poemas e seu quarto de dormir.

Entrou nele, sentou-se um instante à cabeceira da cama, examinou os livros sobre a mesinha, disse qualquer coisa à amiga sobre a gravura, um cavalo azul de Antônio José, e voltou à sala.

Abriu a bolsa com vagar, fechou-a disfarçadamente. Teve a impressão de que ela colocara alguma coisa dentro, mas não deu maior atenção ao fato.

A amiga falou-lhe da hora, despediu-se quase abruptamente, iam juntas ao cinema e estava em cima da sessão.

Tremia-lhe a mão quando se despediram, até qualquer dia.

Acompnhou-a à saída da pequena varanda do apartamento, o corpo franzino dentro do vestido azul coleando como uma pequena serpente em pé. Era a primeira vez que a via andar de costas. E seu andar era quase melodioso, como o de uma gata sonolenta, o estranho ritmo de volúpia erótica das pequenas ancas lembrando o tremor das pupilas de ouro que pareciam conter e reger toda a poderosa beleza de seu corpo.

Contemplou-a, pequena serpente em pé dentro do vestido azul, até desaparecer na esquina, de onde lhe acenou ainda, levantando o braço, iluminada pelo lampião da rua a axila tonsurada.

Fechou a varanda, agasalhou a garganta na bufanta de vicunha comprada ao Flaño, e acendeu o cigarro. A fumaça erguia-

se ondulante e de dentro de sua coluna azul parecia erguer-se, agora dourada e nua, a pequena serpente caminhando.

Não podia fazer mais nada. O apartamento estava todo cheio dela. Sua sombra, seu perfume, sua voz de vinho embriagava cada canto da sala. Com o torpor de um veneno parecia ouvir o sangue nas veias.

Abriu um livro, não pôde ler. Entrou no banheiro, deixou correr longamente a ducha tíbia sobre o corpo moreno. Acariciava, preguiçosamente, a olorosa espuma do sabão inglês — resto dos contrabandos de Domingo Vicuña Mackenna — a espuma deslisava em nuvens sobre a pele de bronze, sobre os recônditos pelos negros, mas não conseguia relaxar os membros endurecidos.

Fechou a ducha e deixou-se ficar longamente, sem enxugar-se, a toalha na mão, a água escorrendo dos cabelos e do corpo.

Afinal secou-se, lentamente, achou um cheiro novo, provocante, quase afrodisíaco, na lavanda silvestre que usava há mais de vinte anos, vestiu o pijama claro, o robe vermelho que comprara ao Elmo, em Copacabana, e tentou descansar.

Haviam decorrido uns vinte ou trinta minutos desde que ela saíra. Ia quase adormecendo, à levíssima embriaguez da lavanda olorosa que completava o suave relaxamento do banho tépido e da meia-luz do quarto, quando bateram à porta.

Quem poderia tirá-lo, àquela hora, de sua divagação e de seu repouso? Pensou em não abrir, demorou um pouco, mas a campainha insistiu.

Levantou-se preguiçosamente, iluminou a sala e abriu a porta. Era Rosa Maria Bandera.

Havia um estranho acento em sua voz, que se esforçava por fazer natural, mas que saía num tom deliciosamente, longinquamente enrouquecido, como se não viesse da garganta, mas das últimas profundezas de seu ser.

Explicava-se, atropelando as palavras. Que havia deixado a amiga à porta do cinema, excusando-se de não poder acompanhá-la, sentira-se subitamente mal, com uma tontura na cabeça, não era nada, lembrara-se de passar antes pelo apartamento, para levar seu Piero della Francesca que esquecera sobre a mesa.

De fato, sobre o vestido azul, entre os dois pequenos seios que pareciam bulir como um pássaro vivo que se pega na mão, havia apenas a marca do alfinete que prendia o oval esmaltado com o perfil de Catarina Sforza.

Procuraram sobre a mesa, entre os livros, mas também não estava.

— Talvez no quarto — lembrou. Jogou a bolsa sobre o travesseiro, sentou-se no mesmo lugar onde se sentara antes, e começou a procurar entre os livros e objetos da mesinha de cabeceira.

Raimundo sentiu acordar de repente seu velho faro de macho entendido em fêmeas. Teve uma intituição. Lembrou-se do gesto rápido, disfarçado e suspeito com que ela fechara a bolsa à hora de sair.

Apanhou-a sem que ela o visse. Abriu. O pó-de-arroz, o creme de rosto, o rouge, o baton, a escova de sobrancelhas, um pente, uma lixa de unhas, a carteira de notas, alguns grampos de cabelos, coisas íntimas de mulher. No fundo um pequeno espelho. Debaixo do espelho, com seu esmalte azul e vermelho, o belo rosto de Catarina Sforza, de quem se diz que foi condessa e puta, bastarda do Conde Galeazzo Sforza, mulher de João di Medicis, no oval de Piero della Francesca.

Ela sabia que estava ali. Mas continuava procurando, agora na gaveta do criado-mudo, onde encontrou o retrato de Lúcia Isabella, e voltou-se para mostrar-lhe, perguntando, com a voz estrangulada, quem era.

Ele sorriu-lhe e mostrou, entre os dedos, o oval de Piero della Francesca, dizendo apenas cavalheirescamente:

— Achei.

Fitaram-se um instante. Ela estava quase chorando, a voz se tornara mais baixa, mais difícil na garganta. Estava toda ela no fulgor da pupila palpitante e o quarto inteiro parecia cheio daquela pupila. E ao fremente desejo quase visivelmente estendido sobre as próprias paredes, sobre os móveis, sobre a luz lactescente e o ar que respiravam, ele sentiu todos os músculos retesarem-se em seus membros.

Era toda ela uma pupila acesa, imóvel, trêmulos apenas os músculos das ancas, sob o vestido azul gata dourada, a cauda erecta, endurecida, na relva negra aberta a rubra flor do sexo.

O macho armara o bote.

Mas quando ela o esperava, foi docemente, suavemente, que a reclinou na cama, e o vestido se foi abrindo, já nem sabia como, e nua, gloriosamente nua, os corpos unidos da cabeça aos pés, as duas bocas se nutriam do beijo e da vida, um do outro.

Ela tinha a impressão de que começava a nascer. Ou a transpor a morte. O macho a farejava da cabeça aos pés, as narinas dilatadas, o coração na ponta da língua, aquela língua ora suave e doce, ora rígida e áspera, que parecia abrir uma rosa em cada losango de sua epiderme, e ardia e embriagava como um licor irresistível, serpente e borboleta inquieta no entumecido botão de rosa, sobre a estrela de relvas de seu sexo.

E de repente, foi como se a lâmina inflamada de um punhal, mas de um punhal de mel e hortelã, lhe apunhalasse as entranhas e lhe tocasse com a ponta a ponta do coração. E ao coração, como à maçã partida, rachava-se a polpa imaculada.

E era agora o ritmo imortal entre a cintura e as ancas, eram o macho e a fêmea, e o macho sobre a fêmea, e o macho dentro da fêmea, e a fêmea poderosa e frágil ao movimento e à forma de seu regaço, modelando a forma sagrada que guardava dentro. Na fálica ternura acomodada como um punhal em sua bainha.

E continuava o ritmo e todo o quarto parecia cheio dele, como a imagem que enche a pupila ou o perfume denso que enche o ar.

De súbito, foi um grito, como se fosse o primeiro e o último de sua vida, como se a imensa boca de um abismo se abrisse e sorvesse tudo, e ele se dissolvesse todo dentro dela, tragada tragando o abismo, o perfume, o ar, o quarto, o ritmo moribundo submergido, esvaziado tudo na sombra, no silêncio, num suspiro que partiu e se extinguiu, dos dedos dos pés à ponta dos cabelos.

Quando saiu lentamente de dentro dela, viu, caído ao pé da cama, o oval esmaltado de vermelho e azul de Piero della Francesca. Comparou os dois rostos. Beijou-lhe a relva ainda úmida do sexo, a flor do umbigo, o pequeno seio esquerdo. Beijou-lhe docemente as pálpebras e cobriu-lhe o corpo nu. Adormecera e dormia sorrindo. Porque era este o primeiro sono da vida de Rosa Maria Bandera.

Acordou primeiro do que ela. Dormia de lado, prendendo a mão do macho que, entrada pelos quadris, pousara entre os negros pelos de seu sexo. Tinha as ancas, as coxas unidas, como se não quisesse que aquela mão abandonasse, durante a noite, durante o próprio sono, o amoroso sítio.

O sol da primavera já entrava pela janela, levemente azulado às frestas da veneziana. Um galo de campina cantava seu canto matinal na roseira do jardim de Teresa ou de Maria Eulália.

Retirou a mão adormecida de suas coxas, e quando ela despertou, deitada de lado, não chegou a ver-lhe o rosto, porque ele já a trespassara de novo com o pungente, delicioso punhal de mel e hortelã.

Quando acabaram, durante longo tempo não disseram uma palavra. Livre como um pássaro, viajava sua imaginação, como as visões de fantasia que nos deleitam nos momentos de plena despreocupação. Pensava em coisas talvez absurdas: um galho de cerejeira balançando na varanda de um apartamento à beira-mar. Um cavalo alazão galopando nas estradas ao sol do verão.

Um navio deslisando no mar azul em noite de lua cheia. E os galos de campina cantando nas roseiras.

Sentia-se tão livre, que tinha a impressão de que mesmo as velhas prisões do passado nem sequer a conheceriam. Estavam todos mortos e os mortos só podem ver os mortos, só conhecem os mortos. Talvez nunca a tivessem visto e conhecido em sua própria casa.

Agora, então, jamais a poderiam ver. Jamais a poderiam conhecer. Pois ela estava viva. E ainda que a vissem, amparada para sempre ao braço de seu macho, jamais poderiam saber que era ela — Rosa Maria Bandera.

Viña del Mar, 1964

a Augusta e Gumercindo

Composto e Impresso na